



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

**Os critérios de noticiabilidade adotados numa
redação desportiva
O caso do Jornal de Notícias**

Márcia Cristina Soares Correia

Relatório de estágio para obtenção do Grau de Mestre em

Jornalismo

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Nuno Alexandre de Oliveira Marques Francisco

Covilhã, junho de 2019

Agradecimentos

Aos meus pais, pelo esforço que fizeram ao longo destes cinco anos para que pudesse concretizar este sonho. Sem vocês nada seria possível.

Aos meus irmãos, por serem os pilares da minha vida.

Ao Professor Doutor Nuno Francisco por todo o acompanhamento prestado, pelas sugestões e pelas críticas construtivas.

Aos meus colegas do *Jornal de Notícias*, por todos os ensinamentos. Guardo todos no coração com um carinho especial.

A todos aqueles que fizeram parte deste percurso, cujos nomes não irei nomear, mas que se revelaram imprescindíveis nesta caminhada, quer pelo apoio desmedido quer pelas palavras constantes de incentivo.

Resumo

A evolução do jornalismo abriu espaço para o surgimento de ramos específicos, espoletando o interesse dos cidadãos por conteúdos personalizados. É neste ambiente que o jornalismo desportivo ganhou forma e uma legião de adeptos. Os meios de comunicação ao acompanharem a par e passo a realidade social, contribuíram de forma acérrima para o desenvolvimento desta especialização jornalística, dado o protagonismo conferido.

O sucessivo destaque editorial é matéria de análise, uma vez que o Desporto envolve inúmeras práticas, no entanto o realce parece estar sempre confinado a uma única modalidade: o futebol. Aquele que é considerado o desporto rei aparenta assaltar as capas e os conteúdos noticiosos desportivos, relegando as demais modalidades existentes para segundo plano. É neste seguimento, que o presente estudo procura encontrar fundamentos para esta hegemonia futebolística.

Será que os critérios de noticiabilidade aplicados variam de modalidade para modalidade? De forma a encontrar resposta para a questão colocada, bem como para outras que se revelam pertinentes, baseei-me na recolha e análise de dados, centrados nas capas e nas páginas da secção de Desporto de um mês do *Jornal de Notícias*, complementando este estudo com a realização de entrevistas, nomeadamente ao próprio protagonista, o editor, a quem cabe as tomadas de decisão editoriais, assumindo-se, por isso, como o responsável pela divisão do protagonismo desportivo. Após a análise a que me propus levar a cabo, mediante a aplicação dos vários critérios noticiosos, o futebol sedimentou a posição líder dos destaques, assumindo-se claramente como o privilegiado. O desporto rei demonstra gozar de uma aplicação de critérios mais amplos comparativamente com as restantes modalidades desportivas, dependentes do calendário desportivo anual para se assumirem como matéria de notícia.

Palavras-chave:

Jornalismo Especializado; Jornalismo Desportivo; Futebol; Modalidades Desportivas; Valor-Notícia

Abstract

The evolution of journalism opened space for the emergence of specific branches, triggering the interest of citizens in personalized content. It is in this environment that Sports Journalism gained form and a legion of followers. The media, by following the social reality step by step with each other, have contributed decisively to the development of this journalistic specialisation, due to the protagonism that has been conferred.

The successive editorial prominence is a matter of analysis, since that sport involves countless practices, however the emphasis always seems to be confined to a single modality: Football. The one that is regarded as the king sport seems to steal the covers and the sports news content, relegating the other existing sports to second place. It is in this context that the present study seeks to find grounds for this football hegemony.

Do the applied criteria of reportability vary from modality to modality? In order to find an answer to the question raised, as well as to others that reveal to be pertinent, I based myself on a collection and analysis of data, assigned to the covers and pages of the Sports section of a single month of the Jornal de Notícias, complementing this study with interviews, namely to the protagonist himself, the editor, who is responsible for the editorials decisions, assuming, therefore, as the responsible for dividing the sports protagonism. Following the analysis that I proposed to conduct, through the application of various news benchmarks, football consolidated its leading position in terms of highlights, clearly assuming itself as the privileged one. The king sport evidences to benefit from an application of wider criteria compared to the other sports modalities, that are dependent on the annual sports calendar to be assumed as news matter.

Keywords:

Specialized Journalism; Sports Journalism; Football; Sports; News Value;

Índice

Introdução.....	1
Parte I - Descrição e caracterização do estágio.....	3
Capítulo I – Apresentação do Jornal de Notícias.....	3
1.1 - História do Jornal de Notícias.....	3
1.2 - O Jornal de Notícias hoje.....	6
Capítulo II - Reflexão crítica do estágio	11
2.1 - Considerações finais sobre o estágio.....	16
Parte II - Enquadramento Teórico.....	19
Capítulo III. Do jornalismo especializado ao jornalismo desportivo.....	19
3.1 - A imprensa portuguesa: Breve contextualização histórica.....	19
3.2 - Jornalismo na era da comunicação digital.....	25
3.3 - Jornalismo especializado.....	29
3.4 - Jornalismo Desportivo.....	31
3.5 - A consolidação da imprensa desportiva.....	35
3.6 - O jornalista desportivo.....	37
Capítulo IV. Do Gatekeeper ao Newsmaking.....	41
4.1 - O processo de Gatekeeping.....	41
4.2 - O newsmaking: critérios de noticiabilidade.....	43
4.3 - O valor-notícia.....	46
4.4 - Rotinas produtivas na prática jornalística.....	55
Capítulo V – A dicotomia do jornalismo desportivo português: Futebol <i>versus</i> Modalidades.....	59
5.1 - O futebol como “desporto rei”.....	59
5.2 - A hegemonia dos “três grandes”.....	66
5.3 - O papel secundário das modalidades.....	71
Parte III - Estudo de caso.....	75
Capítulo VI - Análise empírica: Os critérios de noticiabilidade adotados na redação desportiva do <i>Jornal de Notícias</i>	75
6.1 - Metodologia do estudo de caso.....	76
6.2 – O Desporto na primeira página.....	78
6.3 – Análise aos conteúdos pertencentes à secção de Desporto.....	84
6.4 – A aplicação de critérios desiguais no mundo jornalístico desportivo.....	90
Discussão dos resultados e conclusão.....	97

Referências	101
Anexos 1	105
Anexos 2	115

Lista de Figuras

Gráfico I- Número total de presenças de Desportos representados na capa do Jornal de Notícias.....	79
Gráfico II.- Número total de presenças dos “quatro grandes” na capa do Jornal de Notícias.....	80
Gráfico III.- Valores-notícia eleitos na capa do Jornal de Notícias com a respetiva quantidade total.....	83
Gráfico IV.- Tema das notícias divulgadas na secção de Desporto.....	84
Gráfico V.- Número total de notícias divulgadas sobre um dos “três grandes”.....	85
Gráfico VI - Número total de notícias divulgadas sobre cada um dos respetivos campeonatos internacionais.....	87
Gráfico VII- Quantidade de notícias publicadas sobre as modalidades extra futebol mais noticiadas nas páginas do JN.....	89
Gráfico VIII.- Valores-notícia eleitos no Jornal de Notícias durante o período analisado.....	92

Introdução

A paixão pelo desporto surgiu desde tenra idade. Seguir jornalismo foi uma consequência, de modo que a vertente desportiva espoletou sempre um maior entusiasmo em comparação com as demais. É no contexto de leitora assídua dos conteúdos desportivos, que a temática em causa suscitou interesse, julgando ser notória aos olhos de cada um de nós, atentos ao jornalismo desportivo, perfazendo, assim, deste tema um assunto atual.

Quer seja na imprensa escrita, radiofónica ou televisiva, em todos os meios de comunicação podemos inteirar-nos dos mais pequenos acontecimentos, no respeitante ao mundo futebolístico. O jornalismo parece estar voltado para aquele que é considerado o desporto rei, relegando as demais modalidades. O nível de informação disponível sobre o futebol, não se encontra em outras modalidades, como se os critérios de valor-notícia aplicados num e noutras fossem distintos. Conteúdos relacionados com escalões futebolísticos competitivos inferiores são matéria de divulgação, o mesmo não se pode dizer, por exemplo, sobre as modalidades rainhas de pavilhão.

É neste contexto desportivo atual, que a investigação se submete a descodificar os motivos inerentes a estas escolhas editoriais por parte dos órgãos de comunicação social, tomando como referência um jornal nacional, o objeto de análise: *Jornal de Notícias*. Num total de 805 notícias desportivas publicadas no diário, no período de um mês, tomei como ponto de partida os valor-notícia teorizados por Néelson Traquina (2007), de forma a decifrar as diferenças existentes entre as escolhas dos jornalistas da secção de Desporto no tratamento das notícias relativas ao futebol e às modalidades. Esta investigação inclui uma análise às capas deste jornal centenário, por constituírem-se a montra do jornal, uma vez que é a primeira imagem com a qual o leitor se depara. Neste sentido, nela constam as notícias mais impactantes do dia, sendo que o desporto se exhibe de forma sistemática. De imediato, nesta análise, começam a sentir-se as primeiras diferenças, patenteando a dicotomia existente entre o futebol e as modalidades.

O presente relatório encontra-se dividido em três partes.

A primeira parte encontra-se dividida em dois capítulos. Inicia-se pela caracterização do órgão de comunicação em análise, seguindo, posteriormente, uma descrição ao período de trabalho no *JN* durante os três meses de estágio, por meio de um breve resumo, assim como uma análise crítica ao mesmo.

A segunda parte diz respeito à revisão bibliográfica e encontra-se dividida em três capítulos, suportados por uma investigação acerca do estudo em causa. Desde a história do jornalismo até ao surgimento do jornalismo especializado com foco para o desenvolvimento progressivo do jornalismo desportivo impresso em Portugal. Já no segundo capítulo, com base na conceção de três autores- Galtung e Ruge (1965), Mauro Wolf (1987) e Traquina (2007)- foram desmistificados os princípios adjacentes ao presente estudo. Ainda assim, embora os autores

mencionados tenham estudado vários valores-notícia, julgo não serem os suficientes no âmbito desta pesquisa. Assim sendo, a *crónica de jogo* e a *antevisão* ao não estarem incluídos na lista conjeturada foram acrescentados no estudo de caso, de modo a suprir esta falta revelada em termos de conteúdo desportivo. A fechar a parte teórica é traçada a dicotomia existente entre o futebol e as modalidades.

Na terceira parte, materializada na parte prática do relatório, estão presentes os objetivos bem como a metodologia utilizada para levar a cabo o estudo, nomeadamente as técnicas de recolha de dados. Por fim, o estudo de caso. O leitor pode encontrar uma investigação profunda às notícias divulgadas no *JN* sobre todos os desportos ao longo do período em análise, enquadradas posteriormente nos valor-notícia eleitos prioritários consoante a modalidade em questão, de modo a ser possível retirar conclusões palpáveis acerca da dicotomia existente no panorama desportivo nacional. Posto isto, a discussão de resultados encerra o presente relatório.

Parte I - Descrição e caracterização do estágio

Capítulo I - Apresentação do Jornal de Notícias

1.1 - História do Jornal de Notícias

2 de junho de 1888. Passaram-se 122 anos desde o primeiro jornal a figurar nas bancas, intitulado de *Jornal de Notícias*, com quatro páginas em formato grande (60 cm x 41 cm), ao preço de dez reais, e com uma tiragem de 7500 exemplares. Numa altura em que a cidade atravessava um período de crescimento, mas em que as comunicações entre as cidades ainda eram muito rudimentares, o jornal diário nacional surgiu por meio de um grupo de políticos ligados ao Partido Regenerador, com o objetivo de defender os interesses dos leitores e conquistar a opinião pública de modo a promover a denúncia dos abusos do poder político. Já o nome foi eleito por ser “um título de feição universal que exemplifica lapidarmente a própria atividade jornalística, a qual consiste, justamente, em transformar os acontecimentos em notícias, através da sua publicação” (Sousa, 1988, p.41).

Não obstante, definiu-se como uma publicação pautada “pelo rigor da sua informação” (Jornal de Notícias)¹, considerando-se um jornal popular de qualidade que pratica um jornalismo que coloca como protagonista o interesse dos leitores (Jornal de Notícias)². Assim sendo, o primeiro número revelou já preocupações a nível gráfico, quanto à disposição interna das rúbricas, na procura de informações e publicidade, mostrando desde logo, que em nada perdia para os periódicos publicados na cidade (Sousa, 1988, p. 51).

Todavia, no início do século XX, o *JN* adotou com maior afincos os laços de proximidade com o público, ao tornar-se independente, afastando-se de qualquer ligação partidária. Desde cedo, os responsáveis pelo jornal delinearam um estilo para o jornal, que com o passar dos anos, evoluiu de um modelo editorial político para uma dimensão de imprensa popular. Ora, com o intuito de chegar a um público mais amplo, contrariando o modelo vigente que favorecia as elites sociais, adotou um formato mais popular e acessível ao cidadão comum, opondo-se ao conservadorismo dos jornais portugueses da época, com uma matriz editorial elitista. A mudança não foi aceite por todos, tornando-se um processo gradual, uma vez que a resistência ao desenvolvimento do jornalismo popular era grande, por meio da consideração da profissão como uma forma de exercício da literatura ou um combate ideológico (Lima, 2017).

Assuntos “mais humanos” começaram a figurar nas capas dos periódicos, atraindo a atenção dos consumidores. Uma imprensa mais informativa e com notícias impactantes levou à inclusão

¹ Disponível em: <https://www.jn.pt/estatuto-editorial.html>

² Disponível em: <https://www.jn.pt/arquivo/2005/interior/jornalismo-popular-de-qualidade-524248.html>

das *soft-news* na agenda diária do *Jornal de Notícias*, incutindo emotividade às temáticas nacionais, principalmente em peças sobre tragédias humanas. Em consonância com um formato sensacionalista, os textos caracterizavam-se por uma forte carga emocional, cujos crimes passionais eram matéria de eleição:

"Entretanto o Teixeira evadia-se, o Serafim erguendo-se a escorrer sangue que lhe saía aos borbotões pelo golpe recebido, e sem poder articular mais do que uns gritos roucos, abafados pelo sangue que lhe saía às golfadas pela boca, foi cair próximo à capelita da invocação da Senhora da Piedade, que se acha erecta frente à praia (...)". (JN, 17 de julho, 1900)³

Apesar da transformação editorial, o diário manteve o tom sério e rigoroso, pelo qual se pautava até aos dias de hoje. Uma outra transformação surgiu com a inclusão de um maior número de gravuras nas edições de domingo, sendo a maioria delas de carácter humorístico. Os progressos constantes contribuíram para o progressivo aumento do círculo de leitores, curiosos acerca da evolução do periódico, sendo que as estratégias não se ficaram por aqui. O próximo passo incidiu sobre o público feminino. Surgiram novas rúbricas, como é exemplo a “Crónica de Moda”, acompanhada de imagens de vestuário e chapéus, um tema claramente voltado para as mulheres da época.

Em 1901, perante a afluência de leitores, o jornal transpôs as quatro páginas que se mantinham desde a fundação, alcançando a meta das seis, oito e dez páginas, com uma apresentação mais equilibrada devido ao complemento entre texto e imagem. Desde cedo, o diário apresentou desenhos ou gravuras a par do conteúdo informativo produzido. Tornou-se até presença obrigatória em algumas rúbricas, tornando-se o primeiro diário do Porto a patentear páginas ilustradas. Os cuidados pela apresentação do jornal, em especial pela primeira página, incitaram esta aposta nos conteúdos visuais por parte da empresa.

O ano de 1909 marca a integração de um novo tema popular: o desporto (Lima, 2017). Nessa época, uma edição do *Jornal de Notícias* figurou nas bancas com quase toda a primeira página dedicada ao jogo entre o Futebol Clube do Porto e o Clube Internacional de Lisboa, ilustrado com duas fotografias de cada uma das equipas. O destaque concedido à partida fez antever de imediato a dimensão deste novo fenómeno. A visibilidade concedida ao Norte do país, sem nunca esquecer o seu carácter generalista, prende-se com o fato do volume de vendas ser especialmente maior na área da sede do diário: distrito do Porto. Como tal, o Porto em especial e o Norte em geral merecem particular destaque entre as páginas do centenário.

Com o aparecimento de um motor eléctrico *AEG* - 20 cavalos de potência - as oficinas de impressão ganharam maior capacidade, a juntar à invenção anterior da reprodução de fotografias e desenhos através do sistema de fotogravura, permitindo a aceleração da reprodução e, conseqüentemente, o desenvolvimento gráfico. As alterações prosseguiram nas décadas seguintes, nomeadamente após o surgimento dos novos meios de comunicação, a rádio e posteriormente a televisão, obrigando o *Jornal de Notícias* a adaptar-se face à concorrência

³ http://revistahc.sopcom.pt/ficheiros/20170909-helena_lima.pdf

existente. A aposta recaiu na diversidade e enriquecimento dos conteúdos. O desporto, nomeadamente o futebol e o ciclismo, gozaram de um alargamento do espaço noticiário, o que originou o surgimento de novas reportagens anuais da “Volta a Portugal em bicicleta”, entre outras.

Ora, tal como nos demais títulos nacionais, o período da ditadura provocou a nacionalização dos órgãos de informação, de modo que o *JN* passou para o domínio do Estado. Este período provocou uma instabilidade informacional e administrativa, causando a perda de leitores dada a mudança editorial devido às imposições estatais. No entanto, o jornal português conseguiu dar a volta por cima e retomar a sua génese inicial, a que o levou ao topo das tiragens nacionais, e que o fez por lá permanecer. Numa época marcada pela efemeridade dos títulos nacionais, vingou no panorama do jornalismo português, afirmando-se como um jornal de referência junto dos leitores.

Com uma posição bem consolidada, atualmente segundo a Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT), o *JN* apresenta uma tiragem a rondar os 60 mil exemplares e uma circulação de 50.545 mil, no que diz respeito ao primeiro bimestre de 2018, assumindo-se como o segundo diário de informação geral mais vendido no país, ficando apenas atrás do Correio da Manhã (CM).

Com um logótipo facilmente reconhecido por todos, pautado por uma sobriedade de cores, entre as letras brancas (JN) e o fundo azul, ou não fosse o azul a cor representativa da cidade invicta, num tipo de letra simples, surge, maioritariamente, no canto superior esquerdo da capa do jornal diário.

À versão impressa juntou-se a plataforma *online*, o www.jn.pt. Datava o ano de 1995, quando o Jornal de Notícias se aventurou na criação deste novo meio de comunicação, de modo a acompanhar a evolução dos meios tecnológicos. Desta forma, tornou-se o primeiro meio de comunicação social português a criar um *site*, como forma de distribuição de conteúdos noticiosos, fazendo disso uma constante, uma vez que a publicação de notícias sobre os temas do dia tornou-se incessante. Assim, aproximou-se dos leitores por meio da facilidade de acesso à informação, disponível através do *site* oficial, sendo necessário apenas estar conectado à Internet. Entre os *media* nacionais, a empresa proprietária do *JN* detém a liderança absoluta na informação digital, sendo que o jornal português conta com o recorde do número de visualizações por mês (121,9 milhões) e com 22,7 milhões de visitas no mês de maio, em dados referentes ao ano transato. Ao afigurar-se como um jornal a par dos desenvolvimentos tecnológicos, as mudanças são constantes.

Seguiu-se a aposta nas redes sociais, com a criação de uma página no Facebook, Twitter e Instagram. A aposta foi tão bem-sucedida, que o Jornal de Notícias é o jornal português com mais seguidores no Facebook, contando com mais de dois milhões de gostos. A partilha das notícias por via do meio facilitam o acesso, uma vez que redirecionam, de imediato, através

de um simples clique, o utilizador para o conteúdo na íntegra, caso o tema lhe desperte curiosidade. Em 2011 o *JN* disponibilizou o jornal em versão digital (e-paper), concedendo a oportunidade aos leitores de se manterem sempre informados, sem precisarem de se dirigir às bancas, podendo ter acesso exatamente às mesmas notícias, com a única diferença a recair no suporte de leitura (Iphone, Ipad, Android, entre outros). “Mais económico, mais rápido e mais cómodo” foram os adjetivos escolhidos no momento do lançamento da novidade que, nas palavras do, na altura, diretor do jornal, José Leite Pereira, marcou para o *JN* “uma etapa importante no negócio digital”.⁴

Ora, um novo progresso tecnológico surgiu aquando o *Jornal de Notícias* lançou a app para smartphones, de acesso simples e gratuito, de maneira a que os utilizadores possam ter acesso a toda a informação publicada *online* sobre o País, o Mundo, o Desporto, a Economia, e uma série de outros conteúdos. A inovação não se ficou por aqui e surgiu, em dezembro 2016, uma nova iniciativa, o “*JN Direto*”, no qual surgem repórteres no local dos acontecimentos que assim o justifiquem, a cobrir a emissão em direto, com transmissões a partir do *site* ou do Facebook. Todos os dias, a atualidade informativa marcante do dia é publicada num vídeo com a duração de 60 segundos.

1.2 - O Jornal de Notícias hoje

Atualmente, o *Jornal de Notícias* é o único diário generalista sediado no Porto, na Rua de Gonçalo Cristóvão, num edifício com mais de dez andares, cuja redação se encontra no 2º piso e faz parte de um dos maiores grupos de media em Portugal, o Global Notícias - Media Group, S. A..

Recorrendo ao próprio *Jornal de Notícias*, o órgão de informação apresenta-se do seguinte modo:

“Com mais de 128 anos de história, o Jornal de Notícias é reconhecido nos dias de hoje como um título de referência na imprensa generalista nacional. Tendo sido o primeiro jornal a ter uma plataforma digital, tem conseguido ao longo dos tempos a capacidade de se reinventar e adaptar às novas realidades e exigências dos leitores, mantendo o seu carisma a norte. Com conteúdos diversificados, o Jornal de Notícias é uma referência nacional, abrangente e de confiança” (*Jornal de Notícias*, 2019).

Quanto à composição profissional do jornal, a direção é constituída pelo diretor, Domingos de Andrade, por três diretores-adjuntos, Inês Cardoso, Manuel Molinos e Pedro Ivo Carvalho, um chefe de redação, dois editores-executivos, dois editores-executivos-adjuntos, o chefe de edição de cada secção, os editores-adjuntos de cada secção, vários jornalistas e correspondentes agrupados por cada área de trabalho. Sendo a sede no Porto, o jornal conta

⁴<https://www.jn.pt/media/interior/jn-em-versao-digital-chega-hoje-ao-seu-pc-tablet-e-smartphone-1779373.html>

com outra redação em Lisboa, cujos jornalistas cobrem os acontecimentos ocorridos no sul do país, e ainda tem delegações em outras duas cidades: Coimbra e Viseu.

A *Lusa* assume-se como a agência noticiosa a quem os jornalistas do jornal recorrem sempre que necessitam de informações que não detêm ou suplementares; e a *Global Imagens*, uma plataforma onde se encontram disponíveis fotografias da autoria dos fotógrafos ou dos colaboradores interinos.

O número de páginas do diário impresso não prima pela adoção de um número fixo, estando sujeito ao natural desenvolvimento dos acontecimentos da ordem do dia. Composto no mínimo por 48 páginas, pode chegar até às 60, número que atinge, quase sempre, nas edições do fim-de-semana. A versão impressa encontra-se distribuída por treze secções: Primeiro Plano, Nacional, Justiça, Porto, Norte/Sul, Mundo, Opinião, Cultura, Sugestões, Útil & Fútil, Pessoas, Desporto e Últimas. Esta forma de estruturação vai ao encontro da divisão de páginas por regiões e temas principais. Além destas secções, à sexta-feira o *JN* conta com a publicação da revista *Evasões*, com informação relativa à gastronomia, viagens, roteiros, hotéis, turismo e outros temas; ao sábado, o suplemento *Ataque*, destinado ao desporto, e o *JN Urbano*, dedicado à vida nas cidades, com destaque para as questões de urbanismo, temas ambientais, culturais, etc; o suplemento *Dinheiro Vivo*, sobre economia, e a revista *Notícias Magazine*, uma revista de informação geral, ambos publicados ao domingo. A versão *online* também está distribuída de acordo com as secções do jornal impresso, com a única diferença a ser a existência de separadores específicos, dentro da própria secção. Exemplo disso é o Desporto, que apresenta na versão digital segmentos como o “*Running*”, “*Ataque*”, “*Minuto 90*”, “*Jogos ao vivo*”, “*Resultados*” e o “*Planeta Ronaldo*”.

Posto isto, e esmiuçando melhor a organização do jornal impresso, a capa sendo a primeira imagem captada pelo leitor, é a página que assume maior preponderância. Nas bancas o jornal que sobressai aos olhos de quem observa, é o escolhido para compra. Assim, ao chamar a atenção, convida-o a ler. Esta atenção é captada, maioritariamente, por meio da estética apresentada, em resultado do vínculo entre a informação e a diagramação.

A primeira página exhibe os destaques das principais notícias, ou seja, aquelas cujo assunto agrega um valor-notícia maior, motivo pelo qual se integram no conteúdo primordial. De maneira a captar o interesse do público, apelando o leitor ao consumo, veicula de forma sintética parte da informação abordada entre as páginas interiores do periódico. A capa demonstra também a linha editorial do *media* em questão, uma vez que vai ao encontro dos assuntos eleitos como prioritários por parte dos editores responsáveis. Se o Desporto não fosse considerado uma área de eleição pelos responsáveis do *JN*, certamente não iria figurar tantas vezes - como acontece - como notícia de primeira página.

Atentando à organização da capa do jornal português, de acordo com a marca identitária, representada num jornalismo popular, próximo dos interesses do quotidiano, no *JN* as notícias destacadas em grande plano surgem organizadas de duas formas. Tendo em conta que a capa

tem sempre, pelo menos, dois assuntos eleitos como prioritários, um deles é destacado através de uma imagem em grande plano, preenchendo por norma meia página. Quando assim é, o texto a acompanhar é muito curto, existindo apenas um título e um antetítulo, de modo a deixar a imagem falar por si própria. Nota para o facto de ao lado da imagem surgirem pequenas referências a outras notícias, dentro da mesma secção. O outro acontecimento merecedor de maior ênfase, ou seja, o que não surgir através da imagem principal, é destacado por meio de um título em letras bem vistosas, de modo a atrair a atenção do leitor.

Os demais conteúdos merecedores de distinção na folha principal, no espaço restante, surgem em pequenas caixas de texto, apenas com uma palavra a localizar a ocorrência e um título conciso, acompanhados pelo número da página, onde o leitor pode encontrar a notícia na íntegra.

Na contracapa o jornal prima por seguir sempre o mesmo padrão. A abrir, uma coluna com um texto editorial, assinado por um membro da Direção, cujo assunto desenvolvido se integra num determinado acontecimento atual e quase sempre polémico. Logo ao lado, na mesma página, surge um *cartoon* onde, maioritariamente, de forma satírica são ilustradas pequenas ocorrências da atualidade. Ainda há espaço para uma segunda opinião concedida por um cronista convidado.

Segue-se o *Primeiro Plano*, do qual pode fazer parte um tema de qualquer uma das secções existentes, uma vez que é formado pelo assunto de maior importância do dia. Não são raras as vezes que o Desporto assalta a secção, principalmente quando no dia anterior se realizaram jogos internacionais de equipas portuguesas, o que ressalva a importância atribuída pelo generalista aos temas desportivos. Depois, seguem-se as editorias *Nacional*, *Justiça* e *Porto*. Neste último, privilegiam-se as ocorrências ocorridas na zona e nas imediações da sede. Assim sendo, os concelhos do Porto, Maia, Matosinhos, Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Valongo, Gondomar, Vila Nova de Gaia - por vezes, Santa Maria da Feira e São João da Madeira - são áreas com um destaque maior relativamente aos acontecimentos sucedidos na zona sul do país, desde logo porque detêm uma secção exclusiva. Além disso, o jornal nunca se desligou das suas raízes, no sentido em que a fundação esteve intimamente ligada à conjuntura política, económica e social da cidade do Porto, e embora posteriormente tenha alargado os conteúdos noticiosos a todo o país, o norte será sempre o eixo central, uma vez que a oferta condizente com a procura assim também o obriga. O número de leitores pertencentes à área metropolitana do Porto é superior à de Lisboa, mencionando apenas um exemplo.

A seguir à secção *Porto*, surge o *Norte/Sul*, e embora as notícias reportem às duas áreas de influência, regra geral, os acontecimentos ocorridos na zona nortenha do país levam a avante face aos sulistas. É entre estas duas editorias, no início ou no fim de cada uma delas, que surge o suplemento *Classificados*, com publicidade e uma proliferação de anúncios. Seguem-se o *Mundo* e a *Opinião*. Esta última encontra-se dividida em dois sectores: a *Praça da Liberdade*, formada por dois textos escritos por duas figuras convidadas e o *Espaço do Leitor*, como o

próprio nome sugere, é composto por pequenos textos enviados para o jornal pelo leitor, através de carta ou *e-mail*.

À editoria *Cultura* sucedem-se agrupadas mais três pequenas secções: *Sugestões*, composta por duas páginas acerca de eventos artísticos, como é exemplo a música, o cinema e o teatro, que já se realizaram, decorrem ou que terão início em breve. E ainda, a grelha de programação dos quatro canais generalistas, a par de informações relativas às farmácias abertas nesse dia; o *Útil e Fútil*, uma página ocupada pela previsão meteorológica para Portugal, uma coluna com a previsão correspondente para cada signo do zodíaco, e, por fim, as tradicionais palavras cruzadas e o *Sudoku*; *Pessoas*, a secção dedicada às tradicionais notícias de revista cor-de-rosa, cujas figuras em destaque são reconhecidas pelos portugueses por, na maioria dos casos, se tratarem de atores da ficção; *Necrologia*, composta pela divulgação do falecimento de pessoas, a pedido dos parentes.

Sucede-se o *Desporto*, a secção do *Jornal de Notícias* que, regra geral, tem direito ao maior número de páginas da edição do dia. Nela, constam as crónicas de jogo, tanto de futebol como de modalidades, embora neste caso em muito menor número, as antevisões das partidas, conferências de imprensa, tabelas com os resultados dos jogos, tabelas classificativas, os jogos da jornada seguinte, a reação dos protagonistas, e muito mais. Em todas as edições há ainda espaço para uma coluna de breves, reservada para assuntos sobre as equipas de menor dimensão, sendo que figuram sempre as mesmas. Chaves, Feirense, Aves, Tondela, Moreirense, Rio Ave e Boavista são os clubes representados em virtude de se constituírem como equipas do norte do país.

Tanto o futebol internacional, com destaque para as equipas onde atuam portugueses, como as modalidades desportivas, fora dos relvados, surgem nas últimas páginas, sendo que a última página do *Desporto* está reservada para a *Dmais*. Nesta pequena secção, encontra-se inserida: a *Zona Mista*, formada por um conjunto de breves destinadas, na maioria das vezes, para conteúdo acerca de modalidades, como é exemplo o ténis, o surf, o ciclismo, entre outras, uma vez que as de salão têm maior destaque; o *Fora-de-jogo*, constituído, regra geral, por uma reportagem ou pelo desenvolvimento de um acontecimento sucedido fora das linhas de jogo; o *Semáforo*, onde são enquadradas equipas ou personalidades ligadas ao mundo desportivo no verde, amarelo e vermelho, dependendo da situação - positiva, intermédia ou negativa - em que se encontram, e de acordo com as notícias que o diário integra nessa edição, uma vez que o assunto tem de figurar entre as páginas do dia.

Por fim, as *Últimas*, presente na contracapa, integra pequenas notícias sobre os mais diversos temas; o *Sobe e Desce*, uma coluna com a imagem de personagens célebres enquadradas no sobe ou no desce, dependendo da situação atual em que a pessoa se encontra, por vezes, com base em ações tomadas recentemente; e a *Bandeira de Canto*, um *cartoon* acerca do mundo desportivo.

Capítulo II - Reflexão crítica do estágio

Para mim, era tudo novo. Era a primeira vez que tinha contacto com o mundo profissional, longe dos domínios e improvisadas redações de sala de aula. Estava ali, no “coração” do meio jornalístico, onde se cria, se produz e se concebem conteúdos noticiosos. O *Jornal de Notícias* foi a minha primeira escolha, não só pela proximidade geográfica, mas sobretudo pela história do jornal e por acreditar que era a decisão certa, tendo em conta o estudo a que me propunha levar a cabo.

O primeiro dia de três meses de estágio, que passaram a voar, teve início dia 01 de outubro e término a 30 de dezembro. Não posso negar que as expectativas iniciais eram elevadas, bem como o medo de fracassar. No entanto, se esperava meter logo em prática as minhas competências de escrita, isso não se sucedeu. As primeiras quatro horas na redação foram de adaptação ao meio: deram-me todos os jornais desportivos do dia, portugueses e espanhóis, para que pudesse começar a ajustar-me à realidade desportiva, e consultei o *Millenium*-programa onde é feito e editado o jornal.

Mas, o primeiro grande desafio chegou no final da primeira semana, até então ainda só tinha escrito notícias de menor dimensão, as breves, situadas na última página do jornal e, regra geral, ao encargo dos estagiários. Embora tenham um destaque menor, o grau de dificuldade não é diminuto. Resumir um acontecimento a 300 caracteres exige poder de síntese e sentido de pertinência no momento de escolha do título, uma vez que dado o curto desenvolvimento do conteúdo é essencial que o leitor perceba de imediato do que se trata. Além disso, o teor das breves é maioritariamente acerca de desportos que não o futebol, o que se revelou importante, uma vez que, parte da minha análise se centra nelas, por oferecerem conteúdo variado desportivo ao leitor. Todavia, fui posta à prova pela primeira vez, aquando o editor me pediu que redigisse uma notícia sobre Fórmula 1. Embora, saiba que o desporto não é feito só de futebol, os desportos motorizados não eram de todo um assunto que me deixasse à vontade, pelo contrário. Não me senti preparada para o desafio, mas como o editor se prontificou a ajudar-me sempre que tivesse alguma dúvida, após uma pesquisa sobre a modalidade, dei início à escrita daquele que é considerado o género básico do jornalismo: a notícia.

Como aconteceu em todos os trabalhos que realizei, findada a tarefa que me tinha sido pedida, o editor chamava-me e fazia as correções comigo para que pudesse ver o que falhei e o que poderia melhorar da próxima vez. Ora, na minha primeira notícia as alterações foram muitas. Perante o cenário, retive ao máximo todos os conselhos, de modo a não cometer os mesmos erros de uma próxima vez. A experiência serviu assim de lição, pois embora errar seja humano, a verdade é que falhar na primeira oportunidade não é o que idealizamos. *Mas se errar faz parte, aprender com os erros é essencial.*

A primeira semana passou e a segunda trouxe consigo uma novidade: a minha primeira saída da redação. Deveria ir sozinha, estando no local presente um fotojornalista do jornal, cobrir a

abertura da primeira loja oficial do Benfica, numa superfície comercial no norte do país. Ora, o evento iria ter pouco destaque na edição, porque desde logo fui avisada de que se trataria apenas de uma foto-legenda, o que significa que o elemento de maior destaque iria ser a foto e o texto um componente secundário, a explicar o assunto. Porém, no dia anterior, o editor perguntou-me se eu estava preparada para aquele que seria o primeiro contato com o mundo jornalístico fora da redação, fazendo com que o meu nervosismo viesse ao de cima. Todavia, tendo em conta que a tarefa atribuída não me pareceu de grau elevado, não tive problemas e de forma convicta respondi afirmativamente. Assim foi. Correu tudo dentro do esperado, com ressalva para as situações que ocorrem no terreno e para as quais tive de estar preparada para enfrentar. Falo da necessidade de manter uma atenção constante, já que o mais pequeno pormenor pode ser importante, tendo para mais em conta, o facto de terem estado presentes figuras importantes ligadas ao clube da Luz, num local de passagem de simpatizantes portistas.

As semanas seguintes passaram-se divididas entre os dias em que o trabalho se confinava a abrir e-mails com a redação das notícias dos jornalistas correspondentes, com o intuito de fazer as alterações necessárias para poder-las inserir na plataforma do jornal - *Millenium*; com a escrita de breves para a *Zona Mista*; a elaboração das fichas-de-jogo e com a redação de um pequeno texto "*Outros casos*" a acompanhar a notícia dada por um jornalista da redação sobre o falecimento em campo de um jogador, ficando eu responsável pelo levantamento e pela escrita de situações semelhantes no mundo do futebol.

Chegava ao fim o primeiro mês de estágio e se até aqui me poderia queixar de falta de trabalho, o último fim-de-semana provou o contrário e trouxe consigo novas experiências: uma visita ao museu do F. C. Porto para assistir a uma palestra; deslocação ao Estádio do Bessa para cobrir a conferência do treinador Jorge Simão a antever a deslocação a Alvalade; ida ao Estádio do Dragão para assistir à partida frente ao Feirense. Se no primeiro caso o receio se apoderou de mim, os outros dois eventos enquadravam-se precisamente no que tinha idealizado.

Relativamente ao primeiro evento, mostrei-me reticente em aceitar pelo fato da conferência ser em inglês, uma língua que não domino completamente. Dado o meu obstáculo com o idioma, optei por fazer algumas questões aos responsáveis pela organização do colóquio, antes do seu início, para que soubesse com o que poderia contar ao longo do dia, uma vez que eram várias as personalidades que iriam discursar em representação dos respetivos clubes internacionais presentes. Voltei para a redação e, confesso, que durante os primeiros tempos senti claramente a diferença entre escrever em um ambiente educativo ou em um ambiente profissional. Neste último, pairava em mim a sensação de que as palavras pesavam o que, concomitantemente, se traduzia numa demora superior a escrever as peças. Mas, com o tempo e uma crescente assimilação, tudo se tornou mais fácil. No dia seguinte, com o título "Na vanguarda do património desportivo", tive a oportunidade de ver a minha reportagem no *Fora-de-Jogo* da edição. (Anexo 1)

Pensar num estágio numa redação desportiva à luz de quem sempre viu no futebol não só um desporto, mas uma paixão, é ver na oportunidade de cobrir um jogo o realizar de um sonho. Em dias distintos e com tarefas díspares, posso dizer que me senti verdadeiramente integrada no mundo desportivo jornalístico. Pela primeira vez, aquando me desloquei ao estádio do Bessa para assistir à conferência de antevisão à jornada da Liga NOS de modo a cumprir a tarefa incumbida pelo editor (Anexo 2), estava ali, no meio dos jornalistas, cujo trabalho estava acostumada a acompanhar pelo outro lado, de maneira que tentei tirar o máximo partido disso. Se é em campo que aprendemos, creio que observar o desempenho dos outros é uma parte importante para o desenvolvimento das nossas próprias competências.

Assim sendo, segui os passos dos demais profissionais da comunicação presentes, que em todos os momentos se mostraram disponíveis para ajudar no que quer que fosse. Tanto os dos outros órgãos de comunicação como os meus próprios colegas do *Jornal de Notícias* contribuíram para que eu me ambientasse de forma mais rápida e me sentisse integrada no meio.

28 outubro. Um dos dias mais marcante do meu estágio. O dia em que presenciei a azáfama aliada à responsabilidade envolvente, dada a importância do momento. Acompanhei um jornalista da redação ao Estádio do Dragão para fazermos o F. C. Porto x Feirense. Após o final do jogo, desloquei-me sozinha à sala de imprensa para assistir às reações dos treinadores após o final do encontro, pois cabia-me a mim não a crónica de jogo, mas sim os comentários dos respetivos técnicos. (Anexo 3) Tendo perfeita consciência da responsabilidade que a ocasião exigia, agi com o máximo rigor e profissionalismo, o que implica adotar uma postura imparcial, uma vez que a peça da minha responsabilidade iria ser uma das mais importantes a figurar na edição do dia seguinte, uma vez que os jogos da equipa azul e branca, bem como os conteúdos a que lhes dizem respeito, merecem sempre uma atenção especial por parte dos leitores portuenses.

O mês de novembro trouxe consigo sobretudo crónicas de jogo. Segundo Lopes (2010):

“O cronista assume livremente a sua subjetividade, desenvolve livremente a sua opinião pessoal. As liberdades de forma e de conteúdo estão patentes na crónica; aqui é permitida a narrativa rica em adjetivos e figuras de estilo, em jogos e ambiguidades” (Lopes, 2010, p.8).

No jornal, as crónicas de jogo eram um dos géneros jornalísticos sistematicamente presentes, uma vez que as partidas realizadas eram muitas, sobretudo ao fim de semana. Aproveitando a folga de alguns jornalistas e a deslocação de outros em trabalho, fiquei responsável pelo jogo de basquetebol da equipa azul e branca nas competições europeias (FIBA). (Anexo 4) Ora, como cada modalidade exige uma terminologia própria, cujo redator convém que domine, caso queira produzir conteúdo de qualidade, ainda antes do jogo começar, eu começava já a trabalhar, de modo a inteirar-me do maior número de factos possíveis sobre a modalidade em questão para que depois não cometesse nenhum erro. Creio que esta minha vontade de trabalhar e fazer tudo o mais correto possível, levou a que fosse presenteada com mais oportunidades, por meio de novos trabalhos.

Estando a peça dos jogos futebolísticos da liga portuguesa a cargo dos jornalistas da redação, coube-me, por diversas vezes, ficar encarregue da antevisão dessas partidas. Embora não tenha o peso de uma crónica sobre o jogo, exige trabalho de campo. Saber quais os jogadores que se encontravam indisponíveis, a lista de jogadores convocados, a hora do jogo, o respetivo local, o canal de transmissão e o que cada técnico antevia para o confronto, constituíam-se elementos fundamentais, de modo que a presença destes era imprescindível.

E se tal como nos órgãos de comunicação, uns concedem maiores e melhores meios de trabalho para os seus profissionais em comparação com outros, devido aos encargos financeiros inerentes, nos clubes a história repete-se, embora noutros contornos. Depois de ter estado presente no Estádio do Dragão, foram vários os jogos da Liga BPI a que me desloquei ao terreno para que a respetiva cobertura pudesse ser assegurada. Ora, tal como nos meios de informação, a diferença entre clubes é gigante. Esta experiência foi bastante enriquecedora, uma vez que numa dessas partidas tive a consciência do que é trabalhar sem condições perante as condições atmosféricas que se faziam sentir, impedindo-me de conseguir tirar apontamentos sobre os lances do jogo, situação pela qual passam todos os profissionais, de modo que considere importante vivenciá-la.

A prova de que com o tempo me comecei a sentir parte integrante da equipa de Desporto do *Jornal de Notícias* aconteceu quando, pela primeira vez, um dos jornalistas da redação me pediu para que o ajudasse com um trabalho. Tratava-se de uma peça para assinalar os 15 anos do Estádio do Dragão, sendo que eu fiquei encarregue de destacar as respetivas dez ocasiões mais marcantes. (Anexo 5) Para mim, aquele momento, não se tratou apenas de um pedido de cooperação, mas também um voto de confiança, em mim e no meu trabalho. A peça acabou por sair também na versão digital, mas como conteúdo *premium*, ou seja, de acesso exclusivo a assinantes do jornal, o que me deu um gosto especial, visto que indica que os responsáveis pela secção do *online* reconheceram-lhe potencial, pois só assim se explica o facto de acreditarem que era possível ser um conteúdo pago.

Ainda durante o segundo mês de estágio, Jardel, antigo jogador do F. C. Porto e Sporting, regressou à casa dos dragões para assistir à partida dos azuis e brancos frente ao Schalke 04, em jogo referente à fase de grupos da Liga dos Campeões. O ponta de lança concedeu uma entrevista aos jornalistas após o final do jogo, sendo que o profissional do *Jornal de Notícias* presente no estádio, encontrava-se de folga no dia seguinte. Perante isto, enviou as perguntas e as respostas por *e-mail* para a redação e eu fiquei encarregue de selecionar o conteúdo que a meu ver era o mais pertinente dar a conhecer aos leitores, através da escrita de uma peça com base nas respostas da entrevista. (Anexo 6) Com a realização deste trabalho, tive a oportunidade de produzir um texto jornalístico a partir de uma outra forma- entrevista- de maneira que me exigiu um trabalho maior, uma vez que estes casos requerem uma maior capacidade de entendimento dos factos, somente de transcrição das falas mais importantes e de elaboração do conteúdo como se de um enredo se tratasse, já que para criar a peça é necessário ter em conta também os fatores inerentes à entrevista e à própria história do

entrevistado. A juntar a isto, transportava em mim o peso de ser uma peça cujo assunto também iria constar nos órgãos de informação concorrentes, pelo que queria demonstrar as minhas qualidades de modo a que não se sentisse uma diferença substancial entre o conteúdo escrito por mim- estagiária- ou por um jornalista credenciado.

Os dois primeiros meses passaram muito rapidamente, encaminhando-me para o último desta experiência. Entre todos os trabalhos realizados durante este período, selecionei três como os mais enriquecedores. Primeiramente, fui a escolhida para cobrir a 61ª Volta a Paranhos, a corrida mais antiga de Portugal. (Anexo 7) O editor responsável pediu-me uma abordagem diferente ao acontecimento, isto é, o principal não se centrava nos vencedores da prova, embora essa informação tivesse de estar presente, mas procurar sim *faits divers*, focando-me nos participantes e, conseqüentemente, nas histórias curiosas que eles poderiam ter para partilhar. Ora, o desafio foi claramente esse, encontrar entre centenas de participantes os que além de se mostrarem disponíveis para colaborar, tivessem efetivamente episódios jornalisticamente relevantes, isto é, cujo conteúdo se mostrasse informativo para os leitores.

Posteriormente, foi-me concedida uma nova ocasião para poder estar em contacto com um dos muitos eventos que estão associados ao mundo desportivo: os sorteios. Mais concretamente, aquando se realizou o sorteio das meias-finais do Campeonato da Europa de futsal feminino, que teve como convidado Ricardinho, capitão da seleção portuguesa e considerado o melhor jogador de futsal do mundo. Como já tinha realizado alguns trabalhos fora da redação, fui começando a conhecer alguns dos profissionais da secção de Desporto de cada meio de comunicação- como a *A Bola*, a *CM TV*, *A Lusa*, de modo que o ambiente se tornou aos poucos mais familiar, facilitando o trabalho.

A experiência mostrou-se fascinante. Com representantes das seleções em prova - Espanha, Ucrânia e Rússia - a transmissão da gala foi em direto, podendo presenciar a exigência do momento e a tensão que pairava no ar, precisamente por se tratar não só de uma cerimónia com a presença de representantes das altas instituições do futsal europeu e nacional - Fernando Gomes, presidente da FPF fazia parte dos convidados - mas também por estar a ser emitida simultaneamente para milhares de portugueses, de maneira que o mínimo erro poderia revelar-se fatal. Após o final do sorteio, em conjunto com os jornalistas presentes, tive a oportunidade de colocar algumas questões ao atleta Ricardinho e a Luís Conceição, treinador da equipa das quinas.

Por fim, mas não menos importante, o último dia ficou marcado pela S. Silvestre do Porto. (Anexo 8) Depois de ter elaborado a peça sobre a Volta a Paranhos, o editor confidenciou, de imediato, de que me tinha habilitado a ser a escolhida para a tradicional corrida de fim de ano realizada na cidade portuense. Assim foi. Com a diferença que desta vez, desci a rua do edifício do jornal até aos Aliados acompanhada por um fotógrafo e de microfone em punho. O objetivo era o mesmo da prova em Paranhos, com a diferença do peso de uma corrida relativamente à outra. Além de se realizar no coração da Invicta e contar com milhares de participantes e

atletas profissionais, muitos deles em representação de clubes do escalão máximo do desporto nacional, tinha de atuar simultaneamente como repórter do *JN*, uma vez que o repórter de imagem que me acompanhou estava encarregue de produzir uma peça em formato vídeo sobre o evento para a plataforma digital do jornal. Pela primeira vez tive a oportunidade de experienciar a sensação de trabalhar em dupla com a devida responsabilidade que isso acarreta, nomeadamente ter a consciência de que o seu trabalho dependia do meu. Sendo o último dia de estágio, senti que o tinha terminado da melhor forma possível. A sensação de dever cumprido após três meses de dedicação e empenho surgiu no dia seguinte quando vi a peça na capa do jornal. Não há maior reconhecimento do que ter tido a responsabilidade de ficar encarregue de um evento cuja notoriedade é visível prontamente pelo destaque concedido- assunto de primeira página.

2.1 - Considerações finais sobre o estágio

Acabo o estágio com a convicção plena de que saí de lá com a bagagem profissional necessária, complemento que até à data não detinha. Foram horas, dias, semanas e fins-de-semana incluídos, a desempenhar tarefas múltiplas com o igual compromisso em todas, desde o primeiro momento. Com o decorrer do tempo sinto que o grau de exigência dos trabalhos que me eram atribuídos aumentou, visto que comecei pela escrita de breves e acabei com a elaboração de reportagens. Julgo ser o resultado do aumento do meu nível de conhecimentos acerca do que me era pedido, bem como do próprio programa de edição, ferramenta essencial para o desenvolvimento dos trabalhos.

Tudo valeu a pena. As recordações vão desde a primeira peça assinada até aos profissionais de mão cheia que aquela casa reúne, incansáveis no meu processo de adaptação e posteriormente de crescimento pessoal no mundo do jornalismo. Assim, com o devido acompanhamento de cada um deles, cresci como pessoa e como profissional. A realidade do mundo do trabalho em nada se compara à da universidade. Dentro da redação representava uma instituição com mais de cem anos de história e com História no panorama do jornalismo português, de modo que coloquei o máximo de empenho em todos os trabalhos realizados. Não obstante, as ferramentas teóricas adquiridas na faculdade demonstraram-se imprescindíveis no momento de produção do conteúdo, conciliando os conhecimentos teóricos com o aprofundar da prática.

A consciencialização de que o jornal no dia seguinte ia ser lido por milhares de portugueses e que uma única falha poderia custar-me a permanência no estágio fez com que ganhasse um maior sentido de responsabilidade, aliado ao compromisso permanente. Nada foi mais gratificante de que durante todo esse período poder desfolhar as folhas do jornal e ver ali todo o meu trabalho.

Tendo em conta os objetivos traçados para o decorrer do estágio, enquadrados no âmbito deste relatório, sendo que o objetivo fundamental era apurar a influência do desporto no contexto

mediático português através da análise de especificidades, como perceber o papel que o *Jornal de Notícias* atribui à informação desportiva recebida das diversas modalidades, identificando a razão pela qual optam por atribuir maior importância a uma em detrimento de outra, bem como, e este fator está implícito nas explicações da tomada de escolha, os critérios de noticiabilidade inerentes, posso afirmar que os objetivos visados foram atingidos. O estágio mostrou-se devesas importante no âmbito de elaboração deste relatório, dados os conhecimentos desportivos adquiridos por meio da experiência empírica, facilitando posteriormente o meu trabalho sobre o tema em curso.

Parte II - Enquadramento Teórico

Capítulo III. Do jornalismo especializado ao jornalismo desportivo

A necessidade de uma resposta cabal aos interesses crescentes da audiência sobre assuntos cada vez mais segmentados exigiu um rigor maior por parte dos profissionais durante a abordagem aos conteúdos informacionais da sociedade. Perante isso, o jornalismo generalista, que atendia aos interesses médios dos leitores, viu emergir um jornalismo baseado numa abordagem aprofundada e específica sobre um determinado tema.

Dentro das várias especializações jornalísticas, a vertente desportiva sobrepôs-se. O Desporto tornou-se um tema forte do jornalismo especializado, cujos temas abordados vão desde os desportos aquáticos aos motorizados, passando pelo futebol, pela ginástica, pelo ténis e por uma outra infinidade de categorias.

A importância social adquirida pelo desporto é inegável, quer se trate ou não da modalidade-rainha: o futebol. É dentro da secção desportiva que se encontra o maior número de destaques especializados, em virtude das diversas modalidades existentes. Além disto, poucos temas atraem a atenção do leitor como este. Um cidadão não vibra com a diminuição da dívida pública do Estado tal como vibra com um golo ou um troféu da sua equipa.

3.1 - A imprensa portuguesa: Breve contextualização histórica

Redigido em 1641, um ano depois de Portugal recuperar a independência, a primeira aproximação ao que nos dias de hoje designamos de jornal foi a *Gazeta da Restauração* - o primeiro periódico português. Dentro desta linha, destacou-se ainda neste início de imprensa portuguesa, uns anos depois, mais concretamente em 1663, pelas mãos de António de Sousa Macedo: o *Mercúrio Português*. Com um carácter mais político, cujo tema principal era apresentado no próprio título “As novas da guerra entre Portugal e Castela” (Guerra da Restauração), constituía-se quase como um relato do conflito. A cena política começou assim, muito lentamente, a dar azo à criação de conteúdos, uma vez que os conflitos bélicos constituíam-se como matéria-prima suficiente para o aparecimento dos primeiros jornais - denominados *gazetas* - com publicações mais atuais e frequentes.

Todavia, o analfabetismo existente e o preço destes periódicos (as *gazetas* só estavam ao alcance dos burgueses endinheirados, da aristocracia rica e do clero instruído) bem como o elevado custo e a censura prévia a que eram submetidas acabou por dificultar o nascimento massivo de periódicos, originando até o cessar da *Gazeta da Restauração*, seis anos depois da implementação. Ainda assim, o rascunho da imprensa estava idealizado, o que não significou o surgimento imediato dos pilares básicos para a estagnação do meio. Entre 1647 e 1663 não

foram publicadas quaisquer publicações periódicas, circulando apenas, pontualmente, folhas volantes com notícias sobre a guerra da independência que Portugal travava à data contra a vizinha Espanha (Tengarrinha, 1989, p. 39).

O sistema jornalístico começou a sofrer as primeiras alterações durante o século das Luzes (XVIII), em virtude das mudanças ocorridas: Desenvolvimento acentuado; Reforço do comércio; Descobertas científicas; Revolução Industrial (no final do século). Este clima de mudança instalou-se por toda a Europa em virtude de um novo movimento cultural: o iluminismo. Ao conferir valor às faculdades intelectuais do homem e ao uso da razão, provocou nos cidadãos um despertar da curiosidade, o que suscitou, conseqüentemente, em cada um deles, uma vontade em manterem-se a par das informações. Porém, este desenvolvimento não foi tão notório em Portugal como no ocidente. A imprensa sofria grande controlo (intensificou-se, ainda mais, após a Revolução Francesa), patente na aplicação da censura severa a alguns conteúdos, bem como no uso de medidas repressivas contra os críticos. Ambos os motivos conduziram ao retardar da expansão jornalística portuguesa. A generalidade das *Gazetas* existentes estava conectada ao poder instituído, sendo que a maioria das notícias tinham como tema central episódios de guerra, como é o caso:

“Suécia - Stockolmo 8 de Agosto - Hoje foi publicada aqui a som de trombetas a declaração de guerra contra a Rússia, a qual se contém em um édito, que traduzido diz o seguinte: [segue-se integralmente o édito]” (*Gazeta de Lisboa*, 21 de Setembro de 1741)⁵.

Seguindo a linha de raciocínio de Jorge Pedro Sousa (2008), a alteração da periodicidade da *Gazeta de Lisboa*, a 14 de junho de 1809 - deixou de ser trissemanal para adotar uma publicação diária - suscitou o interesse por parte dos jornalistas em saber o que havia no país e fora dele. Numa altura em que a guerra assolava a Europa, a constante necessidade de obter informações para completar o espaço informacional, uma vez que um jornal ao ser diário tem de figurar nas bancas todas as manhãs com conteúdos novos, transformou a imprensa num veículo de novas ideias e informação.

Deste modo, é notório que a imprensa à época estava subjugada ao poder político, vivendo por isso uma maré de instabilidade constante, por estar dependente das guerras e de governos que repudiavam veemente a liberdade de expressão. Entre avanços e recuos só a meio do século XIX, e, sobretudo, na transição do século XIX para o XX é que começou o início da consolidação, com a criação de condições para o florescimento da imprensa, gozando da liberalização do regime, após a queda do governo ditatorial de Costa Cabral, em 1851. Também no mundo

⁵ Notícia disponível em Sousa, J. P. (2008, p. 7) *Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de abril de 1974*. Universidade Fernando Pessoa & Centro de investigação Media e Jornalismo. BOCC.

ocidental, a imprensa escrita viveu a idade de ouro⁶, no início dos anos de 1870 até à Primeira Guerra Mundial- momento histórico que serviu como pretexto para restringir novamente a liberdade de imprensa.

Antes disto, a Revolução Industrial foi importante para a produção jornalística que evoluiu graças ao grande salto tecnológico e às transformações económico-sociais ocorridas entre 1820-1840, constituindo-se como um fator preponderante no momento de sedimentação da propagação da informação.

“O jornalismo nasceu, em Portugal como em qualquer outro país, da confluência de três fatores distintos: o progresso da tipografia, a melhoria das comunicações e o interesse do público pela *notícia*” (Tengarrinha, 1989, p. 35).

A Revolução Industrial gerou novas vias e meios de comunicação (telégrafo, estradas, caminhos de ferro), permitindo não só uma maior proximidade, e conseqüentemente maior rapidez de difusão, mas também a modernização das máquinas de impressão, conferindo-lhes uma maior capacidade de tiragem, o que se afigurou como um importante estímulo à imprensa, pois concedeu-lhe a possibilidade de se tornar lucrativa. O aparecimento dos prelos mecânicos, especialmente os linótipos, já no final do século, permitiram fixar os textos num teclado que se assimilava a uma máquina de escrever, possibilitando o aumento do número de páginas. Outro progresso sucedeu aquando as fotografias começaram a invadir pouco a pouco os jornais portugueses, tendo *A Ilustração Portuguesa* primado por ter sido o primeiro periódico ilustrado.

Assim, o século XIX ficou marcado como o século de desenvolvimento da imprensa, onde a burguesia teve um papel de destaque, dado que num mundo industrializado são necessários cidadãos com um certo nível de instrução. Assim, neste seguimento, o espírito burguês, envolto numa filosofia política liberal, tornou-se o impulsionador da transfiguração da ideia de espaço público para espaço de discussão da vida política, económica e social. Nos salões e cafés os temas de debate surgiam consoante os assuntos em voga, proporcionando a construção de novas ideias e a difusão de conhecimentos. Ainda que, na primeira metade do século, esta tenha sido uma imprensa de elites, destinada aos alfabetizados, e assim sendo, inacessível ao cidadão comum.

No entanto, o fenómeno teve repercussões na própria génese do jornalismo, cujos profissionais desenvolveram uma maior preocupação com a escrita e com o próprio estilo que se tornou cada vez mais individualizado. Na opinião de Émile de Girardin, citado por Tengarrinha (1989), iniciou-se neste período a evolução da imprensa que se prolonga até aos nossos dias, crendo ser no vinténio entre 1865 e 1885 que se estabeleceram as condições propícias à transformação industrial da Imprensa. “O antigo jornalismo era apenas um agente de propaganda, uma arma

⁶ Ideia sustentada por Jeannenet, J, presente em *Uma história da Comunicação Social* (2011, p. 83) Terramar.

de combate; o novo jornalismo tornou-se, ao mesmo tempo, uma indústria, pela importância dos capitais nele empregados e pela adoção de processos mecânicos consideráveis” (p. 214), acrescentou.

Um pouco por toda a Europa começaram a surgir inúmeras publicações, nomeadamente periódicos com a junção do binómio desporto-literatura, dando origem, posteriormente, à chegada de um novo género de periódico: o jornal generalista desportivo. As notícias desportivas suscitavam cada vez mais interesse, originando, com naturalidade, o surgimento de publicações especializadas, particularmente em França, Espanha e Inglaterra.

Em Portugal, fez história o momento da constituição de uma associação de jornalistas: A Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses. Sendo a primeira serviu de mote para o desencadear de outras no final do século. Reveladoras da consciencialização vivida pelos profissionais que assumiam a prática jornalística, intitularam-se nas organizações como jornalistas e não como escritores, assumindo deste modo a autonomização da profissão em relação a uma outra: a de escritor.

A opinião deu lugar aos factos, impondo-se a informação como o principal objetivo do jornalismo contemporâneo, tal como se mantém. A arte de se informar deixou de estar confinada às elites, estendendo-se aos homens, às mulheres e às crianças, após o despontar de jornais predominantemente noticiosos, a preços acessíveis e com um discurso compreensível a qualquer cidadão, independentemente do grau de escolaridade. Os jornais começaram também a denunciar as injustiças sociais e as violações ao poder, concedendo, deste modo, ao jornalismo o papel de aliado da democracia, o que lhe valeu a categorização de “Quarto Poder”.

“O jornalismo como conhecemos hoje na sociedade democrática tem suas raízes no século XIX. Foi durante o século XIX que se verificou o desenvolvimento do primeiro *mass media*, a imprensa. A vertiginosa expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos empregos neles; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que, durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo - fornecer informação e não propaganda” (Traquina, 2005, p. 34).

Através da recuperação e reformulação das ideias originais, aplicadas nas gazetas do séc. XVII, Eduardo Coelho fundou o histórico *Diário de Notícias*, a 1 de janeiro de 1865, com uma tiragem diária de cerca de cem mil exemplares, sob o signo da verdade, da factualidade e da acessibilidade.

De acordo com Tengarrinha (1989), o jornal pretendia unicamente “interessar a todas as classes, ser acessível a todas as bolsas e compreensível a todas as inteligências” (p. 215). Embora a grande generalidade dos autores, apontem o século XIX como o século com maior impacto no desenvolvimento da imprensa, para o escritor Tengarrinha o desenvolvimento da imprensa só conquistou o verdadeiro auge e reconhecimento no século XX, após o

desenvolvimento de novos meios de comunicação social, como a rádio e a televisão (Traquina, 2005). Importa referir que na época da ditadura de Salazar, a imprensa sofreu um grave revés, com o pós 25 de Abril a ser um marco importante da história também para os meios de veiculação de informação. Como afirma Sodré (1999) a expansão da imprensa deveu-se e muito à democracia como nova forma de governo. A liberdade de expressão e, conseqüentemente, de imprensa é apanágio deste modelo administrativo que a partir do momento que se intitula como permissivo revela-se contrário à ditadura, cujas notícias dos jornais estavam maioritariamente condenadas à censura.

“O ano seguinte de 1975 trouxe mudanças substanciais à prática de jornalismo com a aprovação da Lei da Imprensa que protegia a liberdade de imprensa, anulando a censura, estabelecendo os estatutos gerais sobre a profissão de jornalismo, permitindo a livre concorrência e definido as condições para a publicidade” (Quintero, 1994, p. 359).

Face às modificações que o país atravessava e atravessa constantemente, a imprensa não estagnou no tempo, antes pelo contrário, foi beneficiando das várias mudanças que permitiram modernizar-se. No século XX, as notícias já obedeciam a uma estrutura formal elementar, coincidente com a atual, no respeitante ao *lead* e à técnica da pirâmide invertida. O desenvolvimento do mercado noticioso propiciou a instalação das agências noticiosas, num momento em que era complicado enviar correspondentes dado os custos das despesas, onde à época, custos esses até de transmissão de notícias. Os jornais eram assim alimentados pelas agências, tal como se sucede ainda hoje, sempre que necessário.

A I Guerra Mundial, ao envolver uma série de conflitos, proporcionou o envio de jornalistas para diversos pontos do mundo, dado o aumento da curiosidade do público acerca do envolvimento de Portugal no conflito que, por esse motivo, vivia imerso numa instabilidade social e política. Neste contexto, o público ao virar-se para a leitura da imprensa escrita, devido ao aumento do nível médio de instrução, propiciou o aumento do número de tiragens, assim como o número de jornais e revistas informativas em circulação. Este crescente interesse das audiências gerava lucro nas vendas, de maneira que os orçamentos da imprensa cresciam gradualmente.

Durante a II Guerra Mundial, o número de revistas prosperou em virtude da adaptação da imprensa aos interesses dos leitores, superando a importância dos jornais diários, sendo que numa primeira fase, em Portugal, estas revistas eram financiadas pelos governos das potências beligerantes, como é exemplo *A Guerra Ilustrada*.

No período do Estado Novo, os jornais da capital assumiam a liderança contra a oposição ao regime, no entanto o líder das tiragens - *Diário de Notícias*, juntamente com o *Século* - assumiam-se como independentes, dando sinais da mudança que o país atravessaria, uma vez que a imprensa portuguesa não se escondeu pelo fato do país estar a atravessar uma ditadura, como anteriormente sucedia. Pelo contrário, desenvolveu-se gradualmente em conformidade

com a imprensa ocidental. Ainda assim, só após o 25 de abril de 1974 é que é possível falar de uma imprensa livre de constrangimentos e próxima à atual, desimpedida de registos de censura.

Em meados dos anos sessenta, o jornalismo passou por uma renovação estilística, sob a égide de um novo movimento conhecido por *new journalism*. Com raízes nos Estados Unidos, o “Novo Jornalismo”, ergueu-se sob a bandeira da subjetividade. Neste novo movimento jornalístico, a objetividade⁷ passou a ser vista como uma falácia ou um mero ritual estratégico (Tuchman, 1978)⁸, de modo que a escrita primou pelo uso constante de recursos literários, abrindo espaço para o surgimento de novas correntes jornalísticas, distantes da ideologia do jornalismo convencional - assente numa linguagem direta e fatural. É exemplo o jornalismo literário que adota um relato da humanidade a partir de um discurso mais humano e menos fatural; o jornalismo de investigação, cujos jornalistas investigativos divulgam informações que afetam o interesse público, com o objetivo de alcançarem uma sociedade mais justa; o jornalismo cívico, desenvolvido como uma forma de incentivar os cidadãos a atuarem, participarem na vida pública, reforçando a ligação entre os media e a cidadania; o jornalismo do cidadão, onde o próprio leitor passou a assumir as funções anteriormente confinadas apenas a um profissional da comunicação, tal como a simples redação e publicação de uma notícia na web.

Os avanços tecnológicos revolucionaram o meio, criando um jornalismo de massas direcionado a um aglomerado de pessoas, ao mesmo tempo que a adaptação ao meio possibilitou assim a abertura de novos modelos. As décadas de 80 e 90 foram marcantes para a imprensa portuguesa, dado que coincidiram com a fase da globalização, mencionado como o período da história que desencadeou o surgimento das multinacionais de publicidade. Ora, como a publicidade atrai o lucro, possibilitou o desaforamento das empresas que com maiores recursos financeiros investiram numa diversidade maior de produtos jornalísticos - jornais e revistas. Para além disso, a globalização concorreu ainda para uma configuração do jornalismo do século XXI, assente em novos formatos de conhecimento resultantes da convergência dos veículos de comunicação social.

Num mundo cada vez mais tecnológico, os princípios de notícia não se alteraram, mantendo-se a procura pela verdade, pelo rigor e pela objetividade. No entanto, alterou-se o fazer jornalístico. As máquinas de escrever deram lugar aos computadores, e com eles vieram os programas de edição. Neste turbilhão de mudanças, foi preciso encontrar um ponto de equilíbrio para fazer frente à sociedade globalizada, em virtude do avanço das tecnologias e da internet, que facilitou o acesso e a distribuição da informação. O ponto de equilíbrio ainda não está de todo estabilizado, dada a dimensão da transformação provocada na área jornalística. Para Jorge Pedro Sousa (2006) a internet é “(...) como um novo meio de comunicação social e,

⁷ O conceito de objetividade, enquanto padrão da prática jornalística, surgiu nos Estados Unidos, no final do século XIX.

⁸ Tuchman, G. (1978) -- *Making News. A Study in the Construction of Reality*. New York: The Free Press citado por Traquina, N. (2005).

como tal, tem um profundo impacto no jornalismo”, sendo que atua como influenciadora a dois níveis: “Em primeiro lugar, influencia as rotinas jornalísticas (que passam a depender muito da internet), e em segundo lugar, leva à criação de edições jornalísticas na internet (complementares ou substitutas das edições impressas, radiofônicas e televisivas)” (Sousa, 2006, p. 161).

Assim sendo, em pleno século XXI, os cidadãos viram-se imersos num oceano de informação, tornando o papel do jornalista mais importante do que nunca, embora também mais desafiante, como veremos de seguida. A fronteira que separa o cidadão do jornalista ficou mais ténue, apesar de, o profissional continuar a ser o único que detém o poder de legitimar uma notícia, uma vez que disseminar informação é diferente de divulgar uma informação com valor de notícia.

3.2- Jornalismo na era da comunicação digital

O jornalismo está profundamente marcado pelas mudanças ocorridas com a chegada das novas tecnologias, nomeadamente com a Internet. O nascimento de um aglomerado de redes de computadores interligados permanentemente, entre si, provocou o acesso a qualquer tipo de informação, por parte de qualquer indivíduo e praticamente em qualquer parte do mundo. Os jornais sentiram o impacto e pela primeira vez, surgiu um jornalismo que não era impresso, nem radiofónico, nem televisivo.

Ora, Ciberjornalismo, Webjornalismo, Jornalismo Online ou Jornalismo Digital são diferentes termos para designar um jornalismo que nasceu na Internet e para a Internet. Neste mundo globalizado, o jornalista viu-se, assim, obrigado a assumir um novo papel, que como é notório, tem na Internet o expoente máximo, dado o impacto causado na profissão. Assim sendo, os profissionais do ramo da informação foram obrigados não só a acompanhar estas mudanças, como também a incorporar-se nelas, visto que ficar indiferente à avalanche de novidades com que foram confrontados, em virtude da chegada das novas tecnologias, revelou-se uma missão impossível.

Cagé (2016) refere que as mudanças começaram a ser sentidas logo de imediato:

Não somente a dimensão da sala de redação de cada um dos media tomado individualmente teve tendência a reduzir-se durante estes últimos anos, mas uma parte crescente dos efetivos concentra-se hoje em dia na alimentação dos sítios da Internet, ao ponto de distinguirmos cada vez mais os «jornalistas web» daqueles que não o são, os «meros» jornalistas (p. 43).

Para Bastos (2000), a Internet provocou alterações essencialmente a dois níveis. Primeiramente, na forma como os profissionais procedem à pesquisa, recolha de conteúdos e contacto com as fontes de informação. Segundamente, no respeitante à produção noticiosa

exclusiva para os media *online*. Escrever para o *online* é diferente de escrever para o impresso. No primeiro além de não haver limite de caracteres, o jornalista não está confinado apenas à escrita, podendo dar uso a uma série de novas hiperligações, caso queira reforçar o conteúdo com informações anteriores ou até com vídeos explicativos ou demonstrativos. Deste modo, a Internet revela-se uma ferramenta de natureza híbrida, na hora de produção e, conseqüentemente, de consumo da informação jornalística. Este ponto é um dos lados positivos, na medida em que possibilita o melhoramento do trabalho.

No entanto, o início não se revestiu de diferença, mesmo tratando-se de um novo meio. Durante os primeiros anos de jornalismo digital, os profissionais caíram num cenário de *shovelware*, uma vez que o conteúdo distribuído era o mesmo, independentemente da plataforma. Os *sites* não acarretavam novidades, pelo contrário, constituíam-se apenas como um veículo diferente de comunicação, cuja informação disseminada era igual à do jornal, da rádio ou da televisão. Como afirma Bastos (2000), “os *media* limitavam-se a transpor automaticamente os conteúdos dos meios impressos para o formato da Internet, o que tornou o valor das edições eletrônicas muito débeis” (p. 114).

Perante isto, a transição do jornalismo tradicional para o jornalismo produzido para a plataforma *online* foi ocorrendo de forma gradual até alcançar a representatividade atual, ainda que permaneça em constante fase de desenvolvimento. Pavlik (2001, p. 43) sistematizou a evolução em três fases. Na fase 1- Os conteúdos disponibilizados *online* são iguais aos disponibilizados nas versões tradicionais do meio. Na fase 2- Os conteúdos são produzidos para o *online*, contendo inclusive hiperligações e, também, fotos, vídeos ou sons. Na fase 3- Os conteúdos são criados exclusivamente para serem colocados *online*, tirando partido de todas as vantagens incorporadas na plataforma, pois permitem aos utilizadores usufruir de uma linguagem estática- palavras, imagens- ou em movimento- hiperligações, tudo incorporado num só conteúdo e disponível de forma livre.⁹

Segundo Padilha (2009), de entre as categorias profissionais do mundo globalizado, a profissão dos jornalistas é aquela que mais efeitos sofreu. A internet obrigou os jornalistas a tornarem-se webjornalistas, uma vez que trabalhar na área do *online* é diferente do que trabalhar numa redação escrita. Ao surgir como um novo meio de comunicação social exige especificidades técnicas próprias, designadas por Canavilhas (2006) como características fundamentais do jornalismo na web. Os conteúdos ao integrarem elementos multimédia (primeira característica) obrigam o jornalista a possuir conhecimentos técnicos nesse campo. Além dos saberes tecnológicos, é necessário depois saber também quando e onde devem ser integrados. Para além disto, o hipertexto (segunda característica) requer um novo processo de construção noticioso. A tradicional técnica da pirâmide invertida é substituída por uma arquitetura mais aberta, ou seja, a informação inicial está lá (o parágrafo inicial responde às cinco perguntas

⁹ João Canavilhas (2005) designa esta fase por “Webjornalismo”, num artigo intitulado “Os jornalistas *online* em Portugal”.

primordiais - Quem, Onde, O quê e quando), mas as possibilidades de leitura multiplicam-se de seguida aquando são introduzidas, por exemplo, infografias, cujo elemento permite ao utilizador decidir o seu próprio percurso. Por último, a memória (terceira característica) representa para Canavilhas (2006, p.5) “muito mais do que o simples arquivo”. A hipótese de ligar uma nova notícia às notícias antecedentes permite enriquecer a prática jornalística, visto que é uma forma de a tornar mais completa e contextualizada.

Pavlik (2001) reconheceu as novas características da plataforma ao afirmar que a internet não abarca só as capacidades dos velhos meios- texto, imagens, áudio- “como oferece capacidades, incluindo a interatividade, acesso on-demand, controlo por parte do utilizador e personalização” (p. 3).

A internet evoluiu de tal modo que se em 1993 havia apenas 23 jornais com edições eletrónicas a nível mundial, em 1998, já eram mais de 3 600 os jornais que se encontravam na rede (Bastos, 2000, p.109). O *Jornal de Notícias* foi o primeiro jornal português a transferir-se para o online, difundindo os próprios conteúdos noticiosos na web, em 1995, sendo que, de seguida, o *Público* e o *Diário de Notícias* seguiram-lhe as pisadas. Ainda antes, a RTP estreou-se como o primeiro órgão de comunicação social a invadir a Internet, aquando datava o ano de 1993, através do *site* oficial que se mantém até à data.

Criado a 19 de julho de 1999, o *Diário Digital* foi o primeiro jornal generalista exclusivamente *online*. Na fase de expansão - em 2000 - o diário contava com cerca de 80 jornalistas, mas a perda de receitas levou a um emagrecimento sucessivo dos profissionais. Face à falta de viabilidade financeira para apostar nos conteúdos do *site*, o projeto chegou ao fim, depois de 17 anos de existência.

A aposta no *online* desencadeou uma interatividade crescente entre os cidadãos e os jornalistas dada a facilidade de contato. Anteriormente, só era possível através do envio de cartas. Mas, a adesão à internet por partes dos meios, concedeu a possibilidade aos utilizadores de se tornarem mais participativos. No jornal impresso é possível fazer comentários, análises ou críticas sobre uma dada peça por meio de uma mensagem eletrónica para o meio de comunicação em questão ou para o próprio jornalista; Na plataforma digital, os veículos comunicacionais desenvolveram um jornalismo de proximidade ainda mais acentuado, ao concederem ao público um papel de destaque por intermédio da criação de espaços de discussão abertos, permitindo uma fácil e rápida troca de informação.

As consequências não se patentearam apenas na relação do público com a informação, mas também na relação dos jornalistas com a informação, mais concretamente com as fontes, tal como Bastos (2000) referiu nas alterações provocadas pela internet a dois níveis. Os passos para a construção de uma notícia mantêm-se inalteráveis (identificar um acontecimento com valor noticioso, compilar a informação necessária, selecionar e redigir), porém, na opinião de Mike Ward, citado por Canavilhas (2004), em cada uma das etapas do processo noticioso registaram-se alterações na rotina diária dos profissionais, em consequência do uso da internet. Assim,

Ward agrupou os quatro passos noticiosos em funções, de modo a esmiuçar as implicações provocados pelo recurso aos computadores. Primeiramente, e começando pelo ponto inicial - a informação recebida pela fonte - o surgimento da Internet revolucionou a etapa ao permitir a troca de informações com terceiros por outras vias. Ward apelida esta função na rotina produtiva como sendo a *função comunicativa*. O correio eletrónico ganhou terreno em comparação com as formas tradicionais. É mais rápido, permite o envio e a receção de mensagens de forma instantânea, e acarreta versatilidade- um texto pode conter elementos multimédia anexados.

A tecnologia pode ainda, num segundo momento, conceder ao jornalista a possibilidade de “certificar” a informação que tem em mãos, provinda de uma constatação pessoal, com base em algo que observou. Nestes momentos, o profissional pode recorrer a páginas de referência sobre o assunto, para confirmar dados e informações, ou recorrer ao parecer de especialistas na matéria. Quando ocorre esta fase da produção noticiosa, a notícia nasce da função pesquisa, ao invés de surgir por meio da fase comunicativa. Já na fase de seleção, a tecnologia permitiu aos jornalistas socorrer-se a *newsgroups* e fóruns- espaços de discussão sobre temas altamente especializados. Por último, ou seja, na última etapa de produção, correspondente à *função produção*, designada por Ward, está intimamente ligada à fase de redação e/ou edição das notícias.

Posto isto, a internet influenciou fortemente o processo de produção noticiosa. A ajuda concedida tornou-se fundamental, uma vez que facilitou os procedimentos, ao mesmo tempo que a migração dos meios tradicionais para a web esbateu fronteiras de tempo (a distribuição é global) e espaço.

O novo meio desencadeou a individualização do consumo, uma vez que os gostos pessoais de cada um estão agora à distância de um clique. Por meio de uma pesquisa rápida no motor de busca, um utilizador pode aceder a conteúdos exclusivos sobre o assunto que lhe interessa, ou seja, tornou-se possível individualizar o consumo de forma quase instantânea. Esta vantagem concedida pela internet à audiência impulsionou-a para o topo dos meios eleitos. Ora, o despertar da curiosidade sobre assuntos específicos pressupõe de imediato a necessidade da existência de profissionais que criem conteúdos acerca de temas particulares, o que pressupõem também, naturalmente, a especialização desses profissionais da comunicação na área, de modo a poderem desenvolver os trabalhos de forma competente, dado o grau elevado de conhecimento necessário.

Esta questão mostra-se pertinente, ainda mais tendo em conta que durante a formação profissional do jornalista são valorizados os conhecimentos gerais, e, mais tarde, durante o exercício da profissão, a tendência atual encaminha-se para a elaboração de matérias jornalísticas especializadas. Os indivíduos atribuem maior valor a uma informação personalizada, com a qual eles próprios se identificam, o que leva a que procurem essa diferença em novos periódicos, uma vez que as prioridades eleitas diferem consoante as

preferências individuais de cada um. Caso optassem por ler um jornal generalista não iriam, provavelmente, ter acesso a um assunto específico sobre o qual lhes desperta maior curiosidade, pois nas páginas generalistas a informação distribuída é pensada tendo em conta o interesse do leitor comum.

Perante o panorama, o jornalismo especializado cresce cada vez mais, forçando uma coesão social com os leitores através de uma agregação de indivíduos que partilham a mesma afinidade, o que realça a preocupação crescente do jornalismo com o próprio público, cuja tendência de especialização incentiva os profissionais a escrever para segmentos de público. O jornalismo adaptou-se à evolução social, acompanhando as características da sociedade de forma a atender aos interesses específicos do leitor.

3.3- Jornalismo especializado

No seguimento da exigência por parte da audiência numa informação especializada surgiram várias subdivisões como o jornalismo económico, político ou o desportivo, citando apenas três exemplos. Esta realidade sobrepôs-se ao modelo generalista como solução para o constante incremento de informação a que estamos sujeitos, de modo a que haja uma organização mais eficaz na hora de seleccionar o material informativo. O jornalismo desportivo (tema que será abordado no subcapítulo seguinte) não é mais do que a especialização da profissão jornalística centrada no desporto nacional ou internacional, assim como acontece, por exemplo, no domínio económico, cujos assuntos estão relacionados com a economia do país ou do mundo.

Para Isabel Leão e José Rei (2000) o jornalismo especializado é:

“Uma etapa de evolução da história do jornalismo em que os profissionais se dedicam a temas específicos de cobertura noticiosa. Esta forma de jornalismo sucede ao modelo generalista em que o jornalista escrevia para as várias secções do seu órgão de comunicação social. É um fenómeno que decorre e que se acentua à medida que os próprios meios de comunicação se tornam temáticos e as audiências se segmentam em nichos que elevam a fasquia de exigência relativamente aos conteúdos das mensagens recebidas”. (Leão & Rei, 2000, p. 139-140).

Ao invés de tentar nivelar a sociedade ao redor de um padrão comum a todos, o jornalista procura responder à especificidade de cada grupo. Uma espécie de guia do leitor, pois leva-o unicamente à informação que ele pretende absorver, assumindo-se como uma alternativa ao modelo padronizado que o consumidor dispõe.

“Podemos considerar que as produções segmentadas são uma resposta para determinados grupos que buscavam, anteriormente, uma linguagem e/ou uma

temática apropriada ao seu interesse e/ou contexto. Esses grupos agora encontram publicações ou programas segmentados com o qual possam se identificar mais facilmente” (Abiahy, 2000, p. 6).

Este modelo específico assumiu-se na Espanha- o país na vanguarda da questão- como atividade acadêmica, desde a década de 1970, e, mais tarde, como uma área científica. Isto porque se um jornalista tem de estar preparado para escrever especificamente sobre um assunto, exige-se que tenha conhecimentos técnicos e científicos (de acordo com a especialidade). Neste seguimento, Erbolato (1981) sustenta: “Por mais competente e inteligente que seja (o jornalista), não consegue bons resultados ao redigir sobre um assunto que ignora” (Erbolato, 1981, p. 11).

Fernández del Moral e Ramírez (1996) apontam para além do motivo até aqui referido (a necessidade de satisfazer a exigência do público que procura conteúdos mais profundos), um outro para o surgimento do jornalismo especializado: a necessidade dos próprios meios em alcançar uma maior qualidade informativa. De acordo com os autores, o jornalismo especializado dá aos meios de comunicação a oportunidade de responder aos desafios colocados pela sociedade, visto que esta vem perdendo referências ao nível do conhecimento por não saber conceber análises profundas e rigorosas da vida quotidiana. Ora, um jornalista especializado numa determinada área resolve o problema, na medida em que a sua análise será certamente mais rigorosa, em virtude do respetivo saber.

A especialização de conteúdos criou as suas raízes na segunda metade do século XX, aquando as empresas de comunicação começaram a despertar o interesse em responder às necessidades da sociedade, procurando não só transmitir conhecimentos, mas também explicá-los.

“A necessidade de interpretar e explicar as notícias é manifesta. A vida tornou-se tão complicada e variada, nas múltiplas atividades, que mesmo os especialistas se desorientam em seus próprios campos de conhecimento. O homem mortal comum, perdido no labirinto da economia, da ciência e das invenções, pede que alguém lhe dê a mão e o acompanhe em seus passos, através de tanta complexidade. Por isso, o jornalismo moderno se encarrega não só de noticiar os fatos e as teorias, mas proporciona ainda ao leitor uma explicação sobre eles, interpretando e mostrando seus antecedentes e perspectivas. Tudo isso com o propósito de ajudar o homem a compreender melhor o significado do que lê e ouve” (Erbolato, 2002, pp. 32-33).

Antes de surgir o Jornalismo Especializado, em si mesmo, houve uma espécie de antecedente. Os jornais e as revistas procuravam colaboradores que de algum modo estivessem relacionados com as secções existentes no jornal, para que pudessem transmitir conhecimentos mais profundos do que aqueles que detinham os jornalistas generalistas, de maneira a realizarem trabalhos mais elaborados. O que comprova a diferença existente entre jornalistas especializados e generalistas. Enquanto os primeiros conseguem noticiar os acontecimentos de

forma mais explanada, devido ao elevado conhecimento sobre o assunto que estão a tratar, os segundos vão pouco além das notícias “feitas”, estando muitas das vezes reféns das agências noticiosas.¹⁰

3.4- Jornalismo Desportivo

A imprensa desportiva viveu grandes transformações com o passar dos anos e, até mesmo dos séculos. O desporto só começou a ganhar importância para a sociedade nos finais do séc. XIX, ao conquistar um exíguo espaço nas publicações generalistas. Mas, pouco a pouco, com o passar do tempo, o interesse sobre a temática cresceu por todo o mundo, causando o natural surgimento das primeiras publicações unicamente desportivas. A França foi pioneira nesta área, com os franceses a publicarem o jornal *Le Sport* em 1854. Em 1903, o *L'Equipe*, na altura com o nome de *L'Auto*, organizou a primeira Volta a França em bicicleta, e uns anos depois, esteve na origem do campeonato da Europa de futebol, realizado em Paris. Já os portugueses tiveram de esperar precisamente 39 anos até verem a primeira iniciativa francesa a repercutir-se em terras de D. Afonso Henriques.

Segundo Tengarrinha (1989) foi com a chegada do futebol ao nosso país, em 1893 que surgiu um novo periódico: “o jornal generalista desportivo”. *O Sport* é o primeiro periódico com conteúdos exclusivamente desportivos, publicado em Lisboa. O seu interior estava dividido em sete secções: Caça, Esgrima, Equitação, Exercícios ao livre (do qual fazia parte o futebol), Ginástica, Náutica e Velocipedia (atual Ciclismo). Ainda assim, a capa do primeiro número foi um jogo de futebol realizado em Carcavelos. No entanto, apesar de ter primado pela diversidade desportiva, o seu tempo de circulação foi muito curto.

No Porto, nesse mesmo ano, nasceu o primeiro jornal dedicado apenas a uma modalidade - *O Velocipedista* - centrado no ciclismo, na altura um desporto muito em voga. Só nos anos 20 do século XX é que a imprensa desportiva portuguesa começou a desenvolver-se, e consequentemente a sedimentar-se, com o surgimento de novos periódicos e com o aumento da informação (número de páginas) centrada em modalidades como o futebol, o ciclismo e o atletismo. Nesse mesmo ano, o *Diário Ilustrado* que até então apenas fazia menção em alguma das suas edições ao desporto, criou uma secção desportiva permanente, pela égide de António Bandeira, o primeiro jornalista desportivo no nosso país. Até então, entre 1641 e 1893, tinham sido publicados mais de mil jornais em Portugal, mas nenhum tinha o desporto como eixo central.

¹⁰ Ideia desenvolvida no capítulo IV, 4.4: Rotinas produtivas na prática jornalística (p. 55).

Para o autor, enquanto profissão o jornalismo desportivo era ainda inexistente, sendo que o motivo pelo qual levava muitos dos diretores a enveredarem por este novo caminho era precisamente o seu envolvimento nas próprias modalidades desportivas.

O grande impulso deu-se, ao contrário do que se sucedeu na imprensa generalista, durante o período do Estado Novo pois de acordo com Matos (2006)¹¹ “talvez por estar menos sujeito à censura, soube dinamizar a sua ação, tornando-se mais interveniente e agressivo nas entrevistas e nos comentários, por exemplo, do que podia sê-lo no jornalismo de informação geral” (pág.16). Como tal, o jornalismo encontrou na vertente desportiva uma fuga, visto que essa vertente não estava tão vigiada pela censura, havendo outras áreas onde o lápis azul era muito mais minucioso. O mesmo sucede-se nos dias de hoje, quando comparada com outras secções, a de desporto goza de uma maior autonomia, segundo Borelli (2002). “Há menos entrave na sua análise em comparação com a política ou a economia” (p.3), o que de certa forma é explicado pela sua natureza, dado que lida com assuntos menos escrupulosos.

A partir deste período, foram lançadas várias publicações especializadas no âmbito de um entusiasmo generalizado à volta do fenómeno desportivo, com uma popularidade crescente de modalidades como o ciclismo e outras cujo fanatismo português já se esfumou, por causa do desporto rei.

De acordo com os estudos de Francisco Pinheiro, na obra *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, entre 1979 e 1984 surgiram 41 novos títulos desportivos, de entre os quais, 19 especializados, o que faria já antever a mudança que o desporto enfrentaria na imprensa, até então dominado pelos órgãos clubistas e institucionais. O ano de destaque é o de 1982 - altura em que dos onze novos títulos desportivos que iniciaram atividade, seis eram especializados.

Os clubes e as instituições desportivas tornaram-se menos ativos em comparação com anos anteriores, e em comparação também com a imprensa personalizada, que crescia progressivamente. Ao contrário do que até então sucedia, num período de três anos (1979-1981) intensificaram-se as matérias no âmbito da imprensa desportiva especializada, surgindo seis publicações em Lisboa, uma no Porto e outra em Rio Tinto. Até à data, o desporto era centrado nas tradicionais modalidades, relegando as outras. Foi neste sentido que em 1979 nasceram dois mensários, em campos desportivos completamente distintos, concedendo, deste modo, espaço a temas que até então não eram explorados. É exemplo a revista *Grande Prémio*, fundada por Jacques C. Rodrigues, no Porto, que deteve como principal objetivo “eliminar a lacuna de não existir em Portugal nenhuma revista mensal e a cores sobre automobilismo”, explicou no Editorial do número inaugural, o chefe de redação, João Querido Manha.¹²

¹¹ Citado por MARTINS, H. (2008, p. 30) “Imprensa Desportiva: Uma Análise Comparativa entre Portugal, Espanha e Itália”. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

¹² Disponível em Pinheiro, F. (2010). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Edições Afrontamento, Porto.

Um mês depois do lançamento da revista, em agosto, foi a vez de nascer o *Ciclismo*, como o próprio nome já pressupõem, dedicado ao ciclismo português que, na altura, apesar de ser uma das modalidades desportivas relevantes, não tinha o merecido destaque, na opinião do fundador. “A revista preenche uma lacuna há muito verificada no nosso País”, declarou José Santos, o diretor.¹³ No ano de 1980, uma das modalidades com poucos aficionados no país, deu origem ao surgimento de um mensário, *Rugby-Revista*, cujo número de praticantes portugueses não foi motivo de impedimento para José Fragoso Mendes satisfazer a curiosidades dos adeptos. Nesse mesmo ano, o mês de dezembro ficou marcado pela publicação de novas revistas mensais com ênfase noutros desportos: uma publicação centrada no basquetebol- a *Basket*, e outra dedicada aos praticantes de pesca desportiva- *Pesca e Companhia*.

O mote estava lançado. As revistas desportivas especializadas proliferavam com o intuito de divulgar uma determinada modalidade, e naquela época, também como uma forma de atrair novos praticantes e adeptos. *Mundo da Corrida*, *Revista Atletismo*, *Ténis e Golf Magazine* - um complemento do *Jornal do Ténis - Caça e Tiro*, e a *Setemetros*, uma publicação bimestral que se destacou pela complexidade, visto que continha a história do andebol, bem como as questões técnicas e competitivas acerca do mesmo, são alguns exemplos. Fora da capital, surgiu no Porto o *Bólide*, dedicado ao automobilismo, e em Loures o jornal *Xadrez*.

Ainda assim, a imprensa especializada no biénio de 1983-1984 não se mostrou tão ativa, surgindo apenas cinco publicações especializadas, como é exemplo o *Jornal Motocross*, com conteúdos exclusivos sobre motociclismo; a revista *Motojornal*, também sobre motociclismo, mas não só, uma vez que divulgava ainda conhecimentos sobre o mundo motorizado; e o *Ténis Magazine*. Porém, ao totalizar o número de periódicos que despontaram, é possível concluir que o desporto começou a desenvolver uma preponderância cada vez maior na sociedade portuguesa, cujos leitores se mostravam cada vez mais interessados em ler concretamente sobre o seu desporto preferido.

Portanto, tendo em conta o fenómeno, a imprensa cresceu primeiramente no campo do jornalismo especializado, sendo que, esta nova dimensão desportiva é justificada pelas modificações sociais que desencadearam uma alteração na mentalidade da sociedade, juntamente com a substancial melhoria das condições económicas, bem como da estabilidade política vivida na década de 80. Mas era essencialmente na capital que o jornalismo especializado estava bem enraizado - no Porto sobrepunha-se a imprensa generalista - abrangendo temáticas cada vez mais inovadoras sustentadas pelos meios publicitários, que davam os primeiros passos. Os campos tradicionais como é exemplo a pesca, o futebol, o atletismo e a caça expandiram-se, despontando novas áreas como é o caso do surf e do triatlo, modalidades que refletem a mudança de mentalidade cuja sociedade atravessava, com cada vez mais praticantes. Em 1987 surgiu, assim, quase em simultâneo a *Revista Surf Portugal*

¹³ Santos, J. (1979, Novembro), «Ponto de Partida», *Ciclismo*, p.1. citado por Pinheiro, Francisco (2010, p. 376).

criada por surfistas que queriam “pôr em revista as sensações que encontravam no mar”¹⁴ - viria a tornar-se uma referência - e a *Surf Magazine* que abordou outras modalidades, tais como o bodyboard, o parapente, o mergulho.

O futebol, visto como a prova rainha e uma modalidade de excelência, repartia o protagonismo. Anteriormente, confinado ao destaque, cedeu o lugar a outras modalidades desportivas, em virtude da diversificação do meio desportivo que dominava a sociedade portuguesa, através do constante lançamento de projetos jornalísticos especializados. Do final da década de 80 até meio da década de 90, despontaram 57 periódicos especializados, com particular incidência no automobilismo, um desporto que ganhava cada vez mais apoiantes masculinos, impulsionados pelo fascínio dos motores. A juntar a este coeficiente, surge o forte peso do meio publicitário automobilístico que se edificava como um produto de rendimento bastante atrativo, impulsionando assim o aparecimento de diversas publicações. Todavia, *Motor Auto* (1963), *AutoSport* (1977), *Turbo* (1981) e *Volante* (1971) eram periódicos bem enraizados, constituindo-se elementos de concorrência forte para os novos que surgiam.

O encantamento pelos veículos motorizados não se confinava apenas ao automobilismo, mas também ao motociclismo, que passou a contar nas suas fileiras com a primeira publicação portuguesa de motos totalmente a cores, a revista mensal *Motociclismo*, concorrente de uma colossal referência na área, a *Motojornal*.

“Transformar a vela e os desportos náuticos num grande projeto nacional, que faça jus à grande herança que o nosso passado de marinheiros nos legou”, escreveu o diretor Francisco Ramada, no «Editorial» do número inaugural da revista *Vela&Náutica* (1990). Com tiragens a rondar os 15 mil exemplares, o binómio vela/náutica impunha-se gradualmente no núcleo desportivo da sociedade, cativando os portugueses, concomitantemente com o atletismo, a modalidade desportiva organizada mais antiga do Mundo. Numa época em que os portugueses vibravam com Rosa Mota e os feitos granjeados, em face da campeã portuguesa ter alcançado o pleno nas grandes competições arrecadando o ouro olímpico na sequência de duas vitórias no Campeonato da Europa e uma no Campeonato do Mundo na década de 80, a *Revista de Atletismo* impunha-se às que surgiam dedicadas à temática.

Vivia-se o auge da imprensa desportiva, apesar do insucesso de alguns periódicos que ficavam apenas pelo número inaugural ou ainda outros com uma duração efémera. Não obstante, a verdade é que, ainda assim, a redefinição de jornalismo desportivo, acompanhado pelo surgimento firme do meio publicitário contribuiu para a estabilização desta área informativa. A par desta evolução, o jornalismo como profissão edificou-se. Em 1979 a Universidade Nova de Lisboa abriu o primeiro curso em Portugal com o intuito de formar jornalistas portugueses, dotando-os de competências técnicas autenticadas. À medida que a área de ensino

¹⁴ A Redação (1933, p. 40). «*Media*», Surf Portugal.

despontava, os profissionais da comunicação autonomizavam-se, de modo que desenvolveram práticas, normas e valores que ainda hoje sustentam a ideologia jornalística.

3.5- A consolidação da imprensa desportiva

“Um novo grande surto na imprensa especializada dá-se no desporto, com a existência em Portugal, a partir de 1995, de três diários (caso invulgar na Europa): O Jogo, A Bola e o Record (Correia, 1997, p. 37), sendo que a importância do desporto se estendeu progressivamente aos restantes jornais, que dedicam cada vez mais páginas e até suplementos a este género jornalístico, sempre com o futebol à cabeça, sobrando pouco espaço para a divulgação de outras modalidades” (Pêgo, 2015, p. 30).

A importância destes três jornais desportivos atravessou parte do século XX e perdura até hoje, apesar da instabilidade que se fez sentir, e pela qual passaram outros periódicos, sobretudo a nível económico.

Pelas mãos de Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis e Vicente de Melo, *A Bola*, cujo subtítulo era “*O jornal de todos os desportos*”, surgiu no ano de 1945. Primeiramente bissemanário, foi aumentando a periodicidade gradualmente, e cinco anos depois passou a ser trissemanário, até chegar à edição diária, que se mantém até aos dias de hoje.

Também em Lisboa, mas em 1949 surge o grande rival a sul, o *Record*. A história deste diário desportivo começa com uma lotaria. Um prémio de 40 contos (200 euros) cujo premiado foi Manuel Dias, vendedor de jornais e atleta olímpico, que se serviu deste dinheiro para fundar o periódico. Sendo inicialmente um jornal semanário o seu percurso equivale-se ao de *A Bola*, com edições graduais, até alcançar o formato diário, impulsionado pelo impacto positivo alcançado no seio da sociedade.

Com uma implantação maior a Norte, o jornal *O Jogo* surgiu a 22 de fevereiro de 1985 e ocupa o 3º lugar na distribuição do panorama desportivo nacional. Aquando da sua fundação, primou por ter sido o primeiro jornal diário desportivo em Portugal, o que só aconteceu com os rivais *A Bola* e do *Record* vários anos depois da implantação, visto que até lá assumiam uma outra periodicidade. Os dois primeiros diretores tiveram uma passagem efémera, Serafim Ferreira, o fundador, dirigiu durante sete anos, enquanto o sucessor, Alfredo Barbosa, apenas dois. O caminho mais longo fez-se pelas mãos de Manuel Tavares, que só abandonou a direção em 2011. Porém, o jornal sofreu uns calafrios no início da década de 90, mais precisamente entre 1994 e 1995, altura em que o diário abandonou a sua génese, passando a ter uma periodicidade trissemanal, impresso à segunda-feira, quinta-feira e ao sábado. Mas 5 anos depois retomou a regularidade inicial, passando a figurar nas bancas todos os dias. *O Jogo* distingue-se por publicar diariamente uma página a Norte e outra distinta a Sul, sendo esta a forma encontrada pelos diretores para satisfazer os leitores ao privilegiarem o critério de proximidade de cada um deles.

É importante referir que o *Record*, de acordo com os dados revelados pela APCT¹⁵ relativamente ao ano transato (2018), é o 3º jornal diário mais vendido em banca, apenas atrás do *Correio da Manhã* e do *Jornal de Notícias*, jornais generalistas, o que demonstra a relevância do desporto na sociedade portuguesa.

Outro grande passo para a consolidação do jornalismo com maior audiência em Portugal (Sobral & Magalhães, 1999, p.7) foi precisamente a criação de canais televisivos, que deram a possibilidade aos adeptos de se sentarem no sofá de casa para assistir a uma partida, ao invés de necessitarem de se deslocarem até aos estádios. À medida que o desporto se tornava uma peça fundamental na sociedade, os meios de comunicação perceberam que não podiam ser apanhados fora de jogo e investiram no fenómeno. O primeiro passo coube à *Sport TV* (1998), assumindo-se como o canal unicamente desportivo em Portugal, apesar de, os canais privados, a *SIC* e a *TVI*, já incluírem nos seus conteúdos o desporto como um dos temas relevantes.

Esta importância estende-se aos jornais generalistas impressos que, nos tempos que correm, dão a mesma relevância a um acontecimento político como a um feito de Cristiano Ronaldo. No entanto, para a imprensa desportiva poder vivenciar este período dourado, teve de ultrapassar o estigma existente. Como proferiu Fernando Cascais (1999), na obra *Introdução ao jornalismo desportivo*, escrito pelos autores Luís Sobral e Pedro Magalhães: “Se existe domínio onde o exercício do jornalismo tem de vencer preconceitos ele é o desportivo. Se existe domínio onde os jornalistas têm de jogar na defensiva para garantir a subida e a permanência na divisão principal ele é o desportivo” (p. 7).

Alguns profissionais da comunicação não assumiam este ramo como uma especialização, mas unicamente como um entretenimento. Tida como uma editoria menor, o *toy department*¹⁶ no jornalismo (editoria de entretenimento), era considerado pouco sério, no sentido em que remete para uma realidade mais leve. Felisbela Lopes e Sara Pereira (2006) dedicaram-se ao estudo desta problemática, sendo que as autoras chegam a questionar no livro *A TV do futebol*: “Se o jornalismo desportivo é um subcampo do jornalismo ou se situa algures entre o entretenimento e uma poderosa indústria que rende milhões de euros?” (Lopes e Pereira, 2006, p.8). Não podemos negar o carácter menos pesado das informações desportivas, no sentido em que não é possível comparar as consequências para o país, e não só, entre uma notícia a dar conta do despedimento do Presidente da República ou do presidente do Benfica, mencionando apenas um exemplo. Mas podemos afirmar que uma notícia sobre futebol é mais importante para uma grande parte dos portugueses, de que uma sobre o estado económico do país. E por assim ser, tornou-se numa das secções com maior retorno financeiro para os *media*, graças ao forte interesse dos leitores. Na imprensa, os jornais desportivos são publicações rentáveis, com bons índices de venda, enquanto na televisão, um canal que consiga os direitos televisivos para a transmissão de um jogo, sabe de antemão que conquistará um nível elevado de audiências.

¹⁵ Associação Portuguesa Para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT). Disponível em: http://www.apct.pt/Analise_simples.php.

¹⁶ Designação atribuída por Howard Cosell, jornalista desportivo norte-americano.

Não são raras as vezes em que o desporto, nomeadamente o futebol é destaque na primeira página de jornais generalistas ou a abertura de noticiários na televisão. Além disso, a atualização noticiosa respeitante ao domínio desportivo é constante nos meios de comunicação.

3.6- O jornalista desportivo

O jornalista desportivo não é diferente dos outros jornalistas. Todos os profissionais da comunicação guiam-se de acordo com as normas específicas inerentes à prática, estabelecidas pelo código deontológico. Ora, às responsabilidades gerais, o jornalista desportivo tem de aliar os requisitos específicos próprios à matéria que noticia. Claro está que o mesmo se sucede nas outras áreas, mas não com a mesma exigência. É necessário que os regulamentos da modalidade, o conhecimento dos atletas (são eles a base de tudo), um certo saber histórico da competição de modo a indicar quem tem maior probabilidade de ganhar, entre outras especificidades, sejam considerados parâmetros essenciais para que o trabalho do jornalista desportivo seja bem realizado. O profissional tem de se inteirar de uma série de factos que não podem ser esquecidos, sob pena de não obter uma boa notícia. A juntar a estes elementos, cada modalidade desportiva tem ainda uma terminologia própria, cujo jornalista tem de dominar. Falo por exemplo de expressões como “o esférico bateu na trave”, “a bola entrou onde a coruja faz o ninho” ou “o jogador cavou a falta”, entre muitas outras, referindo-me apenas a expressões do mundo do futebol.

“O jornalismo esportivo se caracteriza por não possuir estilo próprio ou manual que ensine como descrever fatos ou notícias ligadas aos esportes, mas existem expressões e chavões clássicos do meio esportivo que os jornalistas precisam estar ambientados para utilizar em seus textos” (Alexandrino, 2011, p. 22).

Não basta saber o básico, o que um jornalista generalista escreveria caso fosse preciso, pois antes de serem profissionais de uma só área são jornalistas por inteiro. Os leitores exigem mais. A reivindicação é fruto das expectativas de quem lê que estão cada vez mais elevadas, de modo que, esperam que a notícia lhes traga informação adicional. No caso do futebol, os adeptos já vibram tanto com a modalidade que esperam sempre mais aquando folheiam as páginas de um jornal. Ao formularem juízos, sendo capazes de se pronunciarem de forma acérrima sobre uma dada partida ou competição, obrigam o jornalista a superar-se. Os *media* perceberam isso e adaptaram-se, começando a integrar comentadores desportivos com percurso numa determinada modalidade, como é exemplo a presença de treinadores e atletas, dentro da caixa mágica¹⁷. Mas a mudança não se ficou pela televisão. Antes já se tinha estendido à imprensa escrita, começando pelas crónicas de jogo que se assemelham a um romance, cheio de fulgor

¹⁷ Metáfora para designar televisão.

e emotividade como se transportasse o leitor para dentro das quatro linhas, elevando a fasquia de quem escreve, até à elaboração de gráficos, colunas e tabelas, repletas de dados e estatísticas, como forma de adensar a informação para que não falte nada a quem lê.

Como se verifica, a tarefa já não se afigurava fácil. Mas complica-se, ainda mais, quando falamos de objetividade e paixão clubística.

“Escrever sobre desporto é tentar objetivar o subjetivo, procurar ordem no desordenado terreno das paixões. (...) A dificuldade deve reforçar o esforço do jornalista em busca do rigor. Ninguém espera de um adepto, treinador, jogador ou dirigente que separe os seus interesses da verdade. De um jornalista sim” (Sobral & Magalhães, 1999, p. 20).

Nesta editoria não há uma verdade fixa, no sentido em que muitos dos temas são discutíveis, sujeitos a várias interpretações dependendo do ponto de vista de cada um. Ora, perante isto, a grande maioria dos leitores tende a associar a cada jornalista desportivo uma cor clubística. Embora alguns se assumam afetos a um emblema, quando estão a trabalhar não podem deixar que isso influencie aquilo que dizem ou escrevem. Impõe-se que sejam imparciais no tratamento noticioso. É necessário sempre e sob qualquer circunstância, guiar-se pela obrigação número um: “O jornalista deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade” (Código Deontológico do Jornalista, 1993, p.1)¹⁸. Em face disso, o jornalista deve deixar de parte qualquer tipo de opinião, bem como de emoção, um fator que na opinião de Barbeiro e Rangel (2006), expressa no Manual de Jornalismo Esportivo: “atrapalha a busca contínua da isenção e da ética” (p. 22).

Escrever sobre desporto é também lidar com pressões. A pressão proveniente da paixão quer do próprio escritor, quer do leitor. Primeiro, o jornalista participa num jogo e até pode vibrar com ele (sem se manifestar), mas quando chega à “hora h”, ao momento em que começa a escrever, no caso da imprensa escrita, tem de se abster de toda a envolvência, fechar-se numa bolha para que possa desempenhar o trabalho com serenidade. No fim, ao veicular certas informações sabe que não irá satisfazer todos, mas faz parte do papel que desempenha, não pode deixar de o fazer só porque não quer agitar as águas. “Não se faz jornalismo sem se fazer vítimas, ou melhor, sem provocar algum reflexo social. Se não provocar, não é jornalismo”. (Barbeiro e Rangel, 2006, p. 116). Além dos adeptos, tem de enfrentar os clubes. É imperioso que não ceda aos pedidos dos dirigentes, o que no mundo desportivo pode acontecer com grande facilidade devido aos milhões que movimenta. O que cada jornalista publica sobre um determinado clube ou atleta só tem de ser aceite pelo editor do jornal para o qual desempenha funções, e não pela chefia do clube, com vista a criar laços de amizade que se possam traduzir futuramente em privilégios, como são exemplo as notícias exclusivas. A referência feita aos

¹⁸ Documento aprovado em 4 de maio de 1993.

dirigentes aplica-se às demais figuras desportivas, como treinadores, jogadores, árbitros e empresários.

Tal como é apanágio nas outras editorias, cabe ao profissional não ceder à pressão de lançar uma notícia, apenas por estar a ser reproduzida por outro órgão de comunicação. Antes de o fazer, tem de se certificar da veracidade dos factos, através da verificação da informação com as fontes disponíveis, e especialmente confiáveis, de modo a cruzar os conhecimentos para que, posteriormente, caso se confirmem, possa divulgar a notícia. A especulação é um campo fértil no desporto, sendo comum acontecer, principalmente durante o mercado de transferências (Sobral & Magalhães, 1999, p. 56). Durante este período, os jornalistas noticiam com frequência a transferência do jogador *x* para o clube *y*, sendo que, segundo os autores, o jornalista ao fazê-lo “pisa um terreno escorregadio” (*ibidem*)¹⁹. Na maior parte dos casos, a transferência não se realiza, sendo que por esse motivo afigura-se como uma área perigosa do desporto, pois são vários os fatores que o profissional da classe não controla, como a vontade do jogador, exemplificando apenas um. Por fim, ser jornalista desportivo é trabalhar até ao fecho do jornal, uma vez que a maioria dos jogos realiza-se à noite, fator que obriga o redator a produzir os conteúdos noticiosos acerca do espetáculo desportivo para lá da hora de trabalho. Ademais, implica também um *timing* de escrita e posteriormente de entrega mais curto do que o dos jornalistas generalistas.

¹⁹ *Ibid.*, p.57.

Capítulo IV. Do Gatekeeper ao Newsmaking

Trabalhar numa redação implica a adoção de determinados critérios durante a realização de uma investigação. Esta prática, não é aplicada apenas a uma redação dedicada ao desporto, mas em todas, independentemente da especialização, afigurando-se como algo inerente à profissão. Sendo a imprensa um meio de comunicação de massas, cuja informação disseminada atinge potencialmente todos os cidadãos ativos, acaba por arcar com um papel decisivo na formação de opiniões e ideias dos recetores, formadas com base naquilo que veem e ouvem.

Como referido, sendo um meio de comunicação de massas, o emissor sabe de antemão que a informação produzida se dirige a um grande número de indivíduos, que a absorve das mais diversas formas - pelos jornais, pela televisão, pela rádio e nas mais diversas plataformas *online*. As pessoas confiam neles e esperam deles a verdade, materializada nos relatos sobre a sua cidade, o país e o mundo, pois é através da comunicação que nos mantemos informados. Desta forma, é possível perceber a importância dos órgãos de comunicação social na produção de conhecimento, uma vez que não reproduzem apenas a realidade, mas também ajudam os cidadãos a construir essa mesma realidade. Assim sendo, a transmissão dessa informação que posteriormente se materializa em conhecimento, deve ser planeada ao mais ínfimo pormenor pelo profissional, uma vez que os veículos de comunicação não têm espaço para poderem publicar ou veicular todas as ocorrências. Ora, foi neste contexto que surgiram os estudos que analisam a lógica dos processos pelos quais a comunicação de massas é produzida e o tipo de organização do trabalho dentro da qual se efetua a «construção» das mensagens (Wolf, 1987, p. 159).

4.1 - O processo de Gatekeeping

Falar sobre o processo de comunicação de massas implica falar, obrigatoriamente, no conceito de *gatekeeper*, desenvolvido pelo alemão Kurt Lewin, no ano de 1947. Segundo o autor, a informação flui através de “canais”, que contêm zonas que funcionam como “cancelas”. Nessas áreas, denominadas por “*gate areas*”, encontram-se os *gatekeepers* - designação atribuída a um indivíduo ou a um grupo que tem “o poder de decidir se deixa passar a informação no canal ou se bloqueia essa passagem”.²⁰ Ora, David White (1950) tomou a teoria como ponto de partida e aplicou-a aos órgãos de informação, começando por desenvolver o estudo num jornal americano, mais concretamente a partir de um jornalista da redação, o profissional «Mr. Gates» que fazia parte dos quadros do jornal e possuía a tarefa de selecionar de entre a infinidade de informação que recebia proveniente das agências noticiosas, aquela que, mais tarde, seria publicada como notícia. Em cada dez despachos recebidos pelo jornal, White concluiu que

²⁰ Lewin, Kurt (1947, p. 145) citado por Wolf, Mauro (1987, p. 160) *Teorias da Comunicação*.

apenas um arrecadava o título de notícia, enquanto os outros nove eram excluídos por não se adequarem aos cânones exigidos.

Foram várias as explicações que o teórico alemão encontrou para justificar as opções de publicação/exclusão do jornalista americano, sendo que, uma dessas enquadra-se num dos critérios de noticiabilidade, teorizado como sendo um valor-notícia, abordado de seguida: a *proximidade*. “Outros (...) casos diziam respeito a acontecimentos em áreas demasiado afastadas do jornal e, por isso, presumivelmente desprovidas de interesse para o leitor”, explicou. (*ibid*) Posto isto, é possível afirmar a importância deste estudo para o jornalismo, mais concretamente para a formação das rotinas jornalísticas no desempenho da função informativa, encabeçadas pelo *newsmaking*. O jornalista assume a função de *gatekeeper*, diariamente, ao limitar o número de notícias através de uma seleção, efetuada de acordo com determinados parâmetros, sendo que, após essa decisão estar tomada, ocorre a passagem da informação pelas zonas (*gate areas*) que operam como “cancelas”, na teoria de Lewin. Na prática, ou seja aplicando a teoria à imprensa, como refere d’Aiola (2003) citada por Fernandes (2011), as cancelas são uma metáfora dos portões de entrada no jornal.

Após a passagem/entrada, há uma nova decisão a ser tomada. Ao converter um evento em mensagem, cabe ao profissional adotar o ângulo que crê ser o melhor para desenvolver a notícia, uma vez que cada evento não possui um valor intrínseco. Desde logo, num mesmo acontecimento, um jornalista pode primar por fazer uma cobertura diferente da de outro, o que acabará logicamente por resultar numa transmissão que, embora aborde o mesmo assunto, é transmitida ao público sobre outro ponto de vista. O mesmo acontece no jornalismo impresso. Tomando como exemplo uma conferência de imprensa do jogador X a antever um respetivo jogo, o atleta em causa responde às várias perguntas que lhe são formuladas pelos jornalistas presentes. Ora, após o término da conferência, cada veículo de comunicação escolhe frases e momentos de conversa específicos, o que esboça a diferença existente no grau de relevância de cada item jornalístico para cada um deles.

Outro modelo de *gatekeeping* foi desenhado por Westley e MacLean, surgindo como uma adaptação ao modelo de comunicação ABX desenvolvido por Newcomb (1957)²¹. Neste processo, está implícita uma relação entre as fontes e os meios de comunicação, através da fonte de informação (A) que escolhe os potenciais (X’s) para comunicar com B, criando uma mensagem a partir do seu ambiente. Todavia, neste novo modelo, surge ainda um novo elemento, o canal C - meio de comunicação - para onde o emissor envia a informação que pretende que chegue ao destinatário, sendo (B) esse destino, um membro da sociedade.

Posto isto, a função suplementar (C) introduzida pelos dois autores assume a função de guardião (*gatekeeper*) na transmissão de conteúdos sobre o ambiente entre A e B. Como explicam McQuail e Windahl (1993): “C é a organização mediática ou o indivíduo nela integrado que, de

²¹ O modelo de comunicação funciona como uma forma triangular, sendo que A e B, emissor e receptor, relacionam-se de forma unidirecional com entidades externas (X).

acordo com critérios de importância referida a interesses e necessidades da audiência, seleciona os A's que acedem ao canal que conduz ao público" (p. 42). Desta forma, agem como editores e revisores na escolha da mensagem que deve ser publicada, de acordo com os interesses dos recetores, através de uma edição adequada, dado que, o efeito provocado no público assume-se como um fator relevante.

Em face do número elevado de acontecimentos, a juntar ao espaço destinado à publicidade em todos os jornais impressos, por ser uma das fontes imprescindíveis de rendimento, o espaço informativo é cada vez mais curto. É neste enquadramento que os editores e diretores de informação insurgem ao decidirem o que será do interesse da audiência. Ao tomar a decisão, o autor desempenha o papel de *gatekeeper* no respetivo meio de comunicação. Para que um evento seja noticiável, ultrapassar o portão é inevitável, mas para tal, tem de enquadrar-se dentro de um conjunto de valores e preferências eleitos por quem ocupa o lugar de "guardião". De acordo com DeFleur (2010), há vários níveis de "guardiões". Começando pelas decisões "individuais", tomadas pelo jornalista sem qualquer influência do editor; às "rotinas profissionais", cujo conjunto de práticas e a ética institucionalizada influencia a tomada de decisão; às "instituições sociais", que disponibilizam ou não o evento social como matéria de notícia; terminando na "sociedade", onde os parâmetros culturais e sociais são fulcrais para a atribuição de relevância e importância a um dado acontecimento.

Neste planeamento da comunicação, entre as decisões do que passa os "portões" e o que fica retido ou é de imediato excluído, surgiram critérios que orientam a seleção e a apresentação da realidade por parte dos *mass media*.

4.2 - O newsmaking: critérios de noticiabilidade

Desempenhar o papel de um profissional da comunicação pode não ser tão simples quanto parece à primeira vista. A superabundância de acontecimentos implica uma restrição, efetuada a partir de uma seleção, o que torna a tomada de decisão complexa. A partir do momento em que a seleção é feita, o acontecimento deixa de ser uma sucessão casual de coisas para dar lugar a um fato noticiável.

Foi na infinidade de acontecimentos que ocorrem todos os dias, que vários autores decidiram investigar a rede de critérios de noticiabilidade, como forma de organização da prática jornalística. São de ordem vária os fatores que atuam no processo produtivo, desde os constrangimentos do repórter, aos interesses da audiência e até às circunstâncias políticas, económicas e sociais. Uma publicação está, assim, condicionada por uma série de motivos.

O produto informativo parece ser resultado de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que deve e de que modo ser inserido no jornal, no noticiário ou no telejornal. Essas negociações são realizadas pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de

importância e rigidez, e ocorrem em momentos diversos do processo de produção (Wolf, 1987, p. 200).

Perante os factos, a teoria opõe-se a uma outra: A Teoria do Espelho; A mais antiga das teorias do Jornalismo, desenvolvida em meados de 1850, pressupõem, tal como o nome indica, o jornalismo como sendo o espelho da realidade. O jornalista limitar-se-ia a escrever objetivamente os fatos, assumindo o papel de mediador desinteressado e isento ao relatar apenas a realidade, sendo que, nestes casos, as notícias ao refletirem a tal realidade são determinadas por ela. O único princípio existente seria o da separação entre os factos e a opinião.

Os anos passaram-se e a tentativa de compreender porque é que as notícias são como são deu origem à Teoria do Newsmaking, cujos autores se afastam da conjectura anterior, pois defendem a notícia como uma construção social da realidade. Ora, tal fato não invalida a objetividade como característica fulcral da atividade profissional. No entanto, apresenta-se revestida de uma certa subjetividade, pelo facto dos acontecimentos serem construídos sobre influências vigentes na realidade social. O jornalista presenteia a audiência com a informação ajustada ao que ele quer ler e ouvir, o que desde logo o dissocia da imparcialidade rigorosa e o aproxima do processo de caracterização da notícia como construção social. O jornalismo afastou-se da ideia das notícias espelharem a realidade e criou uma nova realidade, com base nas normas, práticas e rotinas diárias do profissional. Deste modo, os critérios de noticiabilidade são o exemplo da conjugação de várias normas e valores que ditam a conceção de notícia.

Wolf (1987) explica a noticiabilidade como uma teoria importante na produção jornalística, resultante da cultura profissional dos jornalistas e da organização do trabalho e dos processos produtivos. Se o primeiro ponto diz respeito ao código profissional adjacente à profissão, ou seja, aos requisitos que devem cumprir enquanto exercem a prática, o segundo está intimamente ligado ao processo de elaboração da notícia. Ao nível da organização do trabalho há uma série de limitações que começam, desde logo, pelo que define o que é notícia até ao próprio processo produtivo, desde o uso das fontes até à seleção dos acontecimentos. Outro elemento que se destaca a nível organizacional prende-se com a questão do *deadline*. O espaço que cada jornalista dispõe para noticiar está dependente do concedido pelo editor, de maneira que, qualquer empresa jornalística tem a sua própria política, consoante a hierarquização estabelecida. Assim sendo, para que alguns - dos muitos acontecimentos com os quais os profissionais são confrontados - sejam notícia, os media têm de definir a sua noticiabilidade, isto é, a respetiva “aptidão”.

É neste processo de organização do trabalho jornalístico, cuja rotina de produção determina o que será notícia, que Tuchman (1977, p.45)²² teorizou três obrigações. No momento de produção do conteúdo informacional, os órgãos de informação:

Devem tornar possível o reconhecimento de um facto desconhecido (inclusive os que são excepcionais) como acontecimento notável;

Devem elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham em conta a pretensão de cada facto ocorrido a um tratamento idiossincrásico;

Devem organizar, temporalmente e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planificada.

Posteriormente, de maneira a produzir conteúdos jornalísticos, foram estabelecidos um conjunto de critérios, definidos como critérios de noticiabilidade, cujo objetivo destina-se a reconhecer a aptidão de um acontecimento, para que, possa, ou não, ser tratado como matéria de notícia por um jornalista. O objetivo principal de todos os órgãos de comunicação é o de transmitir acontecimentos significativos. Assim sendo, tudo o que não tenha relevância jornalística não poderá figurar como conteúdo divulgado pelos *mass media*, passível de ser transmitido ao público. Um jornal não pode ser constituído por um amontoado de acontecimentos, e é em virtude disso, que a necessidade de seleção é uma obrigação inerente à profissão, constituindo-se, por isso, como pedra angular no processo jornalístico.

Para Sousa (1999), com base em Schudson (1988), a noticiabilidade, ou seja, aquilo que torna uma informação noticiável é uma qualidade que, encontra explicação na conjunção de vários fatores conformativos principais: a ação pessoal (a grande maioria das notícias resultam da envolvimento de pessoas e instituições), a ação social (na produção de informação, os jornalistas adaptam-se ao meio e aos seus constrangimentos), a ação ideológica (as notícias resultam dos interesses dos grupos sociais), ação cultural (a notícia é produzida dentro de um dado sistema cultural e, como tal, o produto final é consonante com os limites que essa cultura lhe impõem), ação do meio físico e tecnológico (dependem dos dispositivos disponíveis para a realização do seu fabrico) e a ação histórica (a interação das forças anteriores contribuem para a formação da notícia como um produto da história).

Perante isto, o que dita o que é relevante do ponto de vista jornalístico, de forma a transformar um acontecimento em notícia baseia-se na adoção de valores-notícia. Estes, revelam a sua máxima importância ao facilitarem a seleção e a complexa elaboração da notícia, ao permitirem atuar com base em critérios profissionais de noticiabilidade, de maneira a decidir em conformidade com os cânones jornalísticos: “O julgamento daquilo que é notícia é feito através da capacidade de avaliar histórias com base em valores-notícia acordados, que fornecem medidas de noticiabilidade e constituem uma rotina orientada para o público”

²² Citado por Wolf (1987). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.

(Shoemaker & Reese, 1996, p.106). O produto final é, de certa forma, o trabalho realizado pelos *gatekeepers*, cujo poder está confinado aos jornalistas da redação.

O processo de noticiabilidade exige outras reflexões, que vão além do processo inicial de reconhecimento do evento como construção social e cultural, nomeadamente no processo seguinte aquando o acontecimento é interpretado de uma determinada forma, ao invés de outra, no momento de produção da notícia, o que evidencia o necessário tratamento sobre os fatos, e seguidamente na apresentação da informação.

4.3 - O valor-notícia

Os valores notícia acabam por ser uma das componentes de noticiabilidade, surgindo como forma de resposta à pergunta que se impõem durante a prática profissional: “Quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (Wolf, 1987, p.173). Com o intuito de encontrar resposta para a questão levantada, diversos estudiosos exploraram os critérios que estão por detrás das decisões que um profissional da comunicação toma ao longo de todo o processo de produção informativo. É preciso recuar alguns anos para descobrir quais foram esses critérios sobre os quais vários autores se debruçaram, contribuindo de forma incisiva para o desenrolar da atividade.

Todavia, ainda antes destes estudos, já no século XVII (1690) o alemão Tobias Peucer, de acordo com Sousa (2004), não falou de critérios de noticiabilidade ou de valores-notícia, mas enumerou razões que motivam um acontecimento a ser noticiado. Reconheceu os acontecimentos insólitos e as desgraças como o que possuía maior valor informativo, por ser precisamente o que era habitual ser narrado pelos redatores nos periódicos da época.

“Os prodígios, as monstruosidades, as obras ou os feitos maravilhosos e insólitos da natureza, da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detetados ultimamente, fatos que têm sido mais abundantes do que nunca neste século. Depois as diferentes formas de impérios, as mudanças, os movimentos, os afazeres da guerra e da paz, as estratégias, as novas leis, os julgamentos, os cargos políticos, os dignatários, os nascimentos e mortes dos príncipes, as sucessões de um reino, as inaugurações e cerimônias públicas (...), as obras novas dos homens eruditos, as instituições, as desgraças, as mortes e centenas de coisas mais que façam referência à história natural, à história da sociedade, da Igreja, da literatura: tudo isto costuma ser narrado de forma embaralhada nos periódicos...” (Peucer, 2004, p. 20).

Uma referência feita aos acontecimentos merecedores de destaque, ainda que à data, não tenham sido mencionados como sendo valores-notícia. A menção ou o reconhecimento só veio a acontecer mais tarde, sendo necessário viajarmos até ao século XX, para estas e outras particularidades serem reconhecidas como tal.

Afiguram-se, assim, como elementos de seleção, mas também como uma linha orientadora na elaboração de uma notícia, contribuindo para o facilitamento do trabalho jornalístico, de modo que ajudam o profissional a decidir sobre aquilo que possui relevância para ser transformado em produto informativo.

“Os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. (...) Os valores-notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas chances de ser incluído” (Golding & Elliot citado por Wolf, 1987, p. 173).

Deste modo, têm como objetivo tornar a rotina do jornalista de certa forma programada, pois em muitos casos denota-se uma repetibilidade de procedimentos, permitindo uma seleção, de forma relativamente automática. Todavia, até o profissional conseguir alcançar esta espécie de percepção configurada teve de passar pelo processo inicial, o de interiorização dos critérios pelos quais se decide se um acontecimento tem, ou não, valor de notícia. Estes valores-notícia não se figuram estáticos, apesar de uns serem mais persistentes em relação a outros. A mutação de critérios prende-se com o constante aparecimento de temáticas, no sentido em que há assuntos abordados atualmente que no passado não constavam na linha editorial, ou vice-versa. Os temas acompanham a sociedade, e se agora o ESports, uma modalidade eletrônica em fase de crescimento, e que possivelmente se poderá tornar numa grande afirmação, pode assumir-se como motivo de reportagem, o mesmo não se sucederia há uns anos. Estas coberturas informativas específicas exigiram um reajustamento e uma redefinição dos critérios por se tratarem precisamente de assuntos que ou não existiam ou não possuíam a relevância de agora.

Além do mais, permitem ainda hierarquizar os acontecimentos. Isto é, afiguram-se igualmente como referências na hora de decidir o que é importante noticiar em primeiro, em detrimento do subsequente. Nas chamadas notícias de primeira página é notória a presença de acontecimentos de acordo com os mesmos níveis de critério. Ou seja, cada veículo de comunicação elege dois ou três valores-notícia, normalmente constantes, para que a eleição dessas notícias siga sempre uma linha constante, a mais importante na ótica dos editores de comunicação, cujos leitores já identificam.

Aos requisitos que se exige que cada acontecimento corresponda, do ponto de vista da estrutura, é de aliar também o ponto de vista “profissional” do jornalista. Cabe aos profissionais dos órgãos comunicativos conseguirem reunir um certo “olhar jornalístico” para percecionarem a existência pública de notícias e, por conseguinte, transformar essa «matéria-prima» em notícia, de maneira a que este conhecimento chegue às massas. Quando tal acontece, a ciência

dá lugar à prática, sobrepondo-se o conhecimento adquirido ao longo dos vários anos enquanto jornalista:

“Ao olharmos para as redações vemos muitos eventos julgados como notícia, tendo base nada de científico, mas sim puro instinto. Este processo é, no entanto, muito mais calculado do que aquilo que parece devido à vasta experiência do jornalista que o faz” (Randall, 2000, p.24).

Em caso de falta de consenso acerca da matéria a noticiar, é fundamental evitar o caos, e mesmo que os valores-notícias garantam o mínimo dispêndio de tempo e esforço para que já haja uma seleção eficiente, por vezes, acontece entre os próprios jornalistas não concordarem com a aplicação de determinados critérios a determinados eventos. Nestas situações, sobrepõe-se a hierarquia existente dentro da redação, cuja opinião dos editores-chefes dita a sentença. A própria redação ao encontrar-se dividida em setores temáticos é a prova da existência de critérios de noticiabilidade existentes no jornal.

Não obstante, o primeiro passo para a elaboração dos requisitos começou a ser desenvolvido por Wolf (1987), sob a criação de pressupostos que ajudam a definir mais concretamente o grau de noticiabilidade de um acontecimento:

1. Conteúdo das notícias;
2. Disponibilidade do material para a produção do produto informativo;
3. Público;
4. Concorrência;

Deste modo, recorrendo à pesquisa do sociólogo italiano Mauro Wolf (1987, p.178), o conteúdo das notícias está intimamente relacionado com o *nível hierárquico dos indivíduos envolvidos num acontecimento*. Este fator abrange outro que vai ao encontro dos valores-notícia referenciados nos estudos sobre a conceção de noticiabilidade, elaborados na década de 1960, por Galtung e Ruge (1965): “Quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas de elite, mais provavelmente se transformará em notícia” (p. 119). O mesmo é dizer que, um acontecimento tem valor como notícia, pela *quantidade de pessoas que (de facto ou potencialmente) envolve*, quer para o bem ou para o mal. Isto é, quanto mais elevado for o número de pessoas envolvidas num desastre ou quanto mais elevada for a presença de “grandes nomes” na ocasião, maior são as hipóteses de se transformar em material noticioso, uma vez que essas condições são sinónimo de visibilidade.

Traquina (2005) também abordou nos seus estudos este critério, identificando-o antes pela denominação de *notoriedade* embora corresponda, no entanto, ao parâmetro anterior, uma vez que a ideia é a mesma. Para o autor, estar envolvido uma figura pública/celebridade num certo acontecimento, é o quanto basta para revelar-se como “um fator decisivo para julgar algo noticiável” (p.79). Assim, a *visibilidade/notoriedade* de um acontecimento diz respeito ao número de pessoas nele incluído: quanto maior for o evento, maior é a probabilidade de ser

noticiado; e ainda mais, caso estejam presentes figuras de renome, cujo envolvimento potencia o seu valor notícia (p.80).

Um leitor ao ver a capa de um jornal diário, identifica, na grande maioria das vezes, as figuras que nele estão representadas, mesmo que os temas variem de dia para dia. O destaque está maioritariamente confinado às figuras de elite por serem aquelas cuja audiência reconhece de antemão. Aplicando o presente valor-notícia ao desporto, a ida de Cristiano Ronaldo a uma superfície comercial é logo matéria de notícia por se tratar do melhor jogador do mundo, uma figura reconhecida mundialmente. Pese embora o acontecimento não tenha grande peso informacional, acaba por ganhar logo relevância por se tratar de quem é. Perante isto, o critério de *visibilidade* é fácil de reconhecer, assumindo-se como um componente autónomo na determinação da matéria como notícia.

A juntar à *visibilidade*, outro valor assume uma grande importância. *O impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional*. Um evento é medido pelo nível de afeto/abalo que provoca no país e nos seus cidadãos: quanto maior for, mais importância terá. A este fator interliga-se um outro muito valorizado: *a proximidade*. Os leitores vão prestar mais atenção a um evento, caso este aconteça no seu contexto cultural ou geográfico. Um jornalista dá prioridade ao que ocorreu em território português - as ditas notícias internas - em detrimento do que se passa no mundo. Para um cidadão luso é mais importante saber do tiroteio que aconteceu em Almada do que um que tenha ocorrido nos Estados Unidos, mesmo que o grau de gravidade do americano seja superior ao português.

Também ao redor da *proximidade*, o jornalista inglês McLurg definiu uma escala graduada em distância, para estabelecer a importância dos desastres. De acordo com a *Lei de McLurg*, o primeiro estudioso a referir-se ao termo “critérios de noticiabilidade”: “um europeu equivale a 28 chineses, 2 mineiros galeses equivalem a 100 paquistaneses”. (McLurg citado por Wolf, 1987).

Por outro lado, a proximidade geográfica está patente nos jornais impressos do país, de acordo com a região do órgão informativo. Uma notícia pode ser diferentemente realçada dependendo de quem a noticie, pois é sempre lançada tendo em conta o seu público-alvo. Tomando como exemplo o *Jornal de Notícias*, sendo um periódico generalista situado a Norte do país, onde naturalmente reside a grande maioria dos seus leitores, motiva a que os profissionais do jornal em causa privilegiem as notícias sobre os eventos que ocorrem na zona.

Dentro desta série de critérios substantivos propostos por Wolf (1987), agrupados em duas variáveis - a importância e o interesse da notícia - falta referenciar a *relevância quanto à evolução futura de uma determinada situação*. Os acontecimentos com uma duração prolongada são referenciados com valor de notícia, e mantêm-se como assunto durante um longo período de tempo, o que beneficia o leitor, pois isso permite-o acompanhar a história e familiarizar-se com ela, proporcionando-lhe uma maior facilidade de interpretação.

Esmiuçada a primeira categoria, a seguinte relaciona-se com os critérios *relativos ao produto*, mais precisamente, à disponibilidade de materiais existentes e às características específicas do produto informativo. Quanto ao primeiro parâmetro, qualquer que seja o trabalho desenvolvido pelo jornalista são necessários meios para efetuar essa cobertura. Além dos meios, no que toca ao produto, requer-se que este prime por uma certa *brevidade*: é importante primar pela concisão, de modo a que o leitor não disperse ou se perca durante a leitura. Textos curtos e concisos, onde a informação reunida apenas abarque o essencial, é o pretendido.

A noticiabilidade de um facto diz também respeito *ao inesperado/insólito*. Por norma, os acontecimentos que fogem à rotina diária de um leitor, tendem a chamar mais a atenção. “Um dos princípios fundamentais do jornalismo é que, quanto mais insólito ou mais sangrento é o espetáculo, maior é o valor/notícia (...) Os leitores se interessarão por uma história que os impressione, e pelo contrário, ignorarão uma notícia de rotina” (Brucker, 1973, citado por Wolf, 1987, p.184). Outro valor é a *atualidade*. Como o próprio nome sugere, um acontecimento passado não terá o mesmo grau de relevância para o leitor do que um ocorrido nas últimas 24 horas. Por fim, dentro desta categoria - produto - há ainda o *equilíbrio*. Por vezes, apesar de uma certa notícia não ter a importância de outras, o jornalista pode-a incrementar no plano informativo por se enquadrar numa categoria que, até então, não foi referenciada. Este valor-notícia também foi teorizado pelo teórico Néelson Traquina (2007).

No que toca aos critérios *relativos ao meio de comunicação* propostos por Wolf (1987), estes direcionam-se sobretudo à informação televisiva, desde logo porque é encabeçado pelo valor das *imagens*, o que de certa forma é um requisito cuja exigência de qualidade impõem-se que seja superior dentro do ecrã. O segundo ponto - *o formato* - diz respeito aos limites espaço-temporais do acontecimento, mais especificamente ao tempo de duração/comprimento de uma peça. De acordo com Wolf (1987), para que um acontecimento possa ser transformado em notícia, tem de obedecer a uma estrutura narrativa: uma introdução, uma parte central, o desenvolvimento e uma conclusão. Nunca pode ser transmitido em estado bruto. Ora, se o profissional entender que o produto informativo não cumpre os requisitos, é de imediato excluído, dada a impossibilidade de operar uma transformação com base na informação disponível. Por último, o terceiro valor-notícia é a *frequência*. Se num meio de comunicação for frequente abordar um tema específico, a probabilidade de um acontecimento que se enquadre nesse tema se torne notícia, é maior. Um jornal generalista que na secção de desporto tenha por norma noticiar os jogos da FIBA (Federação Internacional de Basquetebol), quando se depara com um espaço para a edição do dia seguinte limitado, concederá prioridade a essa modalidade em detrimento de outra, cujo jornal não lhe atribua o mesmo protagonismo.

Wolf (1987) faz também referência aos *critérios relativos ao público*. O profissional da comunicação tem de centrar as preocupações, acima de tudo, no produto informativo. No entanto, não pode descurar do recetor. É necessário despertar o interesse, de modo a satisfazer as exigências do consumidor. Há ainda o aspeto da “proteção”, que ocorre sempre que uma

notícia não é lançada, ou não na sua totalidade (omissão de partes informativas), para não causar traumas ou ferir a sensibilidade do público.

Por último, o autor aponta os *critérios relativos à concorrência*. Num mundo tão globalizado, onde os veículos de comunicação assumem um papel tão preponderante, multiplicam-se os *sites* de informação, as revistas, os canais e os jornais. Envoltos neste contexto, a competição entre os meios é feroz, de maneira que gerou três tendências que acabaram por se refletir em novos critérios de noticiabilidade. Em primeiro, a luta por exclusivos ou por rubricas novas é uma constante, proporcionando uma certa fragmentação informacional, dado que, o que realmente vende são as histórias sobre as figuras de elite e, assim sendo, a informação transgride para o âmbito sensacionalista em detrimento de um produto refletor da realidade social. Por vezes, outra tendência ocorre quando um meio transmite uma notícia ao público, apenas por esperar que os *mass media* concorrentes façam o mesmo. Por último, esta propensão dos meios em caminharem lado a lado - realizam conteúdos semelhantes - provoca uma homogeneização do produto, em virtude de não quererem produzir matérias diferenciadas, para não correrem o risco de não serem aceites pelo público. Neste parâmetro, lideram os órgãos de comunicação social de referência, como é exemplo o *The Times*, cujos métodos profissionais são seguidos pelos restantes meios, cabendo-lhes a eles as tomadas de decisão de risco, consubstanciadas, por vezes, em novas apostas informacionais ou em mudanças de estilo.

Entre as principais contribuições para a elaboração de critérios que antecedem e caracterizam o processo de seleção de notícias, figuram também, como mencionado anteriormente, os conceitos de Traquina (2007), que os divide em duas categorias distintas: os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. Os primeiros surgem ainda na fase embrionária do trabalho jornalístico, ou seja, no momento da decisão de escolher se um acontecimento é candidato à sua transformação em notícia. Estes dividem-se em critérios substantivos: morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito, escândalo; e critérios contextuais: disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência, dia noticioso.

Já os valores-notícia de construção, não se reportam às características do acontecimento, mas sim aos “critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (Traquina, 2007, p.198). São eles: simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância.

Quanto à primeira secção, são apresentados novos critérios relativamente aos teorizados anteriormente. Primeiro, a *morte*, não referenciada por Wolf (1987), mas encarada por Traquina como um valor-notícia fundamental, uma vez que, ocupa o posto número um dos critérios de seleção. Revestida de negatividade, é motivo de abertura de telejornais e capa de jornais, sempre que a fatalidade acontece, principalmente a figuras de elite ou em casos de

tragédias humanitárias. Relembrando a tragédia da Chapecoense²³ que vitimizou jogadores, jornalistas, dirigentes e tripulantes que seguiam no avião que se despenhou, o acontecimento foi o mote para horas e horas de diretos, reportagens e enviados especiais, constituindo-se como “o tema” durante dias a fio por se tratar, lá está, de uma tragédia que provocou a morte, fator que destabiliza a rotina social, atraindo grandes níveis de audiência, em face do despertar da curiosidade das pessoas, sempre interessadas em querer saber mais informações. A juntar ao critério *inesperado/insólito* analisado por Wolf (1987), Traquina (2007) distingue ainda o *conflito*, resultante de episódios de violência e o *escândalo*, muitas vezes proporcionado pela transgressão de regras.

Outro critério referenciado prende-se com o *dia noticioso*. Um acontecimento tem maior chance de se tornar notícia, caso nesse momento não ocorra uma grande quantidade de eventos com nível de importância superior.

Do outro lado, ou seja, agrupado nos valores-notícia de construção, referente ao contexto da produção noticiosa, Traquina teoriza a *personalização*. Um critério também agrupado nos 12 valores de Galtung e Ruge (1965), teóricos mencionados de seguida, por ser recorrente atualmente os patrocinadores dos grandes eventos convidarem figuras de elite para estarem presentes, pois o objetivo é identificar alguém ao acontecimento. Além deste aspeto, a *personalização* é igualmente valorizada pelo total de indivíduos presentes num dado local, uma vez que, o sucesso de um evento está dependente do número de envolvidos, que quanto maior for, mais potencial de valor-notícia terá.

“Quanto mais personalizado é o acontecimento mais possibilidades tem a notícia de ser notada, pois facilita a identificação do acontecimento em termos “negativo” ou “positivo”. Por personalizar, entendemos valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento: acentuar o fator pessoa. A personalização da notícia permite ao jornalista comunicar a um nível que um vasto público composto por não profissionais é capaz de entender”. (Traquina, 2005, p.92).

Ainda dentro desta secção, fazem parte do conjunto mais seis valores-notícia. A *simplificação*, para poder ser notícia requer-se que detenha o mínimo de ambiguidade e complexidade; a *amplificação*, o evento adquire um maior valor-notícia dependendo do grau de consequências adjacentes ao ato; a *relevância*, uma vez que, impõem-se que uma notícia seja relevante para o público; a *dramatização*, acontecimentos que apelam ao lado emocional do leitor adquirem vantagem; e, ainda, a *consonância*, pois um evento beneficia caso esteja integrado num contexto previamente conhecido pelo leitor.

Os teóricos Galtung e Ruge, citados por Wolf (1987) diversas vezes durante os seus estudos, reuniram 12 valores-notícia, após uma análise à cobertura feita por três jornais noruegueses a três crises - crise do Congo, Cuba e no Chipre - ocorridas nos anos 60 do século XX, e com

²³ Morreram 71 das 77 pessoas a bordo, pelo que, pelo número total de vítimas é a maior tragédia da história desportiva, ocorrida em 2016.

consequências relevantes para a política internacional. O trabalho destes dois noruegueses é referência para quem se dedica ao estudo da componente da noticiabilidade, uma vez que nos 12 valores-notícia é possível identificar a inclusão de alguns e a renovação de outros por parte dos autores anteriores: Wolf (1987) e Traquina (2007).

Os 12 valores-notícia são: Frequência (Os acontecimentos que surgem de forma regular, coincidindo com o ciclo noticioso dos órgãos de comunicação, têm mais probabilidades de serem noticiados); Amplitude (“Quanto mais violento for o homicídio mais destaque vai ter” Galtung & Ruge, 1965, p.66); Clareza (Fácil de interpretar, ausência de ambiguidade); Significativo (Para que os eventos tenham significância têm de ter uma proximidade cultural com a audiência, ou quando essa proximidade não existe, têm de criar implicações para o leitor ou ouvinte); Conformidade (São registados como notícias os eventos que vão ao encontro das expectativas do público); Inesperado (Os acontecimentos querem-se inesperados e raros, para se tornarem boas notícias); Continuidade (Um evento importante vai manter-se como notícia durante um longo período de tempo, mesmo que o seu impacto diminua); Referência a pessoas de elite (O facto de pertencer à elite acarreta por si só, uma importância intrínseca. As ações de pessoas consideradas famosas têm um destaque superior quando comparadas com ações de indivíduos anónimos); Referência a nações de elite (Os países desenvolvidos originam ações com maior impacto e, conseqüentemente, são mais suscetíveis de se tornarem notícia) Composição (Os eventos são selecionados de acordo com a linha editorial do meio, mas também em consonância com a temática a que pertencem, para que não haja uma grande disparidade entre os assuntos); Personalização (Acontecimentos que envolvem pessoas criam maior envolvimento com o leitor) e Negativismo (As notícias positivas são preteridas a favor das negativas);

Desta forma, e tendo em conta os últimos valores-notícia referenciados, que em termos cronológicos são os primeiros, os estudos dos teóricos em relação ao assunto, não variam de forma acentuada, de modo que podemos concluir que há consenso no momento de construção do produto. Tanto em Wolf (1987), como em Traquina (2007) ou em Galtung e Ruge (1965), a importância de um acontecimento prende-se naturalmente com a atualidade, em face do jornalismo viver do momento, daquilo que urge, sendo, por isso, o tempo um fator determinante na profissão. O que é notícia hoje pode já não sê-lo amanhã. Mas também, com a relevância das pessoas nele envolvidas e no que transmitem à audiência, em termos de importância e de interesse. Neste ponto, surge a clássica distinção entre o tipo de notícias disponíveis: *hard news* e *soft news*. Aquilo que é “importante” dar a conhecer ao público; e o que o público gosta de saber por demonstrar uma curiosidade superior em eventos que são considerados entretenimento, afigurando-se apenas “interessantes”.

Os critérios praticamente não variam de meio de comunicação para meio de comunicação, com exceção do poder da *imagem e da visualidade*, como designam Wolf (1987) e Traquina (2007), respetivamente, uma vez que destinam-se essencialmente à informação televisiva, na medida em que é exigido a um acontecimento com potencial de notícia num veículo de comunicação visual, um bom material visivo, de maneira a retratar os factos da melhor forma.

Não obstante, uma das diferenças dos autores em relação ao estudo inicial, proposto pela dupla austríaca, vai ao encontro da anterior, por dizer respeito ao material disponível do meio de comunicação para cobrir o acontecimento, de maneira a que possa chegar à audiência com a maior qualidade possível. A verdade é que este critério, embora também possa parecer enquadrar-se mais no âmbito do meio televisivo, não é de todo verdade. O som é a alma da rádio e na imprensa, acontecimentos de grande dimensão exigem o acompanhamento de imagens a complementar a escrita. Perante isso, em todos os veículos são necessários materiais complexos, cuja ausência pode declinar a cobertura do evento. Ainda assim, a inclusão deste critério por parte dos autores, é a prova de que os valores-notícia são mutáveis, uma vez que, por exemplo, à época (1960) o meio televisivo não era o que é hoje, existindo apenas o canal estatal. Além do mais, as invenções relativamente às câmaras, aos microfones, às luzes e aos áudios contribuíram para o surgimento do valor-notícia, pois é notória a exigência de qualidade nos dias de hoje comparativamente à década de sessenta onde a audiência estava habituada a outras transmissões, sendo, por isso, normal agora que, na falta de material de qualidade por parte dos jornalistas responsáveis pela transmissão, o acontecimento não seja noticiado.

Posto isto, e havendo um equilíbrio entre os valores-notícia descritos por cada teórico, a diferença principal reside na exposição dos respetivos estudos, no sentido em que Wolf (1987) divide-os em cinco tipos de critérios por considerar que estes influenciam durante todo o processo noticioso, e não apenas na tomada de decisão. A seleção acaba por ser feita não só para determinar quais acontecimentos serão matéria de conhecimento, mas também, numa fase posterior, a seleção estende-se até à hierarquização. Ou seja, quais é que terão direito à primeira página e, conseqüentemente, mais espaço de desenvolvimento nas folhas internas, em detrimento dos restantes acontecimentos que serão igualmente noticiados, mas com um protagonismo diferente. Neste campo, outros fatores são chamados à toa, como é o caso da linha editorial ou do público-alvo. “Valores-notícia são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção; isto é, não estão presentes apenas na seleção das notícias, participam também nas operações posteriores, embora com um relevo diferente” (Wolf, 1987, p.173) Assim sendo, os valores-notícia não dizem só respeito aos fatos noticiáveis como também a acontecimentos noticiados.

Por outro lado, Galtung e Ruge (1965) simplificaram ao agruparem todos os critérios em 12, de modo a permitirem ao jornalista gerir os acontecimentos de forma mais simplificada, sendo que quantos mais valores-notícia um só evento reúne, mais probabilidades tem de ser noticiado. Desta forma, Traquina tomou como ponto de partida estes critérios e dividiu-os entre valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. Ainda assim, ambos os teóricos fixam-se na transformação da matéria-prima em produto, após a perceção e conseqüente seleção com base nos valores-notícia estudados, não aplicando os critérios aos procedimentos seguintes.

4.4 - Rotinas produtivas na prática jornalística

Numa profissão de ordem e desordem constante, pressão e constrangimentos, adotar um método específico de trabalho é imperioso para que a atividade jornalística possa fluir com maior naturalidade.

Como Lippmann (1997) afirmou:

“Todos os repórteres de eventos do planeta, nem mesmo trabalhando 24 horas por dia, poderiam presenciar tudo o que passa no mundo. Por outro lado, a verdade é que não muitos, que nenhum tem a capacidade de estar em dois sítios ao mesmo tempo nem são clarividentes, nem utilizam bolas de cristal, nem têm o dom da telepatia. Assim, parecer-nos-ia milagroso que estes profissionais (...) fossem capazes de cobrir tal variedade de temas, se não fosse porque todos eles seguem uma rotina de trabalho tipificada” (p. 214).

Em virtude desta necessidade de ordem no tempo e no espaço foi concebida uma “rotinização” na aplicação das práticas produtivas. Como escreveu Wolf (1987): “o elemento fundamental das *routines* produtivas, isto é, a substancial escassez de tempo e de meios, acentua a importância de valores-notícia, que se encontram, assim, profundamente enraizados em todo o processo informativo” (p.193). Embora a organização do trabalho específico de cada redação seja díspar, as principais rotinas, nas quais se integram a fase de recolha, seleção e apresentação dos fatos, constam em cada meio de comunicação, sem exceção.

Sousa (1999), no livro *As notícias e seus efeitos*, definiu o conceito de rotinas produtivas:

“Podemos considerar que rotinas são os processos convencionalizados e algo mecanicistas de produção de alguma coisa que, sem excluir que determinadas pessoas tenham rotinas próprias ou que a cultura e o meio social afetem essa produção, me parece obedecerem essencialmente a fatores socio organizacionais. (p. 26).

Para o autor, o fluxo constante de notícias obriga o órgão de comunicação a ter de fazer uma ponte entre a imprevisibilidade das notícias e a necessidade de transformação rápida de um acontecimento em notícia, pelo que a única fórmula de resposta rápida, materializa-se nos padrões organizacionais estabelecidos. É neste sentido que, Shoemaker e Reese (1996) circunscreveram as rotinas produtivas como sendo: “respostas práticas às necessidades das organizações noticiosas e dos jornalistas” (p.108).

Não obstante, para dar início ao fabrico da informação jornalística quotidiana é fundamental recolher o material necessário: primeiro procedimento estandardizado. A recolha pode ser feita de duas formas: em campo, aquando um jornalista se desloca ao terreno à procura de mais informações e depoimentos; ou com base em material produzido por outras agências e aproveitado pela redação, sendo que, nesta situação, o profissional limita-se a reestruturar o conteúdo com base nos princípios adjacentes ao produto em questão e ao meio de divulgação.

Esta situação acontece com frequência, quer seja por se tratarem de empresas especializadas e cujo trabalho é realizado de forma precisa e rigorosa, quer seja pela eficiência, dado que, permitem ao profissional cumprir os rigorosos prazos de entrega, e ainda, aliviar o órgão de comunicação de encargos (sociais e monetários) de correspondentes, principalmente no estrangeiro, para cobrir o evento. Deste modo, tudo parece estruturado, mesmo quando a indeterminação paira, embora por breves instantes. Rapidamente, cede lugar ao chamado “profissionalismo político” - teoria defendida pelo sociólogo Giovanni Bechelloni (1982). De acordo com o italiano, citado por Wolf (1987):

“O profissionalismo ‘político’ consiste na capacidade de conhecer e dominar-mesmo de um modo não explícito- um conjunto de regras geradas pelas relações que se estabelecem, numa determinada sociedade, entre sistema político, domínio cultural e mercado. A interação social dos indivíduos que operam nestes três domínios da ação social, produz uma determinada definição de ‘notícia’ e uma determinada organização do trabalho jornalístico. É constituído por um conjunto de regras, muitas vezes tácitas, raramente vividas como regras por quem, no entanto, o pratica, e que não são objeto de discussão pública. Essas regras produzem-se dentro e em volta da redação, são transmitidas na interação social e aprendidas através de uma socialização atenta e gradual” (Bechelloni *citado* por Wolf, 1987, p.112).

Depois da recolha estar completa, o jornalista entra na fase seguinte das rotinas produtivas: a estruturação do material. É essencial proceder a “cortes” e ajustamentos, ainda que, no procedimento primário, o jornalista ao recolher o material já planifica o que pretende dar a conhecer durante a elaboração. Porém, a preocupação não se centra somente na transmissão da informação. O conteúdo tem de interessar ao público. Quem vê ou lê tem de ser cativado por quem escreve, de modo a ir ao encontro dos interesses e necessidades da audiência, um conceito fundamental no jornalismo. Como Shoemaker e Reese (1996) afirmaram, “as estórias devem ser de leitura agradável, as fotos devem estar enquadradas apropriadamente nas páginas, e as manchetes compostas diretamente para a atenção do leitor (...) as estórias devem ter um apelo inerente” (p. 109).

De acordo com os dois autores, as rotinas produtivas afiguram-se como práticas repetidas e convencionadas, através das quais os jornalistas desempenham o seu trabalho. Tal como as pessoas organizam a sua própria vida de modo a tornarem-na mais simplificada, Shoemaker e Reese (1996) explicam que também as organizações noticiosas desenvolvem padrões e hábitos para realizar as tarefas (p.17).

Neste processo rotinizado, Wolf (1987, p.200) concede destaque primordial às fontes, tomando como deveras importante uma relação rotineira entre os jornalistas e as fontes, em virtude do fluxo informativo ter de estar constantemente ativo. A preferência por fontes oficiais relaciona-se com a credibilidade que lhe é inerente, possibilitando ou exigindo o mínimo de controlo possível por parte do jornalista, uma vez que ao ser oficial pode ser citada e, em razão disso, qualquer problema gerado pelos elementos noticiados passa a ser da responsabilidade da própria fonte. Consequentemente, a escolha recai maioritariamente em fontes estáveis,

consolidando uma nova rotina por via da falta de escassez de tempo. A probabilidade de cooperação com um jornalista é maior aquando o contacto é feito com frequência, facilitando os naturais procedimentos. Mas não só. As fontes institucionais são a salvação de uma grande parte de jornalistas, diariamente confrontados com a necessidade de escrita sobre acontecimentos que além de não terem presenciado, também não se enquadram dentro da sua especificidade profissional. Nestes casos, o conteúdo já produzido revela-se preponderante para a realização da tarefa confinada ao jornalista, possibilitando-lhe a elaboração da uma notícia com qualidade.

Este ponto leva-nos a um outro: à distinção entre jornalistas especializados e jornalistas não especializados. Geralmente, um jornalista especializado numa só temática ou área apresenta saberes diferentes, mais profundos e estruturados. Ora, perante a maior bagagem de conhecimento, a qualidade de contato com a fonte superioriza-se, proporcionando a criação de uma relação contínua com os informadores, ao ponto de lhe serem fornecidas informações constantes e notícias reservadas. Tamanha afinidade pode criar um paradoxo, de acordo com a linha de raciocínio de Wolf. O jornalista em resultado da produtividade da fonte acaba por se tornar dependente dela, sendo que, nestas situações, quando a fonte cessa, o prejuízo afigura-se maior. Para Sousa (1999), esta dependência em informações provenientes dos canais de rotina, inclusive conferências de imprensa, *press-releases*, agência, entre outros, é um processo que diminui a polifonia do discurso jornalístico e provoca uma dependência excessiva. Shoemaker e Reese (1996, p.127) acreditam que apesar dos benefícios para as organizações jornalísticas serem inegáveis - economizam tempo e recursos financeiros e humanos - a dependência constante de informação provinda das fontes, torna os jornalistas mais facilmente manipuláveis.

Capítulo V - A dicotomia do jornalismo desportivo português: Futebol *versus* Modalidades

A relação do jornalismo, neste caso o desportivo, com o desporto, ganhou proporções abissais, principalmente nas sociedades contemporâneas. Este novo género jornalístico motivou a reestruturação de alguns jornais, nomeadamente após o nascimento dos periódicos desportivos, levando, a título de exemplo, o *Times* e o *New York Times* - jornais de referência - a dedicarem uma secção exclusiva ao desporto. Quer seja pelo entretenimento, a diversão ou a competitividade, o desporto movimenta milhões de aficionados. É a eles que se dirige esta forma especializada de jornalismo, e cabe a ela noticiar tudo o que é considerado notícia, fazendo chegar até aos leitores um panorama dos acontecimentos que ocorrem pelo mundo do desporto.

Em Portugal, é notório o interesse dos meios de comunicação pelo desporto, principalmente pelo futebol. Parece ser visível a existência de uma maior identificação por parte dos adeptos por aquele que é considerado o desporto rei. Não se sente em mais nenhuma modalidade, a rivalidade que o caracteriza, a estreita ligação entre o clube e os apoiantes e a movimentação de milhares de pessoas, de diferentes países, atrás deste desporto, muitas vezes, o rosto de primeira página dos diários portugueses.

A contrastar, as modalidades são maioritariamente noticiadas nas últimas páginas dos jornais, sendo que informam somente sobre os principais campeonatos de cada uma delas, estando dependente dos acontecimentos do dia. Além disso, enquanto nos jornais há espaço para pequenas notícias sobre equipas de escalões inferiores, como o Campeonato de Portugal ou os Distritais, o mesmo não se sucede no que diz respeito às modalidades. Apenas as equipas com estatuto gozam de espaço informacional. Que uma redação tenha jornalistas unicamente focados em tratar de matérias especializadas em futebol, é comum. Muitas das vezes, um profissional dedica-se exclusivamente a acompanhar a atualidade desportiva de apenas um único clube português. Ora, nas restantes práticas desportivas o mesmo não se sucede. Um único jornalista escreve sobre variados desportos, desde o futsal ao voleibol, por exemplo.

Perante este cenário, parece que comparativamente ao futebol, as modalidades não se afirmaram perante grande parte dos portugueses, fenómeno que se repercute nos quatro cantos mundo.

5.1 - O futebol como “desporto rei”

Entre dezenas de modalidades desportivas existentes, o futebol tornou-se o desporto de maior dimensão. A nível europeu nenhum outro desporto consegue rivalizar com este, quer em número de aficionados quer em termos económicos. A imprensa tende a correr atrás do lucro,

ou seja, do que gera receitas e permite a cada órgão de comunicação alcançar os resultados esperados, pelo que nenhuma outra modalidade, sem ser o futebol, se afigura fonte tão profícua de audiências.

Sendo um desporto cujo único elemento necessário é uma bola, desde as primeiras civilizações que as populações, como forma de entretenimento e de relacionamento entre os membros da sociedade, remediavam com os materiais existentes este objeto em forma esférica, de modo a poderem praticar variantes de futebol, sendo que o objetivo principal consistia em que cada um dos lados a impulsionasse em sentido contrário. Só apenas em pleno século XIX, em solo inglês, é que se começou a executar este desporto de forma idêntica aos cânones atuais, aquando os alunos o começaram a praticar durante o tempo de intervalo nas escolas públicas, estendendo-se posteriormente a outros grupos sociais, nomeadamente ao proletariado. Não havendo certezas de como e onde nasceu o futebol, de acordo com a forma como atualmente é praticado, é possível pelo menos afirmar que o futebol é um jogo inglês.

A popularidade em torno da modalidade gerou a sua massificação e os jogos proliferaram um pouco por todo o território inglês, todavia de um modo um pouco desordenado. Cada equipa interpretava de forma diferente quer as regras, quer o próprio jogo, conduzindo a uma disparidade de interpretações, gerando muitas vezes confusão, pelo simples facto de que o que era lícito num campo, não era noutra. Com o intuito de conseguir harmonizar este fenómeno desportivo, Ebenezer Cobb Morley lutou pela unificação das regras, sendo considerado o «pai» do futebol moderno, por ter sido de facto o grande líder de um grupo vocacionado para a civilização do «jogo das multidões». O esforço encontrou a recompensa no sucesso universal de que é hoje este desporto, uma vez que foi graças essencialmente a si que o futebol encontrou o seu verdadeiro caminho (Sousa, 1997, p. 36).

O interesse pelo futebol crescia, quer por parte das populações, quer por parte da imprensa. Foi então que uma carta de Morley conduziu a uma reunião entre os homens do futebol, unindo capitães de equipa, secretários e outros representantes de alguns clubes londrinos e dos subúrbios do país. Neste dia, a 26 de outubro de 1863 foi criada a *Football Association*, a primeira associação de futebol. O aumento do controlo no futebol era refletor também das tendências da época, cuja preocupação em reduzir a brutalidade e a violência assumia-se como uma prioridade. Não obstante, a indisciplina estava presente na modalidade, tornando-a até, por vezes, um desporto perigoso. Assim, com Morley a secretário (mais tarde presidente), a nova organização primou pela regularização e controlo dos jogos. Foram 14 o número de leis que se definiram como a «trave-mestra» do futebol. O primeiro jogo de acordo com as novas regras ocorreu duas semanas depois, opondo o «Barnes» e o «Richman», tendo-se pautado pela rampa civilizacional que hoje reconhecemos em cada partida disputada.

Todavia, o número de jogos era muito diminuto em comparação com as necessidades de competição das equipas existentes. Até à data só havia em disputa a Taça da Competição de Futebol, sendo que as equipas eliminadas entravam de imediato em quarentena competitiva.

Foi com o intuito de suprir esta lacuna que surgiu a organização do primeiro campeonato de futebol: *Football League*. Em 1888 criou-se assim a primeira Liga Profissional de futebol em todo o mundo. Esta inovação constituiu-se posteriormente como um exemplo a seguir por parte de outros países europeus. Naturalmente, o começo da liga profissional exigiu um maior poderio económico por parte dos clubes participantes, de modo que a solução inicial passou pela cobrança aos adeptos de entradas nos recintos desportivos. Pagar para assistir a uma partida futebolística, tal como se sucede até hoje, não afastou espetadores dos recintos. Os simpatizantes do desporto rei, continuaram a assistir às partidas, tornando a modalidade um verdadeiro fenómeno de massas.

Conhecida como sendo a pátria mãe do futebol, a *Premier League* tornou-se, efetivamente, uma das invenções inglesas mais amadas. Pensar na liga inglesa, é aviventar da memória o registo do fervoroso adepto inglês a puxar pelo respetivo clube amado. Este fervilhar de emoções gerou a criação de um ambiente festivo ao redor da prática desportiva, pelo que, perante tamanha vivacidade, propagou-se incessantemente, dando origem a um constante crescimento de simpatizantes. O futebol começou a ser visto não apenas como um desporto, mas antes como uma prática cultural, inerente a todos os britânicos. Dado o progresso, e dadas as ligações comerciais à época existentes, procederam à exportação da modalidade pelo continente europeu e americano. Quando os marinheiros ingleses aportavam noutra país, costumavam realizar jogos de futebol entre si, sob o olhar atento dos locais. Aos poucos, o jogo começou a ser absorvido pelos habitantes, de modo que estes ingleses, a juntar a outros espalhados pelos quatro cantos do Mundo (comerciantes e engenheiros) tornaram-se os principais reprodutores do desporto rei (Sousa, 1997, p. 46).

Diante desta conjuntura evolutiva decorria o ano de 1904 aquando surgiu a criação de um dos organismos mais importantes do mundo futebolístico - a *Federação Internacional de Futebol (FIFA)*. A organização determinou incidir não apenas no regulamento externo do futebol mundial, mas também em campo. Primeiramente, a regulação incidiu na determinação de sanções a instituições clubísticas ou a jogadores sempre que fosse necessário, isto é, sempre que fossem cometidos atos de indisciplina. No plano prático, internamente, a FIFA estruturou a organização de campeonatos continentais, campeonatos mundiais e impulsionou ainda a criação de novas ligas nacionais.

Mais tarde, já em 1954 é que surgiu a *UEFA* (União das Associações Europeias de Futebol), o outro órgão máximo de regularização do futebol, reservado exclusivamente a atuar em território europeu, com base na promoção da modalidade de acordo com os pilares do *fair-play*.

Apenas um mês após a primeira conferência da *Union of European Football Associations* (UEFA), o jornalista Gabriel Hanot, à data diretor do diário desportivo francês, o *L'Equipe*, propôs a criação de uma competição com partidas a realizarem-se a meio da semana, mais concretamente nas noites de quarta-feira. Deste novo desenho competitivo nasceu a prova mais

prestigante do desporto rei, a Taça dos Clubes Campeões Europeus, então denominada por *UEFA Champions League*. No primeiro ano foram convidados os clubes que até ao momento gozavam de maior prestígio por parte dos adeptos, pertencentes à UEFA. O ano seguinte trouxe mudanças, aproximando-a do formato atual, participando apenas os vencedores dos principais campeonatos nacionais, de modo a reunir a elite futebolística europeia.

Em Portugal, o futebol foi assinalado no muro do parque do jardim infantil da Camacha, na ilha da Madeira, onde se poderia ler: «*Aqui se praticou futebol pela 1.ª vez em Portugal em 1875*» (Sousa, 1997, p. 79). As notícias existentes até à época apontam a Madeira como sendo o berço do futebol português, pelo que não há precisão quanto à chegada deste desporto ao continente. Mas, desde que por aqui aportou, o “bichinho” do futebol estendeu-se a todas as localidades, tal como no caso inglês. O primeiro repto do que se tornaria um dos jogos mais eletrizantes e aguardados do futebol português - o clássico - aconteceu pela primeira vez numa disputa entre o clube de Lisboa e o Football Club do Porto, para a Taça del Rei. O encontro ficou registado para a história como sendo o primeiro duelo a opor Lisboa-Porto, sulistas e nortenhos, no nosso futebol. A crescente popularização da modalidade impulsionou a criação de um organismo português regulador da prática desportiva, surgindo sob a designação: *Liga de Football Association*. A partir do nascimento da respetiva liga, as mudanças tornaram-se progressivas. Dois anos depois, em 1908, o organismo deu lugar à *Liga Portuguesa de Football*, cujo campeonato organizado reunia somente equipas sulistas, por falta de organizações governamentais que conseguissem reger todo o território nacional.

Somente quando surgiu a União Portuguesa de Futebol, mais tarde denominada por Federação Portuguesa de Futebol, tal como se mantém, é que foi possível regulamentar a atividade futebolística em todo o território português. Perante o novo cenário, as provas competitivas começaram a ganhar forma. Ainda assim, tal como se sucedia nas outras áreas, Portugal mostrou-se, naquele período, atrasado em relação ao desenvolvimento dos demais países europeus. Prova disso foi a derrota com a Espanha por nove golos a zero. Aos jogadores portugueses faltava-lhes, essencialmente, regularidade de competição e exigência. Ora, como forma de dar a volta ao contexto desportivo vivido, jornalistas e dirigentes desportivos reivindicaram mudanças à F.P.F., que se viu, deste modo, forçada a organizar a criação do campeonato da I Liga e II Liga, na época de 1934/35. A título de curiosidade as primeiras equipas a competir foram 8: F.C. Porto, Académico do Porto, Académica de Coimbra, Benfica, Sporting, Belenenses, União de Lisboa e Vitória de Setúbal. O vencedor desta primeira edição foi o F.C. Porto.

A juntar aos campeonatos nacionais surgiu a Taça de Portugal, em 1938/39, e a Supertaça «Cândido de Olivera», em 1979. Ambas as competições perduram até à atualidade, sendo a primeira considerada a segunda prova mais importante do escalão nacional, a seguir ao campeonato. Organizada por sorteio, com jogos a eliminar, a Taça é a oportunidade de muitas equipas ditas “pequenas” almejarem reconhecimento por meio de vitórias sobre os “grandes”.

Por sua vez, a Supertaça é disputada entre os vencedores destas duas últimas competições mencionadas.

A modalidade crescia em território luso, mas também pelo mundo fora. Ao tornar-se um desporto comum a todos, independentemente de nacionalidades, o futebol originou a criação de torneios internacionais. Os países democráticos participavam nestas partidas, semelhantes ao atual Campeonato Mundial de Futebol, com o propósito de alcançar reconhecimento internacional. Em face de, o futebol assumiu-se como um desporto integrador de diferentes culturas e povos, dado que nestas competições, os atletas e respetivas instituições clubísticas primavam pela igualdade, não havendo lugar para distinções económicas ou sociais.

Estando os meios de comunicação atentos à realidade social, o crescimento progressivo do futebol concedeu-lhe o lugar primordial. Foi a primeira modalidade especializada a ter direito a notícias, comentários e a antevisão dos jogos. À semelhança do sucedido no seio dos adeptos, este desporto galgou terreno e afirmou-se de forma sólida nos veículos de informação, sendo que a própria imprensa se constitui como um dos fatores para o crescente desenvolvimento da modalidade, dada a relevância concedida.

Nos órgãos impressos, a crónica desportiva, as típicas notícias que se afiguram como rumores, como são exemplo as supostas transferências de técnicos ou jogadores, o dia-a-dia dos grandes (F.C. Porto, S.L. Benfica, S.C. Portugal) e o histórico de confrontos ou histórias envolvendo as principais figuras fora dos relvados invadiram as páginas dos jornais, inicialmente no final da década de 80, mas sobretudo na de 90, conduzindo à mediatização do desporto rei. A crescente notoriedade da modalidade mostrou-se benéfica para a imprensa, uma vez que os leitores consumiam os conteúdos desportivos em massa, gerando grandes resultados económicos.

“O futebol, eixo fundamental de uma narrativa desportiva inscrita no quotidiano, passaria a reinar sem oposição. Ao mercado interessava explorar o poder do futebol enquanto *stock* de conhecimento partilhado, alimentando-o com factos de teor estritamente desportivo, mas também com o exame de tudo o que envolvia o jogo, as polémicas, a vida privada dos jogadores” (Domingos & Neves, 2011, p. 268).

Seguiu-se a rádio, afigurando-se como o meio de comunicação seguinte a considerar o futebol o desporto chave de ouro. Emoção, paixão, vivacidade e intensidade são alguns dos adjetivos subjacentes a cada relato do locutor. Tal como nos dias de hoje, a rádio começou a transmitir os relatos dos jogos de futebol, tornando-os parte integrante dos blocos informativos. Nenhuma outra modalidade tem o protagonismo desta. No que toca às rádios locais, estas narram inclusivamente os jogos das equipas locais, independentemente da competição em causa, tratando-se até, maioritariamente, de partidas dos campeonatos distritais. O locutor não deixa escapar um único lance, golo, falta ou substituição, relatando tudo ao pormenor para que não falte nada ao ouvinte.

Após os jornais e a rádio, seguiu-se a televisão. O auge do desporto sucedeu aquando surgiram canais televisivos com edificação exclusivamente desportiva. Dada a vertente, adquiriram o direito de transmissão exclusiva de eventos desportivos, como é exemplo, em Portugal, a Sport TV, obrigando os portugueses a pagar para poder consumir os principais jogos do campeonato nacional e dos campeonatos internacionais. Também nestas estações, as emissões focam-se no futebol, surgindo as demais modalidades, na ausência da realização de partidas futebolísticas, o eixo central das transmissões. Num estudo protagonizado por Felisbela Lopes e Sara Pereira (2006, p.5), na Alemanha a transmissão anual de futebol passou de 189 horas semanais, em 1984, para 5 457 horas num espaço de 14 anos. Muito provavelmente, se realizarmos o mesmo estudo, passados 20 anos, este número superiorizou-se novamente, por força do poderio do futebol.

Eduardo Borba (2008) traçou o ciclo evolutivo do desporto rei, mais concretamente os períodos de mudança da modalidade, de acordo com os desenvolvimentos alcançados pelo futebol ao longo da sua história. Desde a *fundação*, marcada por um período primitivo, cuja única necessidade era a existência da bola de jogo e de duas equipas, seguindo-se a natural implementação das regras de jogo - *codificação* - até à *estratificação*, com o nascimento das associações de futebol por meio do surgimento das ligas nacionais, que impulsionaram a *profissionalização* da modalidade, tornando o futebol uma profissão legal, fator que beneficiou os jogadores, uma vez que lhes permitiu fazer da prática competitiva um emprego. Com a crescente popularização do fenómeno desportivo, o próximo passo, materializado na *pós-profissionalização* contou com a criação das divisões das ligas oficiais. A força do futebol incitou a *comercialização* através da realização de grandes negócios financeiros, essencialmente entre os patrocinadores e os direitos de transmissão televisiva, estimulando já nos anos 90, a presença *online*. A última evolução é definida como o período de *pós-comercialização*, marcado pelo relacionamento digital entre as instituições e os consumidores.

Nenhum outro desporto goza da popularidade do futebol, prova disso é a própria envolvência à volta de uma partida futebolística. Falo do pré-jogo, do jogo, e do pós-jogo. Até ao apito inicial antecedem-se notícias, comentários e conferências dos respetivos técnicos nos três órgãos de comunicação social, com maior ênfase, neste parâmetro, para a televisão e a imprensa escrita. Os *media* dão conta do boletim clínico dos jogadores, especulam sobre os onze prováveis com base nas prestações anteriores da equipa em questão e atribuem favoritismos. Caso se trate de um “jogo grande”, o cenário é ainda mais exacerbado, por se tratar de uma partida com valor mediático superior, uma vez que o valor comercial cresce, e por esse motivo, obriga os profissionais a abordarem o jogo com maior profundidade. Logo após o apito final do árbitro segue-se o pós-jogo, à semelhança dos acontecimentos antecessores à partida, mas agora com as *flash interviews*, seguidas pela análise e os comentários ao jogo.

O mesmo se sucede com outras modalidades desportivas? A resposta afigura-se simples. Raramente outra modalidade tem direito a aberturas de noticiários nos canais generalistas ou mesmo espaço informacional a dar conta de jogos disputados, caso se tratem de modalidades

coletivas. As exceções ocorrem quando é alcançado um feito, como é exemplo uma conquista portuguesa em competições de gabarito, como é o campeonato europeu ou os jogos olímpicos, cujos troféus motivam maior visibilidade.

Ao aliar o entusiasmo à facilidade de compreensão das regras, o futebol é um jogo para qualquer pessoa. E é essencialmente um jogo de equipa, onde o coletivo prevalece sobre as individualidades, de maneira que acarreta um valor social. Numa equipa, o objetivo de todos os jogadores é comum: ganhar. Mas para que isso seja possível é fundamental a dinâmica do coletivo, fato que amplia a importância de cada jogador. Perante o contexto, fundamenta princípios que no seu momento de iniciação, escasseavam nas sociedades. Espírito de equipa, entreajuda e cooperativismo são alguns exemplos que o futebol transmite e tanta falta fez em muitos momentos da história.

Dentro de um recinto desportivo, mais de 50 mil pessoas torcem pelo seu clube, sendo precisamente esse o laço que as une durante aqueles 90 minutos de jogo. Não se conhecem, mas a força do futebol liga-as de tal forma que a vibração dos torcedores transcende para dentro das quatro linhas como fossem uma só força. Os jogadores aos olhos dos adeptos não são meros futebolistas, mas sim representantes de um clube, de uma cidade, de uma história que têm de lutar para dignificar.

“O futebol não só se rege por lógicas não classistas, como até pode contribuir para esbater as fronteiras de classe lançando pontes de convívio, comunhão e solidariedade entre classes. Ao fim e ao cabo, todos torcem e gritam em uníssono pelos mesmos objetivos” (Gonçalves, 2002, p. 122).

O mesmo se sucede nos jogos da seleção nacional. Os onze jogadores que entram em campo lutam pela honra de um país, de uma nação, constituindo-se como representantes dos onze milhões de portugueses. E é por isto, que “*O futebol nunca é só um jogo*”.

Atualmente assistimos à rivalidade entre clubes do mesmo país, cuja superioridade para as respetivas populações é demonstrada através do desporto rei. Nenhuma vitória em uma outra modalidade se consegue superiorizar ao sentimento de êxtase vivido pelos catalães diante dos eternos rivais: os madrilenos. Este confronto representa para todos os *blaugranas* muito mais do que uma partida de futebol, é a luta por uma nação. A estreita ligação entre clubes e adeptos sente-se em todos os territórios, como é o caso de Portugal, neste caso, com especial destaque para a rivalidade entre os “três grandes”: S.L. Benfica, F.C. Porto e S.C. Portugal.

Mesmo que o futebol se encontre num interregno, com a habitual paragem para as férias dos jogadores, após o final do campeonato nacional, nota para o fato de haver ainda, de quatro em quatro anos e de dois em dois anos respetivamente, espaço para as seleções disputarem o Mundial e o Europeu, o que reflete a constante necessidade por parte das organizações de existir sempre uma bola a rolar, havendo somente lugar para o descanso no ano sabático destas competições. Ora, durante esse período que, por norma ronda um mês, os meios de

comunicação continuam a dar conta da atualidade desportiva dos clubes, com destaque contínuo para o futebol.

As primeiras páginas dos jornais estão quase sempre ocupadas com o desporto rei, não cedendo lugar às modalidades, exceto aquando algum feito é alcançado. Desta forma, mesmo não sendo disputadas partidas, os jornalistas procuram informações sobre outras temáticas. Não é raro vermos notícias sobre o destino paradisíaco de um craque da bola. Tal conjuntura, não acontece com os outros desportos. Não havendo competições ou notícias relevantes deixam de figurar no plano informativo. Um jornalista não tem a preocupação de procurar conteúdo a todo o custo para informar os leitores sobre a atualidade do voleibol, citando apenas um exemplo. Já um jornalista cujas funções se destinam inteiramente a escrever sobre dragões, águias ou leões, tem de procurar conteúdos para brindar os leitores.

5.2 - A hegemonia dos “três grandes”

Sport Lisboa e Benfica, Futebol Clube do Porto e Sporting Clube de Portugal são os clubes reconhecidos como sendo os “três grandes”, fruto de serem os emblemas com maior palmarés desportivo, com o maior número de atletas federados e com o maior número de massa associativa no nosso país. Tanto os dois clubes sulistas como o nortenho apostam forte nas modalidades, contemplando uma extensa lista que vai desde o futebol até ao andebol. Quer seja no desporto rei como noutros desportos, os três detêm a hegemonia em território nacional.

Começando pelo emblema vermelho e branco, o SLB nasceu a 28 de fevereiro de 1904. Cosme Damião é o grande responsável por sustentar o clube durante os seus primeiros anos de existência, afirmando-se como a primeira instituição desportiva em Portugal de base popular, o que significa que, de imediato, se assumiram como sendo o clube do povo. Atualmente, sob a presidência de Luís Filipe Vieira, que assume o cargo desde 2003, afigura-se como a instituição com maior número de adeptos, contando ainda com um historial desportivo repleto de títulos. O futebol é a principal modalidade do clube, mas conta nas suas fileiras com outras modalidades que o compõem: Basquetebol, Hóquei em Patins, Futsal, Andebol, Voleibol, Atletismo, Natação, Biliar, Rugby, Canoagem, Desportos de Combate, Artes Marciais, Ginástica, Boxe, Judo, Natação, Paintball, Ténis de Mesa, Polo Aquático, Patinagem Artística, Pólo Aquático, Triatlo e Golfe.²⁴ Ao todo são 24 as modalidades sustentadas pelas águias, cujo presidente procura uma evolução constante. Reflexo disso é o facto de às modalidades mais antigas, terem-se juntado novas, como é exemplo a canoagem, presente desde 2010, ou os Desportos em Combate, como o *Kickbozing*, *MMA* ou *Muay Thai*, uma secção criada em 2011.

²⁴ Informação disponível no site oficial do clube: <https://www.slbenfica.pt/>

Nem todas as modalidades fruem do mesmo reconhecimento, o próprio clube aposta mais numas do que noutras. O panorama nacional desportivo está muito voltado para as modalidades de pavilhão, sendo essas as de maior prestígio nacional, a seguir ao futebol. Regra geral, não há resultados competitivos favoráveis sem um esforço económico voltado diretamente para a modalidade em questão, ainda mais, caso os seus praticantes militem nas competições profissionais, cujos moldes obrigam ao máximo de rigor e profissionalismo. Posto isto, e focando-me apenas no palmarés desportivo relativamente à Liga Portuguesa de Basquetebol, o clube da Luz iniciou uma onda vitoriosa a partir da época de 2008/09, tendo arrecadado em nove épocas, sete vezes o título nacional. Esta senda de vitórias foi transposta para o voleibol, com o clube a somar troféus, a partir da época de 2010, inclusive, em todas as épocas desportivas, o que demonstra a extensão da hegemonia clubística benfiquista além das quatro linhas do relvado de jogo.

Ora, por mais que o clube benfiquista tenha sustentação financeira para apoiar tantas modalidades, a verdade é que o investimento não é aplicado de forma igualitária por todas, uma vez que o poderio dos clubes portugueses não se assemelha ao dos clubes das principais ligas europeias. O futebol surge em destaque por ser o desporto produtor de maior retorno financeiro, uma vez que é o único que movimenta milhões e milhões de euros em território português, por meio dos patrocinadores, das transferências, dos adeptos (alta repercussão social) ou dos próprios meios de comunicação social, conscientes do impacto da modalidade. Perante estes fatores é possível concluir que com o passar dos anos, o desporto deixou de parte a sua vertente inicial centrada no lazer e transformou-se essencialmente num negócio extremamente lucrativo. Surgiram os empresários, os agentes - impulsionadores dos constantes recordes batidos em transferências milionárias de jogadores - os fundos económicos e as próprias organizações oficiais, a FIFA e a UEFA que contribuíram decisivamente para este carrossel lucrativo, com o aumento constante dos prémios de jogo e outras variáveis. Tudo isto são predicados, que em território europeu, reservam-se essencialmente ao fenómeno futebolístico, e no caso português, sobretudo aos “três grandes”. A título de exemplo, em nenhuma outra modalidade, o Benfica amealhou 40 milhões de euros com a venda de um atleta, como sucedeu no verão de 2017 e já anteriormente em 2012, além de que, transferências de jogadores por este valor são impensáveis noutra desporto.

Pelas mãos do desportista António Nicolau D’Almeida, o F.C. Porto foi fundado em setembro de 1893 e como diz na própria apresentação do clube²⁵, na sua génese está a prática do futebol. Com períodos de altos e baixos, a história do dragão está profundamente marcada pelo ano de reviravolta azul e branca sucedida aquando o atual presidente portista, de seu nome Jorge Nuno Pinto da Costa assumiu a liderança da nação portista, há 37 anos. À frente do clube, o

25 Disponível em: <https://www.fcporto.pt/pt/clube/historia>

líder revolucionou o panorama nacional desportivo e tornou-se o presidente com mais títulos a nível mundial, arrecadando já mais de mil.

Quanto às modalidades, o F.C. Porto junta ao desporto rei, o andebol, o basquetebol, o hóquei em patins, o bilhar, o boxe, o ciclismo, a natação e o desporto adaptado. Comparativamente ao rival direto são menos de metade as apostas desportivas por parte dos dragões. Porém, em todas elas os azuis e brancos dão cartas. Fazendo menção apenas a algumas das oito modalidades, elegendo as de maior protagonismo, de acordo com o nível de audiência concedido pelos órgãos de comunicação, no andebol, nos últimos dez anos, os portistas venceram por sete vezes o campeonato nacional em dez possíveis, tendo esta época almejado um feito ao conquistarem a dobradinha (Campeonato Nacional e Taça de Portugal), mais um histórico terceiro lugar na EHF European Cup. No basquetebol têm dividido o protagonismo com as águias e no hóquei em patins já se sagraram campeões por dez vezes consecutivas, entre 2001/02 e 2010/11. No que toca ao desporto de duas rodas, o F.C. Porto voltou às estradas em 2015, após um interregno, e em parceria com a W52, equipa de ciclismo dos portistas, venceu a Volta a Portugal nos últimos três anos (2016-2018), consolidando atualmente o seu estatuto esta temporada por meio da participação no escalão Profissional Continental, o segundo da hierarquia mundial.

A fechar o lote dos “três grandes”, o Sporting Clube de Portugal é o segundo clube da capital, fundado a 1 de julho de 1906, sob a égide de José Alvalade que à época prometeu transformar o Sporting num “grande clube, tão grande como os maiores da Europa”.²⁶ A viver períodos conturbados, comparativamente à estabilidade dos rivais diretos, o clube leonino tem como prioridade recheiar o palmarés desportivo a nível futebolístico, mas sem deixar as modalidades de parte, muito pelo contrário. Sem grande sucesso nas últimas duas décadas relativamente ao desporto rei, os leões apostaram forte noutros desportos, tornando-se mesmo uma marca do clube, no mandato do antigo presidente dos sportinguistas, Bruno de Carvalho. O líder leonino investiu fortemente nos desportos de pavilhão e no atletismo por ambicionar alcançar a hegemonia nacional nas modalidades. Foi precisamente durante o período de governação do presidente anterior que o Sporting Clube de Portugal anunciou a construção do pavilhão João Rocha, atualmente a casa do Futsal, do Basquetebol, do Andebol, Voleibol e do Hóquei em Patins.

A juntar às modalidades anteriores, o clube conta com inúmeras outras, distinguindo-se desde a fundação pelo seu ecletismo. A instituição sportinguista reúne mais de 40 categorias, das quais fazem parte: Futebol de praia, Râguebi, Ténis de Mesa, Ciclismo, Judo, Natação, Boxe, Bilhar, Canoagem, Esports, Surf, Pólo Aquático, Pesca Desportiva, Tiro com arco, Capoeira, Karaté, Xadrez, Ginástica, Triatlo e outras que podem ser consultadas no *site* oficial do clube. Ainda assim, os leões não competem numa das provas rainhas de pavilhão, o basquetebol, desde

²⁶ Informação extraída do *site* oficial do clube: <https://www.sporting.pt/pt/Clube>

1995, mas essa situação será revertida já na próxima época. O Sporting já anunciou que estará de regresso ao principal escalão da modalidade.

O sucesso desportivo leonino relativamente às modalidades atingiu o pleno na época transata-2017/18- aquando se sagrou campeão nacional nas principais modalidades de pavilhão. Assumiu-se tricampeão em futsal, campeão nacional de voleibol - 24 anos depois de um longo jejum de títulos -, bicampeão em andebol e campeão nacional de hóquei em patins, 30 anos depois da última conquista. Até à aposta de Bruno de Carvalho, o Sporting nas modalidades de pavilhão vivia essencialmente dos triunfos no futsal. Desde 1990/91, ano em que o clube iniciou a aposta na modalidade, até ao término da presente época (2018/19), os sportinguistas já celebraram, entre Campeonatos Nacionais, Taças de Portugal, Taças da Liga e Supertaças, 32 títulos. Este ano, elevaram o nome do clube ao topo, e fizeram história ao conquistarem a Liga dos Campeões de futsal - a competição mais prestigiada - juntando um novo título ao palmarés desportivo do clube, tornando-se assim nos novos campeões europeus, feito pela primeira vez alcançado pela equipa leonina, após terem sido finalistas vencidos nas últimas duas épocas.

Perante isto, ninguém ousa questionar a hegemonia no campo futebolístico, mas também é evidente a superioridade dos três clubes nas restantes competições. Emblemas centenários primam por serem verdadeiras potências nacionais, mas também internacionais. Nenhum outro símbolo em território português consegue ombrear com a capacidade competitiva e, conseqüentemente, financeira quer de Benfica, F.C. Porto ou Sporting. Com um caráter eclético bem patente, destacam-se, como vimos, pelo grande número de modalidades em atividade, sobretudo as duas instituições sulistas. Entre os três, é o clube da Luz que se sobressai no que toca aos títulos em modalidades, com especial destaque para a época desportiva de 2014-15. Nesse ano, o título nacional vestiu-se de vermelho e branco em várias modalidades, juntando o campeonato no desporto rei a outros nas principais modalidades de pavilhão. Em 21 provas oficiais disputadas, o emblema encarnado venceu 15, exercendo o domínio em seis campeonatos de seis modalidades diferentes: futebol, basquetebol, futsal, hóquei em patins, voleibol, e também no atletismo. Em falta, ficou o título no andebol, mas esse foi arrecadado por outro “grande”, o F.C. Porto.

Embora não seja possível fazer uma comparação detalhada quanto aos títulos de cada instituição, por não reunirem todos as mesmas modalidades, quer seja por já terem extinguido a secção ou por nunca terem criado, como é o caso do futsal no clube azul e branco, é possível afirmar que os títulos amealhados em todas as modalidades, raramente fogem a um dos “três grandes”. Tal facto é sintomático da hegemonia presente em território nacional, onde os restantes clubes demonstram dificuldades para conseguir acompanhar o poderio dos gigantes portugueses.

Tendo em conta que a alma do desporto são os adeptos, por eles os clubes movem-se e lutam por melhores resultados. São parte imprescindível no panorama desportivo, quer seja pelo lado emocional, quer seja pela parte financeira. Neste parâmetro surge a relação adepto-clubes, onde

se insere a bilhética e o merchandising. Partindo do princípio de que um fator impulsiona outro, o número de adeptos de cada clube pesa em várias variáveis. Primeiramente, quanto maior for o número de apoiantes, maior será a assistência presente no recinto desportivo. Os clubes “grandes” comportam os estádios maiores do campeonato nacional, pelo simples facto de que além de terem possibilidades para construir grandiosas infraestruturas, possuem adeptos suficientes para os encher, o que não acontece com outra equipa do campeonato nacional, a menos que o jogo seja contra um destes três. Em resultado da massa associativa, os artigos clubísticos escoam com maior facilidade, possibilitando o aumento dos lucros. Perante isto, entramos numa espiral, benéfica em termos financeiros para cada uma das instituições, uma vez que, vivemos numa época em que até as camisolas dos jogadores são fonte de receitas por meio dos patrocínios estampados na frente da camisola de jogo. Com transmissão para milhares e milhares de pessoas, durante 90 minutos as marcas têm uma exposição constante.

Por serem os clubes com maior mediatismo, os patrocínios e os direitos de transmissão televisiva, dois elementos essenciais nas receitas clubísticas, assumem valores que em nada se comparam caso a instituição mencionada seja, por exemplo, o Rio Ave, não desmerecendo o clube. Tal como os *media* procuram os assuntos sobre os quais terão maior número de vendas, o mesmo se sucede nos patrocinadores que procuram instituições com valor mediático superior, uma vez que terão maior retorno em termos de montante económico que, nestes casos, oscilam entre milhares e milhões de euros. Cada parâmetro referido assume-se como um marco no futebol, onde o negócio despoletou lado a lado com o desporto.

Posteriormente ao *merchandising* e aos grandes negócios financeiros em resultado dos patrocinadores e dos direitos de transmissão televisiva ou radiofônica, ganhou força a presença *online*. Numa época marcada pela predominância das redes sociais, a ligação entre adeptos dos desportos e as instituições na *web* cresceu. Todavia, também nem todos os clubes têm os meios suficientes para investir neste parâmetro, exigente do ponto de vista informacional e comercial. Assim sendo, no campeonato português, o clube das águias, dos leões e dos dragões são os que lideram fora das quatro linhas, com uma distância abrupta para as demais entidades clubísticas.

Primeiramente, surge o F.C. Porto como a instituição com maior número de seguidores nas redes sociais, mais de 6 milhões, distribuídos pelas várias plataformas (Facebook, Instagram e Twitter). A diferença para o rival não é astronómica, contabilizando-se uma disparidade de quase meio milhão. Porém, quando comparada com a dos leoninos, já é substancial. O Sporting Clube de Portugal reúne metade dos seguidores do F.C. Porto. Os números explicam-se, em parte, pelo trabalho destas instituições ao nível do marketing, elemento de grande valor na ligação entre clube e admiradores: Quanto maior for o nível de interação do clube para com as pessoas, maior será o número de seguidores a acompanhar os desenvolvimentos da página institucional.

“A troca de informações interativas, o tipo de conteúdo disponibilizado, a qualidade e a velocidade de resposta do portal são atributos importantes para

se obter vantagem competitiva no mundo virtual. Para os adeptos com forte filiação à marca (adeptos, claques organizadas, sócios...), estes são agentes importantes para criar uma ideia positiva entre a percepção do futebol e dos serviços oferecidos. Para as organizações e ou pessoas que procuram comprar produtos e serviços, os clubes podem explorar a tecnologia da rede a fim de estabelecer uma vantagem sobre os rivais” (Chadwick & Clowes, 1998, p.25²⁷ in Borba, 2008, p. 31).

A vantagem de uns sobre outros explicita-se no referente ao nível da oferta interativa, mas não só. A visibilidade do clube fora de território nacional é outro dado importante. O reconhecimento internacional atinge-se maioritariamente pela participação em ligas europeias, com os dragões a liderar neste parâmetro, uma vez que são o clube com maior presença na *UEFA Champions League*, a par dos grandes colossos espanhóis, Real Madrid e Barcelona, sendo que, os outros “dois grandes” surgem de seguida no que toca à história nestas competições, em comparação com os demais adversários da Liga NOS, cujo peso internacional é praticamente nulo. A nacionalidade dos atletas pertencentes ao respetivo universo clubístico é uma mais-valia na obtenção de simpatizantes nas plataformas digitais. Recorrendo novamente à equipa azul e branca, Iker Casillas, guarda-redes da equipa principal foi um dos símbolos dos merengues, sendo considerado por muitos espanhóis uma “lenda-viva”, motivo esse que origina a presença constante de *nuestros hermanos* no Estádio do Dragão ou em outros jogos da equipa portuguesa, quer sejam nacionais ou até internacionais. O grande legado de jogadores de nacionalidade mexicana no plantel converteu também muitos mexicanos em simpatizantes portistas, fazendo disparar o protagonismo do clube em terras sul americanas. É habitual que um clube goze de uma maior simpatia, e conseqüentemente isso traduza-se em seguidores, por parte de indivíduos de outras nacionalidades, em virtude de integrarem no plantel atletas pertencentes a outros países.

5.3 - O papel secundário das modalidades

Andebol, atletismo, Badminton, Basquetebol, Boxe, Canoagem, Ciclismo, Equestre, Esgrima, Ginástica, Golfe, Halterofilismo, Hipismo, Hóquei, Judo, Lutas Amadoras, Natação, Pentatlo Moderno, Remo, Rugby, Taekwondo, Ténis, Ténis de Mesa, Tiro, Tiro com Arco, Tiro com armas de Caça, Triatlo, Vela e Voleibol integram-se no lote das modalidades mais noticiadas, reconhecidas pelo Comité Olímpico de Portugal como sendo as modalidades de verão. Até então em falta, com substancial importância, nomeadamente em território nacional, muito por causa das condições propícias que se fazem sentir neste país à beira mar plantado, o surf é uma prática desportiva em voga, bem como as diversas variações da modalidade, como é exemplo

27 Chadwick, S. & Clowes, J. (1988). *The use of extension strategies by clubs in the English Football Premier League*. *Managing Leisure*, pp. 20-34 citado por Borba, E. (2008). *Cibermarketing no futebol português*.

o bodyboard. Perante o crescimento progressivo deste desporto, os especialistas decidiram juntá-lo à ribalta desportiva por meio da integração do surf como modalidade nos Jogos Olímpicos de 2020 em Tóquio, incorporando assim o quadro de desportos presentes na competição. Portugal, mas essencialmente a Nazaré e Peniche, são palco de etapas do circuito mundial de surf, ou seja, de provas de alta competição, atraindo diversos surfistas mundiais graças às suas ondas gigantes. A cidade de Peniche tem mesmo como cognome, a “capital da onda”. Além do surf, e tendo em conta o crescimento dos desportos em conjunto com a adesão da sociedade, outras modalidades olímpicas foram agrupadas: basebol, karaté, skate e escalada.

Os Jogos Olímpicos são o maior evento desportivo mundial, onde milhares de atletas profissionais competem em representação do respetivo país, agrupados em várias competições. São milhões o número de espetadores que assistem diariamente às várias provas, agarrados ao ecrã para poderem ver o desempenho dos seus conterrâneos. Dada a importância do evento, movimenta interesses económicos, políticos e ideológicos, ao ponto do palco dos Jogos Olímpicos não ser um cenário possível de ser comportado por todas as nações. A exigência quanto ao nível de infraestruturas e da tecnologia, bem como da rede de transportes e outras variáveis é elevada, afastando muitos países da possibilidade de poderem ser anfitriões. Não obstante, a competição é uma das mais prestigiadas, afigurando-se como símbolo do desporto, cujas medalhas alcançadas pelos atletas representam a superioridade de um país. À luz dos resultados portugueses, Portugal almeja pelos lugares cimeiros em algumas competições, tendo já conseguido arrecadar para território luso algumas medalhas, sobretudo no respeitante ao atletismo, a modalidade com maior número de títulos nacionais: dez. Ainda assim, a participação portuguesa ao nível de resultados fica muito aquém se a compararmos com a competitividade de outros países. É neste contexto que sobressai a falta de investimento das instituições nacionais nas modalidades olímpicas competitivas.

Fazendo uma breve ponte para o subtema anterior, é importante mencionar que as medalhas alcançadas pelos atletas portugueses são conquistadas por profissionais apoiados pelos clubes “grandes”, como são exemplo os últimos medalhados, Telma Monteiro, Fernando Pimenta e Vanessa Fernandes pertencentes ao Sport Lisboa e Benfica ou Nelson Évora e Emanuel Silva do Sporting Clube de Portugal.

Triunfos em alta competição requerem esforço financeiro, uma aposta firme na modalidade por parte de uma dada instituição. Todavia, tal como acontece no futebol, os clubes “pequenos” não gozam de abundantes quantias económicas para que lhes seja possível construir equipas de alto valor competitivo, capazes de medirem forças nos principais escalões nacionais e internacionais. Além disso, praticar alguns desportos requer um outro tipo de capacidade financeira, comparativamente ao futebol. Enquanto uma bola chega para praticar a modalidade, o automobilismo ou a vela, por exemplo, assumem-se como desportos cuja acessibilidade não está ao alcance de todas as classes sociais, sendo que, deste modo, elas próprias exigem aos clubes outras condições. Assim sendo, regra geral, os miúdos aventuram-

se na modalidade futebolística, onde o número elevado de participantes é consequentemente uma vantagem. A probabilidade de existir num grupo mais amplo, atletas com maior potencial é superior do que num grupo restrito, ou seja, com poucos praticantes.

Assim, a falta de investimento por força da inexistência de verbas, é um dos principais entraves à popularização das modalidades desportivas, sendo que, por esse motivo, muitas instituições atribuem-lhes mesmo um papel secundário, ao afirmarem que o foco principal está no desporto rei: o futebol. Perante isto, é difícil para um clube ser bem-sucedido a nível nacional aquando as dificuldades estão patentes. Excluindo das contas os “três grandes”, por via de serem os clubes com maior poderio financeiro, capazes de fazer escoar montantes para outras vertentes, além da futebolística, com poucos apoios torna-se complicado atingir grandes feitos.

A União Desportiva da Oliveirense é um dos poucos exemplos existentes a nível nacional de sucesso desportivo no respeitante às modalidades rainhas de pavilhão, competindo no Campeonato Português de Hóquei em Patins, na Liga Portuguesa de Basquetebol e no Campeonato Nacional da I Divisão de Futsal, o que significa que as equipas de cada uma destas modalidades disputam o respetivo escalão principal nacional. Os resultados da formação de Oliveira de Azeméis na época transata não poderiam ser melhores, no respeitante à vertente basquetebolista, uma vez que conseguiram destronar do trono de campeão um dos dois “grandes” - S.L. Benfica e F.C. Porto - que dividiram entre si o título nos últimos dez anos. Um feito ímpar, graças a uma época notável, que se repercutiu novamente este ano, cuja glória se deve à aposta forte na modalidade por parte da instituição. Este título faz de momento com que o basquetebol seja a modalidade de maior cartaz do clube oliveirense, em detrimento do desporto rei- o habitual na generalidade das instituições-, pese embora a habitual boa prestação nas outras duas modalidades de pavilhão. Ainda que, por vezes, o feito aconteça, embora com pouco frequência, são poucas as formações que conseguem roubar o primeiro lugar numa competição nacional às grandes instituições competitivas portuguesas, quero dizer, aos “três grandes”: águias, leões e dragões. Não obstante, a equipa futebolística, a UD Oliveirense compete na Liga PRO, correspondente ao segundo escalão das ligas de futebol de Portugal, evidenciando a competitividade desportiva do clube nas várias frentes em que atua.

Outro exemplo, desta vez no andebol, é a formação do ABC. O clube bracarense tem como principal modalidade o andebol, sendo que a forte aposta na modalidade já se materializou várias vezes em títulos, como são exemplo os trezes campeonatos nacionais no palmarés do clube.

Mais uma vez a questão do poderio dos adeptos é fundamental. O desporto constitui-se como uma intensa paixão entre o povo, cujo entusiasmo é inegável. Para os seus apoiantes assemelha-se a uma força maior, possível de ser equiparada a um momento sagrado, como se as horas ou os minutos de um jogo representassem para eles o que a hora da missa representa para os religiosos. Perante isto, a paixão pelo clube é um dos motivos pelo qual muitos apoiantes alargam o apoio nos estádios até aos pavilhões. Mesmo que o futebol continue a reinar na

história do desporto português, há adeptos do desporto em si mesmo, sempre prontos a apoiar a equipa, essencialmente, no futsal, andebol, no basquetebol e no hóquei em patins, por serem modalidades coletivas. Sendo estas as que maior protagonismo assumem, um clássico dentro de um recinto fechado consegue atingir enormes proporções, com os adeptos a criarem uma atmosfera digna de registo. De cachecóis em punho, galvanizam-se a cada golo ou ponto conquistado. Porém, este clima não se regista em todos os jogos. Nas restantes partidas, ou seja, nas que não envolvem um jogo entre “grandes”, tudo se torna mais pacato e com celebrações menos efusivas. A rivalidade dentro das quatro linhas do relvado transpõe-se para as quatro linhas do pavilhão, motivo pelo qual se explica a disparidade existente entre os encontros.

A maioria dos adeptos apoia o mesmo clube incessantemente, sem fazer distinções entre modalidades, de modo que, os “três grandes” ao serem os clubes que reúnem um número superior de adeptos, esses adeptos vão consequentemente estar sempre em maior número nos pavilhões, constituindo-se como os únicos capazes de lotar um recinto desportivo. Apenas em situações especiais, como é a disputa de um título, o mesmo se pode suceder num pavilhão, sem ser o Dragão Caixa, o João Rocha ou o da Luz.

Todavia, a capacidade de um pavilhão para um estádio em nada se compara. A arena da Luz comporta 2 400 pessoas, enquanto o Estádio da Luz tem lotação para 65 mil pessoas. Ora, a diferença é abismal. A disparidade sente-se tanto em Portugal, como noutros países onde a maioria das modalidades reúne maior protagonismo do que em território nacional, dada a maior aposta conferida por parte das instituições clubísticas, possibilitando a formação de atletas e equipas com alto valor competitivo. Vejamos o exemplo da vizinha Espanha, com equipas como o Real Madrid e o F.C. Barcelona a competirem na competição máxima de clubes de basquetebol da Europa- prova que não está ao nível de nenhum clube português-, fazendo representar-se sempre muito bem. Não obstante, esta aposta forte nas modalidades, não retira do trono o verdadeiro desporto. Só o futebol reúne 100 mil pessoas em Camp Nou, o que é representativo da modalidade que é o centro das atenções. Quer seja pelos espanhóis ou pela restante Europa fora, o futebol é vivido de forma mais entusiasta pela grande generalidade dos interessados pelo desporto.

A imprensa generalista não tendo o mesmo espaço disponível para a secção desportiva do que um diário especializado em desporto vê-se forçada a optar por umas modalidades em detrimento de outras. A mentalidade desportiva da população portuguesa, sempre mais focada no futebol obriga os meios de informação a inseri-lo na agenda, de modo a dar ao público aquilo que ele quer ler/ver. As modalidades não fazem capas de jornais pelo facto de que não têm tanta aceitação junto do público. Sempre que tomam de assalto a primeira página é momentâneo, pois é graças a algum feito granjeado. Como dizia Millôr Fernandes “*o futebol é o ópio do povo e o narcotráfico dos media*”. Como tal, os jornais pretendem informar, mas informar de forma a poderem ter retorno, com o número de vendas. Assim sendo, as notícias incidem sobretudo de forma mais vigorosa no raio de interesse central dos leitores.

Parte III - Estudo de caso

Capítulo VI - Análise empírica: Os critérios de noticiabilidade adotados na redação desportiva do *Jornal de Notícias*

Ao olhar de um leitor frequente da secção desportiva de um jornal nacional, quer seja generalista ou especializado, a discrepância entre o conteúdo oferecido sobre o futebol e sobre as modalidades parece ser uma certeza. Enquanto leitora, sempre comprei um jornal desportivo com o intuito de ler sobretudo as peças relativas ao desporto rei, sendo que o fascínio pelo que seria escrito sobre a partida do dia anterior - as habituais crónicas de jogo - ou um novo atleta no radar do campeonato português foram sempre temas que se sobrepujaram aos diários nas bancas com outro tipo de conteúdo. O estágio realizado para a elaboração deste relatório de estágio fez despertar em mim um outro lado: o interesse crescente pelas demais modalidades desportivas. Afinal, o desporto não é só futebol, embora para muitos seja essa a realidade. Três meses depois de ter experienciado o trabalho numa redação desportiva, o novo bichinho pelos desportos fez com que começasse agora a folhear as páginas de um jornal para ler com o mesmo entusiasmo uma peça sobre um jogo de futebol ou sobre uma corrida de Fórmula 1.

Presentemente, capaz de fazer uma análise mais completa por estar consciente das notícias concedidas sobre um desporto em concreto e sobre os outros em geral, as conclusões excedem a abordagem mais superficial de que o futebol é dominador em termos editoriais. A questão é que tem que haver motivos para o ser. Creio que seja sintomático para a grande generalidade das pessoas, de que uma mesma informação válida para a modalidade futebolística, não é necessariamente válida para outra modalidade. Quase nenhum jornal se preocupa em dar o resultado de um jogo de futsal dos campeonatos distritais, sendo que o mesmo não se sucede no desporto rei. Como é feita a escolha e a distribuição das notícias pelas várias modalidades desportivas? É esta a questão principal, à qual pretendo dar resposta, de modo a perceber quais os motivos que levam a este domínio do futebol na agenda mediática do órgão de comunicação generalista em estudo, o *JN*.

6.1 - Metodologia do estudo de caso

Todo e qualquer tipo de trabalho deve desenvolver-se a par de uma metodologia específica, e é segundo esse pressuposto que, a fim de dar resposta à questão que serve como pergunta de partida da presente investigação - Como é feita a escolha e a distribuição das notícias pelas várias modalidades desportivas? -, recorri a métodos de recolha e análise de conteúdo, de modo a apurar a distinta influência das modalidades neste contexto mediático. O estudo empírico, materializado no estágio realizado, revelou-se importante para a elaboração do relatório, dado que possibilitou-me concretizar uma observação participante no próprio terreno jornalístico e, ainda, completar essa observância com a realização de entrevistas em profundidade aos protagonistas.

As entrevistas assumem-se como uma das vias de resposta para alcançar explicitação para o fenómeno da hegemonia futebolística em detrimento dos demais desportos. O objetivo é perceber o porquê de um maior destaque a determinadas modalidades, neste caso ao futebol e, seguidamente às modalidades rainhas de pavilhão, de modo a investigar além da resposta tradicional: “o futebol vende mais”. As diferentes opiniões dos protagonistas da comunicação, ou seja, daqueles que fazem as escolhas editoriais é fundamental para a perceção da dinâmica jornalística, pois ninguém consegue explicar melhor as diferenças no processo de produção de notícias desportivas aliadas aos critérios utilizados na hierarquização das mesmas de maneira a que os outros entendam como funciona essa distribuição, do que eles próprios, autores dessa seleção diária.

Uma entrevista pode ser formulada de três formas. Entrevista estruturada, cujo entrevistador segue um questionário totalmente formulado por si, com a constante preocupação de não fugir da linha que delineou previamente. Entrevista aberta, cujo tema é dado pelo entrevistador, mas o entrevistado tem plena liberdade para discursar. E, por último, as entrevistas semiestruturadas, as que realizei. Previamente, defini um conjunto de questões específicas para colocar a cada um dos jornalistas, uma vez que, constituíam-se como indispensáveis para a investigação a que me proponho. Tendo como objetivo principal, reforçar e ampliar os meus conhecimentos acerca do tema, é imperativo seguir um delineamento para que a conversa não fuja do âmbito da minha pesquisa. No entanto, acho pertinente dar uma certa liberdade ao entrevistado para que este se sinta mais à vontade para se alongar nas questões, bem como para falar sobre assuntos que ache conveniente, pois apesar de não constarem do meu guião, poderão servir como um elemento de conhecimento bastante útil e enriquecedor.

Ribeiro (2008) definiu a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores (p.141).

Anteriormente às entrevistas como metodologia de trabalho, a etnografia como método da Antropologia, circunscrita como um modo de construção do conhecimento por via da metodologia, ao implicar uma observação participante durante o período em contacto com o grupo de trabalho a estudar, assumiu um papel de excelência no ponto de partida para o desenvolvimento deste estudo. Como referiu Salgado (2015) a etnografia abrange métodos que envolvem contacto social direto e continuado com os agentes da investigação. Deste modo, é imperioso que o agente incorpore um sentido de presença. É por meio de interações sociais entre o investigador e os interlocutores que se produzem novos conhecimentos e novas informações, contribuindo para uma melhor compreensão do objeto de estudo. Desde a chegada ao campo de investigação até ao último instante, neste caso em concreto, findado o estágio, todos os momentos são de aprendizagem e de recolha sistemática de dados provenientes das diversas fontes disponíveis por parte do estagiário, o autor das vivências. Situações que antes eram complexas tornam-se rotineiras fruto das constantes observações do campo de estudo, especialmente sobre as que nos dizem maior respeito, conseqüentemente interesse, motivando, por isso, uma atenção redobrada para essas situações e/ou acontecimentos.

Ainda assim, o primeiro impacto avizinha-se sempre como algo confuso, como uma tarefa complexa:

“A etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato - a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados - é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. (...) Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos”. (Geertz, 1989, p.20).

Quanto ao estudo de caso presente, este tem como base a análise das notícias desportivas de acordo com os critérios de noticiabilidade aplicados ao futebol e às outras modalidades, de forma a desmistificar esses critérios adotados, ou seja, a identificar os motivos pelos quais é atribuída maior importância a determinado desporto. Ainda antes do começo de elaboração do presente relatório delineei as seguintes hipóteses:

1. Os critérios de noticiabilidade são fortemente influenciados pelo calendário desportivo anual;
2. O modelo de newsmaking seguido na redação envolve adaptações pontuais, decorrentes da especificidade da matéria;
3. A hierarquização das notícias tem em conta as preferências desportivas da maioria dos leitores.

Para levar a cabo a pesquisa, de modo a dar resposta à pergunta de partida, procedo à análise das notícias publicadas na secção de Desporto do *Jornal de Notícias* no espaço de um mês, desde o dia 01 de novembro de 2019 até ao dia 30 de novembro. O período de investigação escolhido incidiu no segundo mês de estágio por ser o período em que já estava mais familiarizada com a prática jornalística do respetivo órgão de comunicação, em detrimento do último mês por ser o de dezembro, último do ano e, por esse motivo, marcado por uma intensidade de trabalho menor devido às pausas das festividades. Assim sendo, o objetivo principal é revelar o papel atribuído pelo *Jornal de Notícias* à informação desportiva recebida das diversas modalidades, interpretando os motivos adjacentes às opções tomadas.

Para analisar os dados reunidos terei como base uma análise quantitativa. Para Duarte, Lamounier e Colauto (2008)²⁸ este método de investigação tem aumentado gradualmente nos últimos anos, em virtude de “(...) procurar garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação, além de garantir uma margem de segurança quanto às inferências feitas” (p. 256). Numa primeira fase, a quantificação é simples, centra-se apenas na análise da frequência com que o fenómeno ocorre. Posteriormente, é o momento de fazer a associação entre as causas e os valores adjacentes ao número de sucessões de cada fenómeno, de modo a ser possível determinar de forma fidedigna o procedimento elaborativo. Neste método, geralmente os resultados são interpretados a partir de uma teoria previamente estabelecida. No presente estudo de caso, a teoria encontra-se consolidada no facto de o futebol ter maior protagonismo do que os demais desportos praticados em território nacional. De forma a explicar da melhor forma a frequência dos acontecimentos, por meio da transmissão da informação visual de um modo bastante claro, procedo à elaboração de gráficos com todos os dados reunidos, sendo que a altura das barras representa o fenómeno mais observado durante o período estudado, com base no cálculo de percentagens simples.

6.2- O Desporto na primeira página

Uma das formas de atestar a importância de cada umas das modalidades desportivas, e mais concretamente entre o futebol e as restantes, é por meio da análise ao espaço que lhes é concedido na primeira página. Todos os dias o *Jornal de Notícias* faz referência ao Desporto na capa do diário generalista. Perante este facto, é possível concluir que o tema por ter direito ao sucessivo destaque se impõe entre os assuntos do dia noticioso, afigurando-se, desta forma, como um tema prioritário.

²⁸ Duarte, P. & Lamounier, M. & Colauto, D. (2008) *Modelos Económicos para Dados em Painel: Aspectos Teóricos e Exemplos de Aplicação à Pesquisa em Contabilidade e Finanças*. Citado por Costa, F., Clemente, A., Cruz, A., Gassner F. & Lourenço, R. (2010) *Utilização de métodos quantitativos em pesquisa científica*. XVII Congresso Brasileiro de Custos- Belo Horizonte.

Tomando como referência a página de rosto do jornal português no que diz respeito unicamente às notícias sobre Desporto, de entre 30 edições - 01 de novembro a 30 de novembro -, por 14 vezes artigos integrados na editoria surgiram como o assunto de destaque do dia, figurando como o tema de maior importância na respetiva edição, uma vez que metade da capa estava ocupada com uma ou várias notícias desportivas (Anexo 9), de modo a conquistar a audiência por meio do apelo visual. Como Isabel Nery (2004) afirmou “é na primeira página que deve estar o melhor do jornal, seja pelo tema, pelo tratamento ou por ambos. A primeira página é, aliás, o espelho, a montra da publicação” (p.9). A notória tomada de assalto à capa pela secção Desporto, na grande generalidade das vezes, parece ser sintomático da consciência do jornal no quão valioso é o desporto na sociedade portuguesa.

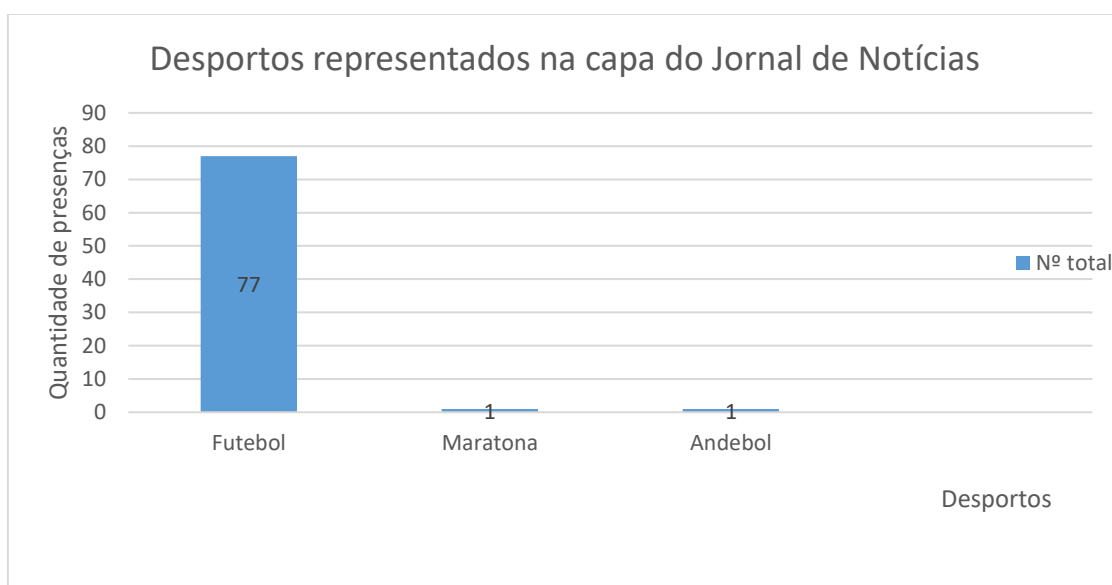


Gráfico I- Número total de presenças de Desportos representados na capa do *Jornal de Notícias*.

De entre as 30 edições o futebol foi nitidamente a modalidade em evidência. Num extenso lote composto por 79 notícias na capa, relativamente apenas a notícias desportivas, somente por duas vezes foi chamado à capa um artigo relacionado com outros desportos - maratona e andebol -, perfazendo um total de 77 notícias exclusivamente alusivas ao desporto rei.

Ademais, a visibilidade concedida à reportagem afeta ao andebol esteve, possivelmente, relacionada com o facto do campeonato português se encontrar num interregno. Por esse motivo, as notícias sobre o futebol não proliferavam. Num dia em que os eventos sejam poucos, é necessário preencher o *dia noticioso* desportivo do órgão de comunicação, pelo que certas reportagens ou entrevistas intemporais ficam guardadas na gaveta com esse propósito. Foi o caso. O *JN*, nesse dia, deu destaque a uma reportagem feita a duas árbitras femininas de sucesso no andebol, fazendo com que durante o mês analisado, o dia 14 de novembro (Anexo

10) fosse o único cuja capa não integrou um artigo de teor futebolístico. Assim, em 30 dias só por uma vez o futebol não figurou na página de rosto do diário portuense.

Quanto à maratona, a notícia teve destaque por se tratar de um recorde batido por um atleta ugandês numa prova da cidade portuense. Por ser um evento integrado na zona com maior número de leitores- situa-se na área da sede do jornal- está implícito o valor da *proximidade* na escolha da notícia. Ainda assim, em ambas a menção em termos de dimensão, em nada se pode comparar ao destaque concedido ao desporto rei. Sendo o tema que maior curiosidade desperta no público, acaba por ser, conseqüentemente, por uma questão de lógica, o assunto a predominar também em termos de dimensão, pelo simples facto de que, dessa forma, irá atrair um maior número de leitores. Como explicou Lopes (2019), editor de Desporto do *Jornal de Notícias*, o futebol é a modalidade que tem mais adeptos e que gera mais curiosidade e interesse entre as pessoas, daí o maior destaque dado à modalidade, uma vez que é a única que consegue reunir dez ou quinze mil pessoas num estádio, uma média impossível para um pavilhão.

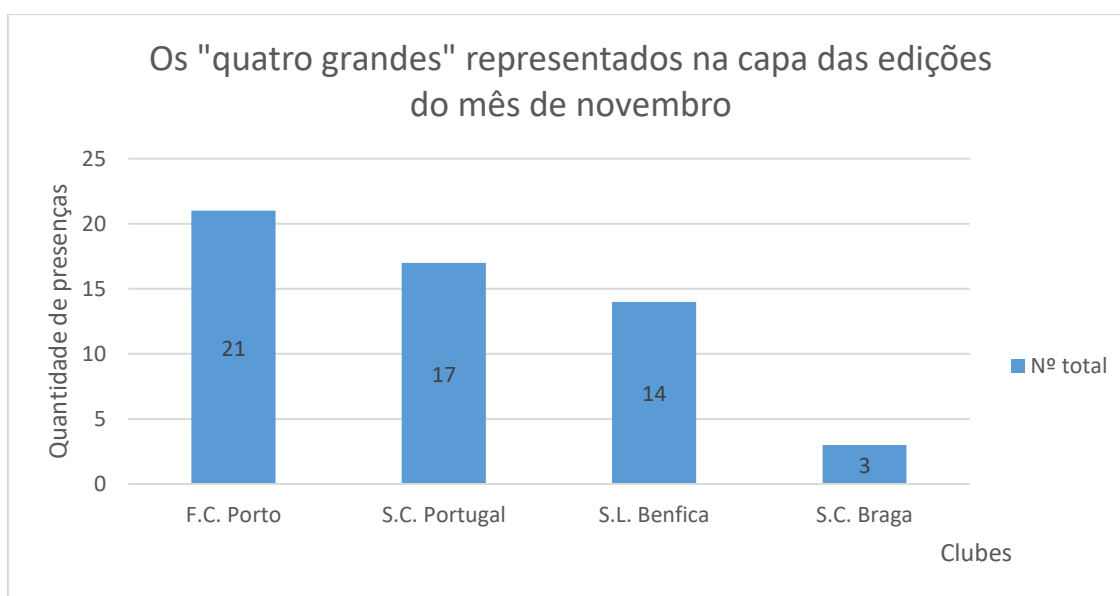


Gráfico II- Número total de presenças dos “quatro grandes” na capa do *Jornal de Notícias*.

Ao analisarmos o gráfico, de entre os clubes com direito a figurarem na primeira página (F.C. Porto, S.C. Portugal, S.L. Benfica e S.C. Braga), é notório que o clube portista levou a avante sobre os demais, com 21 presenças, o que perfaz uma percentagem de 26.6%. O clube situa-se nas proximidades do jornal- ambos pertencem à cidade do Porto- de modo que, a generalidade dos leitores por residirem na mesma zona, nutrem um afeto maior pelo clube da cidade. Assim sendo, a *proximidade* é o valor-notícia que, neste caso, vigora entre a escolha das notícias de rosto. Apesar disso, a disparidade para o S.C. Braga, com 3,8% de presenças, é significativa, com os bracarense a registarem apenas três chamadas à capa, contra as 17 vezes de Sporting

(21,5%) e as 14 chamadas de Benfica (17,7%). Neste parâmetro, a justificação prende-se com a *notoriedade*. Os “três grandes” reúnem um número elevado de adeptos, de modo que o número possível de leitores interessados na matéria compor-se-á como uma amostra superior relativamente aos possíveis simpatizantes do clube bracarense. No cômputo geral, o mediatismo dos “três grandes” funciona quase como uma alavanca: sempre que haja eventos sobre algum dos três, é imperioso que seja notícia no dia seguinte.

Ao constituir-se como um veículo de informação, a imprensa está refém dos mais recentes acontecimentos. Deste modo, o mês de novembro assumiu-se como um período de intensa crise judicial no planeta desportivo português, dando aso à criação de conteúdo cujo teor desportivo é relativo, uma vez que em não se relacionam com o desportivismo, envolvendo-se sim em matéria pertencente à justiça, dadas as ilegalidades em causa. Entre o caso dos e-mails, envolvendo a figura máxima do clube azul e branco, o líder Pinto da Costa, o caso E-toupeira relacionado com os dirigentes do clube da Luz, ou Bruno de Carvalho, detido no âmbito do ataque à Academia de Alcochete, em sete dias de 30 analisados, uma notícia relativa a um dos assuntos prevalecia na primeira página do jornal português, perfazendo uma percentagem de capa de 15,2%. O *escândalo*, em virtude dos acontecimentos fora do que é expectável para o domínio desportivo, assumiu-se durante este período como o valor-notícia predileto.

A contrastar com as duas invocações à capa das modalidades desportivas, o *JN* concedeu espaço ao futebol não profissional, mais concretamente a casos ocorridos em campeonatos amadores, por quatro vezes (5,1%). Por meio desta menção, é notória a preponderância do futebol, independentemente da competição em causa. Em três dessas referências, não se tratava da Primeira Divisão Portuguesa, Segunda Divisão ou Campeonato de Portugal, mas sim do último escalão do futebol nacional, algo aparentemente impensável caso se tratasse de uma notícia sobre outra modalidade desportiva. Não obstante, por se tratar de escalões mais baixos, o valor-notícia em causa terá de ser superior, comparativamente a um evento ocorrido no principal escalão. Assim sendo, a ressalva foi feita em virtude do sucedido - agressão e salvamento -, episódios que se enquadram na capa pelo facto de os acontecimentos jornalísticos envoltos de dramatismo e sensacionalismo serem priorizados em comparação a outros. A outra menção surgiu a propósito da qualificação do Montalegre para a Taça de Portugal, clube que milita no Campeonato de Portugal, por ser o único sobrevivente do escalão inferior. Neste âmbito, é possível afirmar que um evento *inesperado* causará sempre maior impacto do que algo previamente estipulado ou agendado.

O futebol internacional também teve direito à sua quota de reconhecimento (3,8%), essencialmente por meio dos atletas portugueses a atuarem nas principais ligas europeias (2,5%). O valor da *proximidade* não está somente conectado a termos geográficos, mas abarca igualmente referências culturais. Ou seja, um jogador que tenha contribuído para a vitória da equipa numa partida a contar para a Liga Inglesa ou que esteja a realizar uma época de altíssimo nível, só se constituirá como motivo de chamada de capa de um jornal nacional, caso o atleta

em causa seja português. De outra forma, a probabilidade de isso acontecer é bastante reduzida.

Dada a paragem do campeonato para a realização dos jogos da equipa das “quinas” para a Liga das Nações era espectável a referência por parte do órgão de comunicação à competição em causa. Por esse motivo, cerca de 3,8% dos destaques da primeira página reportaram ao evento. A prova disputada pelos campeões europeus opôs os lusos à Itália e à Polónia, promovendo a seleção nacional a assunto do dia. No entanto, essa menção ao jogo em si, apenas foi feita por duas vezes, no dia seguinte a cada um dos confrontos, não sendo priorizada no rosto, por exemplo, uma chamada para a antevisão ao confronto, no dia de jogo.

É de salientar, no seguimento do referido anteriormente, o pouco destaque em termos de imagem visual concedido à qualificação de Portugal para a final four da prova - em virtude da vitória sobre a Polónia - por causa do lançamento de uma reportagem exclusiva às origens de um jogador, e capitão do F.C. Porto, o médio Héctor Herrera. Os jornalistas procuram assuntos exclusivos de modo a diferenciarem-se dos principais concorrentes e assim conquistarem as audiências, em face de o leitor não poder aceder a igual conteúdo em outro órgão de comunicação.

Assim, após esta análise das notícias desportivas eleitas como as principais do *dia noticioso* para o jornal em estudo, no período estipulado, é possível distinguir seis valores-notícia, tomando como princípio os 15 valores-notícia de seleção propostos por Nélson Traquina (2007)²⁹, abordados no Capítulo IV do presente relatório.

²⁹ Critérios substantivos: Morte, Notoriedade, Proximidade, Relevância, Novidade, Tempo, Notabilidade, Inesperado, Conflito, Escândalo; e Critérios contextuais: Disponibilidade, Equilíbrio, Visualidade, Concorrência, Dia noticioso.

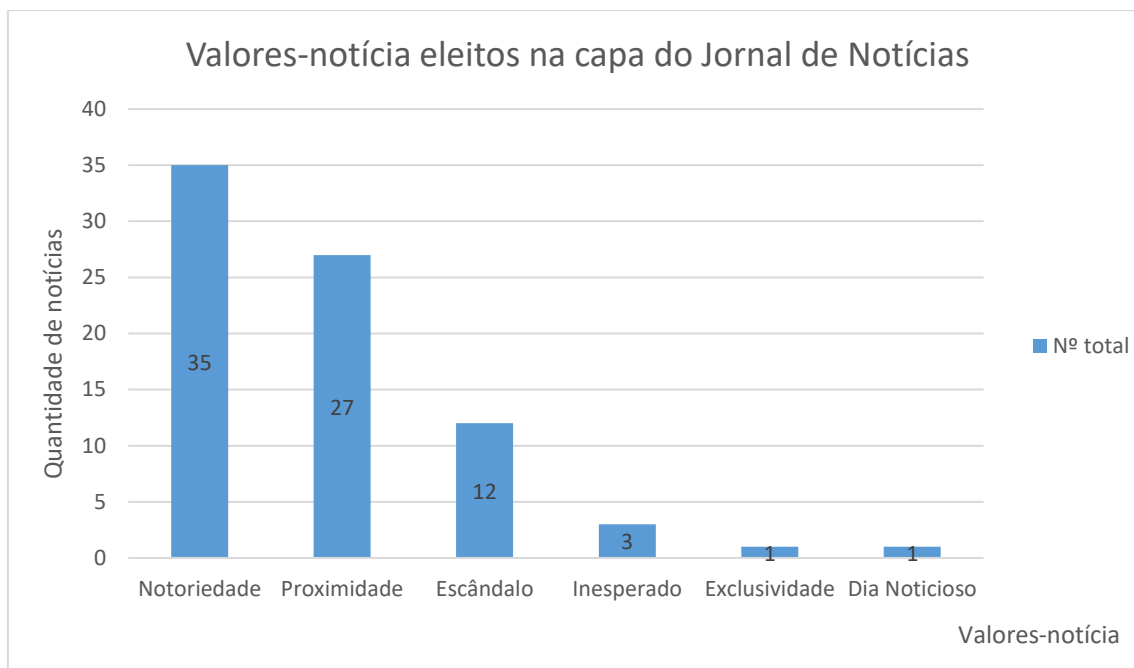


Gráfico III- Valores-notícia eleitos na capa do *Jornal de Notícias* com a respetiva quantidade total.

A *notoriedade*, com 35 notícias é o valor-notícia dominante na capa do jornal, cuja percentagem (44,3%) integra apenas as chamadas dos dois clubes sulistas, bem como a Seleção Nacional e uma notícia a propósito da Taça Libertadores, a principal competição de futebol entre clubes da América do Sul. Caso integre o F.C. Porto nesta lista, uma vez que faz parte do lote dos denominados “três grandes” a percentagem dispara para os 69,6%.

No entanto, relativamente às notícias de primeira página, julgo que o clube portista tem de ser catalogado com o valor-notícia de *proximidade* devido ao facto do *JN* seguir uma linha editorial mais regionalista, o que justifica a maior presença dos azuis e brancos na página de rosto em comparação com os outros dois gigantes nacionais. Além do número de presenças, os dragões são aqueles que gozam de capas com assuntos de maior destaque em termos de dimensão, principalmente quando na véspera disputou um encontro (Anexo 11). Perante estes dados, a *proximidade* sucede à *notoriedade* como o valor-notícia mais preponderante, abarcando 34,2% das notícias.

O *escândalo*. 12 ocasiões é o correspondente a 15,2% de percentagem de notícias que tiveram direito a constar na primeira página, eleitas durante o período analisado por estarem assim integradas no conceito do valor-notícia vigente. O que ninguém espera que aconteça, nomeadamente e relativamente ao caso, polémicas relacionadas com personalidades de elite, ou seja, figuras máximas do futebol nacional. A ênfase é colocada nos acontecimentos conectados a um valor negativo, uma vez que, no cômputo geral atendendo à prática jornalística, as notícias positivas são preteridas a favor das negativas, por se constituírem como as que maior atenção despertam nos leitores.

O *inesperado* com três notícias (3,8%), o *dia noticioso* (1,3) com uma, assim como a *exclusividade* (1,3%) completam o lote dos valores-notícia eleitos pelo *JN* no momento de escolha do conteúdo relativo a distinção, e conseqüentemente, a maior visibilidade por ser aquele sobre o qual o leitor se irá deparar primeiramente. No jornalismo, um acontecimento raro é, regra geral, um acontecimento que, utilizando a linguagem popular, dá pano para mangas, o que significa que é um produto potenciador de uma boa notícia, por não se tratar de algo esperado ou recorrente. Nesta linha de raciocínio, a produção de um bom trabalho jornalístico relaciona-se maioritariamente com a elaboração de um conteúdo cuja temática atraia visibilidade por não se tratar de um assunto na ordem do dia, isto é, abordado por todos os órgãos de comunicação.

6.3- Análise aos conteúdos pertencentes à secção de Desporto

Ao longo do mês de novembro, o diário portuense lançou um total de 805 notícias relativamente a conteúdos exclusivamente desportivos, os analisados em função do objetivo do presente relatório.

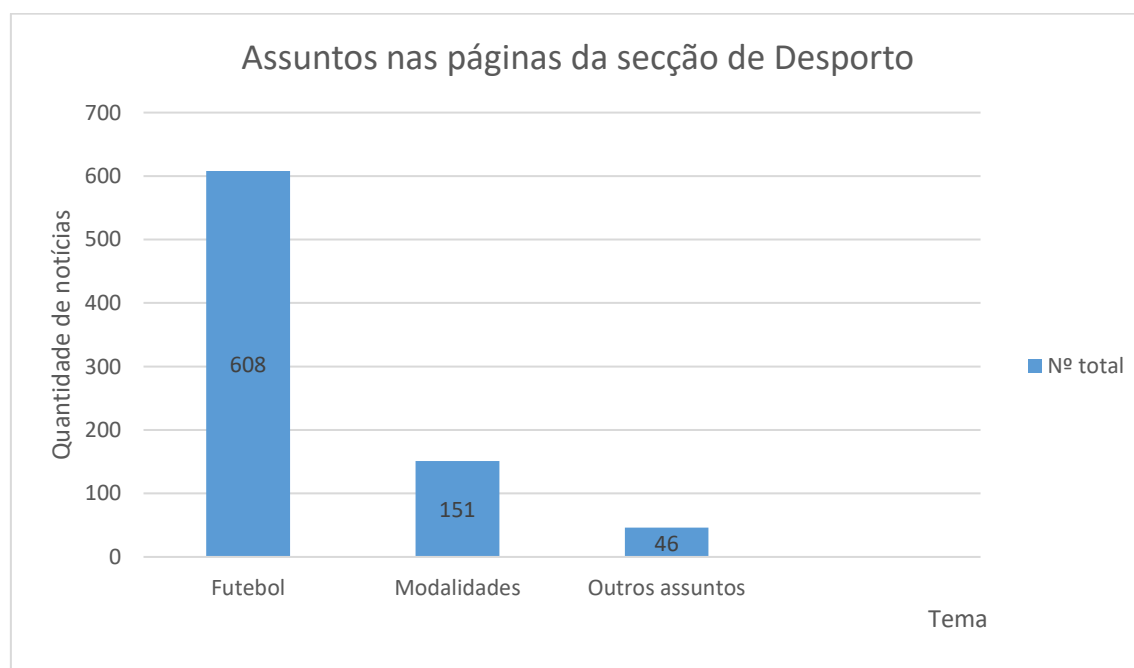


Gráfico IV- Tema das notícias divulgadas na secção de Desporto.

Após a análise do gráfico, podemos constatar que 608 notícias estavam intimamente relacionadas com o futebol, o que perfaz uma percentagem de 75,5% de notícias, cujo assunto é o “desporto-rei”. 151 notícias (18,7%) têm como destaque outras modalidades desportivas que não o futebol, sendo que as restantes (5,8%) se reportam a conteúdos relacionados com o

mundo desportivo, nomeadamente com relatórios de contas das instituições clubísticas, casos de justiça ou questões relativas à SAD dos clubes.

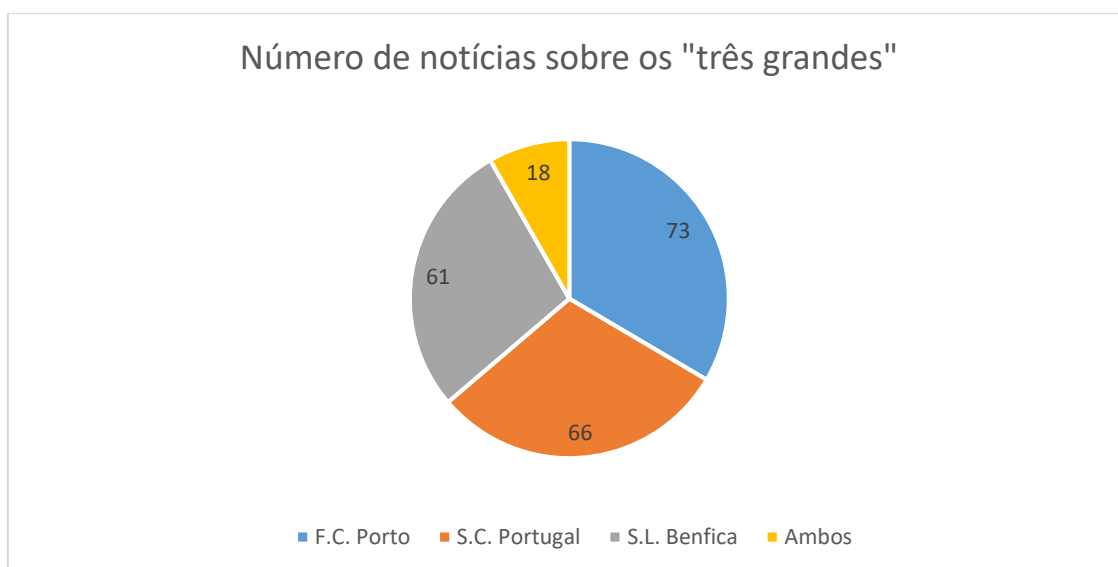


Gráfico V- Número total de notícias divulgadas sobre um dos “três grandes”.

Quanto aos “três grandes”, F.C Porto, S.L. Benfica e S.C. Portugal reúnem, em conjunto, uma parcela de 218 notícias, o correspondente a 27,1% do total, com o clube portista a figurar com maior perseverança- tal como já foi possível constatar anteriormente na análise à capa do *JN*- ao agregar 73 notícias contra as 66 dos leões e 61 das águias. Esta superioridade espelha a representatividade clubística na zona geográfica em questão. As 18 notícias restantes dizem respeito a confrontos diretos entre si.

De seguida, surge o clube conhecido como sendo o “quarto grande” do futebol português. O Sporting Clube de Braga figurou todos os dias (com 37 destaques), durante o período analisado, entre as páginas desportivas, aparecendo, regra geral, logo de seguida aos conteúdos relacionados com as instituições de maior poderio nacional, assumindo-se, dessa forma, como um dos clubes cujo jornal prima sempre por noticiar e não através de breves, ou seja, através de uma pequena referência desportiva ao dia noticioso, mas com um espaço dimensional considerável, concedendo-lhe, assim, uma importância cabaz.

O outro clube representado constantemente, que tal como o SC. Braga beneficia de uma atenção especial por parte do centenário é o Vitória de Guimarães. Como explicou o editor da secção do *JN*, Norberto Lopes, a seguir aos “três grandes” há dois clubes que surgem numa segunda linha, o Braga e o Vitória: “por se enquadrarem dentro de uma área geográfica que é o target em termos de venda do jornal”. Assim sendo, a formação da cidade de Berço destacou-se por 32 vezes, o que corresponde a, pelo menos, uma presença diária nas páginas do centenário. Esta distinção é o reflexo da dimensão clubística vitoriana, uma instituição com

uma densa massa associativa e reconhecida pelo fervor dos seus adeptos, de maneira que o interesse pelo dia a dia do clube, bem como pelas notícias relativas às partidas disputadas são sempre alvo de interesse por parte de uma amostra significativa de simpatizantes conquistadores.

A prioridade ao centrar-se bastante na atualidade dos clubes circundantes fez com que o jornal optasse pela formação de uma coluna horizontal em todas as edições diárias ao longo da semana (de segunda a sexta-feira), intitulada por “Breves”. Durante o período estudado, em 30 dias o jornal adotou esta fórmula por 23 vezes, exceção feita às edições de fim-de-semana. Nesta constavam apenas instituições pertencentes à Zona Norte do país: Rio Ave, Aves, Feirense, Moreirense, Boavista e Chaves. Os dois primeiros foram integrados nesta vertente por 20 vezes, seguidos pela formação de Santa Maria da Feira e de Moreira de Cónegos, ambas com 18 presenças. De seguida, surgem os axadrezados com 14 destaques, enquanto os flavienses se ficaram pelos dez. O Tondela, pontualmente, também figura nesta lista, embora não faça parte da área geográfica redundante, o que leva a que por vezes, por falta de espaço - prioridade para as equipas nortenhas - integre a última página das breves integrantes na “Zona Mista”. As instituições clubísticas referidas anteriormente dividem assim o protagonismo no respeitante ao dia noticioso de cada uma das equipas, pese embora dependendo do ocorrido possam figurar no jornal com maior destaque, isto é, como uma notícia ao invés de uma breve. Exemplo disso é o Boavista Futebol Clube. A formação axadrezada em 30 dias analisados teve uma presença de 93% no jornal portuense, o correspondente a 28 notícias publicadas, sendo que 50% desses destaques materializaram-se por meio de breves, enquanto os outros 50% dividiram-se entre crónicas de jogo ou antevisões, e notícias acerca do estado atual do plantel, ao nível de rendimento, lesões e castigos.

Ainda assim, o fim-de-semana ao coincidir com a abertura da respetiva jornada do campeonato português, faz com que o *JN* provê de um maior espaço editorial, o que significa dizer que a secção de Desporto goza de um maior número de páginas. Perante este cenário, as breves geralmente cedem lugar a crónicas ou antevisões de jogo, de modo que a grande generalidade das equipas frui de notícias mais desenvolvidas e enriquecidas do ponto de vista informacional, assemelhando-se, por vezes, ao destaque diário concedido em dias noticiosos rotineiros ao S.C. Braga ou V. Guimarães, as duas instituições com maior protagonismo, a seguir aos “três grandes”.

Porém, dado o número elevado de equipas a militar nos vários escalões, a necessidade de continuar a existir escolhas é uma certeza. É impensável noticiar todas as partidas futebolísticas decorrentes em território português num só fim-de-semana. Assim sendo, o carácter regionalista mantém-se bem vincado. Prova disso é que embora o jornal seja fértil em antevisões e crónicas de jogo, especialmente ao fim-de-semana por ser a altura de maior frenesim competitivo, entre todas as competições futebolísticas noticiadas, apenas por 19 vezes foram mencionadas partidas sulistas, ou seja, cuja disputa não envolvia nenhuma equipa do norte do país.

Posto isto, ao longo das trinta edições, foram muitas as equipas referenciadas, integradas em vários escalões nacionais. Entre competições futebolísticas disputadas internamente, bem como a nível internacional por parte da formação dos “três grandes”, o JN fez referência às seguintes: Campeonato Nacional, Liga dos Campeões, Liga Europa, Taça de Portugal, Campeonato Nacional de Juniores A, Campeonato Nacional de Juniores B, Campeonato Nacional de Juniores C, Liga Revelação, Liga PRO, Campeonato de Portugal, Divisão de Elite, Liga Jovem da UEFA, Internacional Champions CUP e Liga das Nações. Ao todo, é possível contabilizar 14 provas disputadas por somente uma modalidade.

Todas as provas mencionadas envolveram a participação de clubes portugueses. Ainda assim, relativamente ao desporto rei não foram apenas estas as mencionadas durante o período analisado. As restantes, embora não tivessem a participação portuguesa em termos de instituições, regra geral tinham atletas ou treinadores nacionais em ação a nível internacional. São elas: a Serie A, a Premier League, a La Liga, a Bundesliga, a Ligue 1, o Campeonato Ucrânio de Futebol, a Taça Libertadores da América, o Campeonato Saudita de Futebol, a Liga MX, o Campeonato Grego de Futebol, o Campeonato Turco de Futebol, a Superliga Chinesa, o Campeonato Polonês de Futebol e o Campeonato Romeno de Futebol. A seleção da Coreia do Sul, que tem como técnico principal o português Paulo Bento foi referenciada por uma vez, a propósito da disputa de um jogo particular. Tal como a seleção, o Campeonato Paraguai de Futebol teve direito a menção mas não por estar relacionado com desportistas portugueses, a distinção apenas foi feita por se tratar de um caso *inesperado*.



Gráfico VI- Número total de notícias divulgadas sobre cada um dos respetivos campeonatos internacionais.

Em 55 notícias relacionadas com o campeonato internacional, a La Liga foi a que maior destaque mereceu, obtendo uma percentagem de 15%. Seguiu-se a Serie A, a Premier League e a Ligue 1, correspondente ao campeonato francês, com os três a repartirem o mesmo protagonismo em virtude dos sete conteúdos cada noticiados durante o período analisado. A Bundesliga não teve um acompanhamento tão regular como as demais montras de futebol europeias, apresentando uma presença de 9%. Ainda assim, dado o período analisado ter coincido com a disputa da final da Taça dos Libertadores da América, a competição foi destaque no jornal por seis vezes, o que é demonstrativo da notoriedade da mesma. As restantes figuraram apenas por uma vez em 30 dias nas páginas do centenário, há exceção da Superliga Chinesa (2 presenças) e, sobretudo, do campeonato árabe que teve direito a 5 notícias publicadas. A grande generalidade destas referências surgiram ao fim-de-semana, período de balanços depois do final de mais uma jornada disputada. Embora não sejam meritórios de igual destaque, é com frequência que várias crónicas de jogos de uma dada competição se fundem numa só notícia, como é exemplo a notícia do dia 04 de novembro que juntou a partida entre a Juventus e o Cagliari, mais a do Inter de Milão frente ao Génova, ambas disputadas em jogo referente à jornada da Serie A. Em comum têm a presença de jogadores portugueses em prova, como Cristiano Ronaldo, João Cancelo e João Mário.

Algumas destas menções a outros campeonatos, que não o português, quando não figuram como noticia desenvolvida, passam a ser abordadas por meio de uma perspetiva diferente: aparecem através de pequenas referências, por aquilo a que o jornal intitula de “Radar”, durante o fim-de-semana, uma vez que também neste parâmetro é necessário eleger determinados jogos em prejuízo de outros. Todavia, caso um evento do dia relacionado com um campeonato internacional seja meritório de destaque no diário de segunda a sexta-feira, essa notícia desportiva irá constar na Zona Mista do jornal.

É importante assinalar o facto de que, sempre que uma equipa portuguesa compete numa competição internacional futebolística, falo da Liga dos Campeões e da Liga Europa, o *JN* faz referência à prestação das outras equipas estrangeiras em prova que disputaram partidas nessa noite referente à jornada em causa, sendo assim aplicável um critério de *notoriedade* relativamente à competição em causa.

No respeitante às modalidades noticiadas, extra futebol, durante o período analisado, ao todo foram 23: Basquetebol, Andebol, Ténis, Ténis de Mesa, Futsal, Hóquei em Patins, Voleibol, Ciclismo, Golfe, Padel, Desportos Motorizados- Moto 2, Fórmula 1, Fórmula 3, Moto GP, Ralis WRC- Golfe, Andebol de praia, Maratona, Atletismo, Corta-mato, Trampolins, Judo, Râguebi, Patinagem, Surf, Dardos e Xadrez.

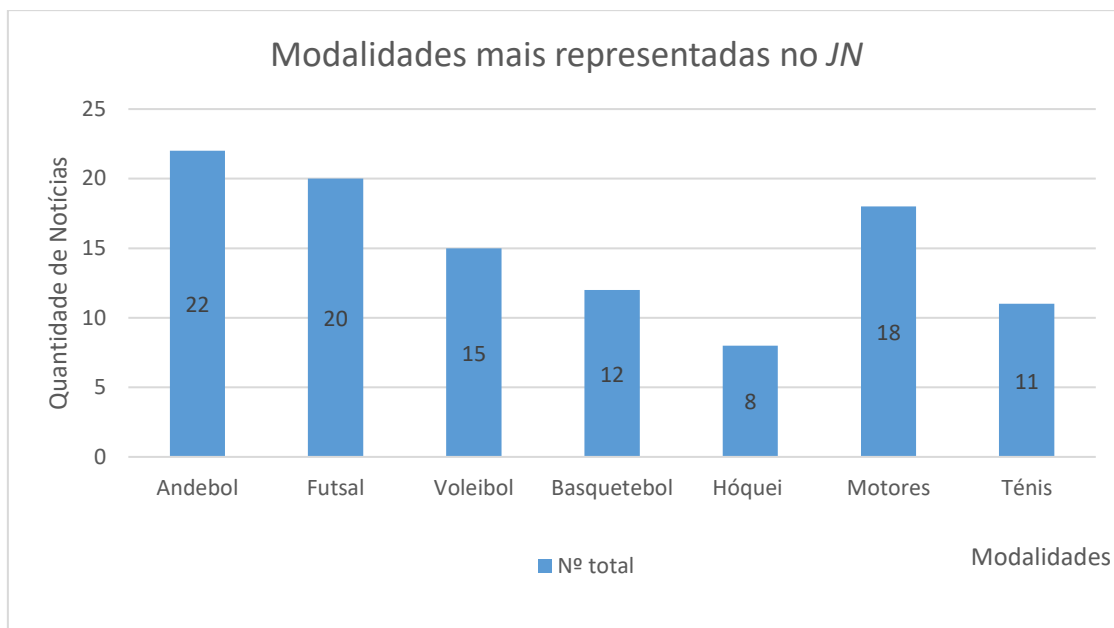


Gráfico VII- Quantidade de notícias publicadas sobre as modalidades extra futebol mais noticiadas nas páginas do *JN*.

Destas, o grande destaque vai para as modalidades rainhas de pavilhão- Andebol, Futsal, Voleibol, Basquetebol e Hóquei em Patins, seguidas pelos Desportos Motorizados e, por último, o Ténis. Em conjunto, os desportos de pavilhão reuniram um total de 77 notícias entre as 151 publicadas sobre modalidades, perfazendo uma percentagem de 51% dos conteúdos, o que é exemplificativo da hegemonia destas modalidades no respeitante ao desporto que não o futebol. Ainda assim, entre si são notórias discrepâncias. O Andebol sobressaiu-se ao contabilizar 22 notícias contra, por exemplo, as 8 do Hóquei em Patins ou as do 12 do Basquetebol. Posteriormente, ao Andebol segue o Futsal com 20 destaques, a modalidade desportiva mais idêntica ao Futebol com a diferença de que é praticada dentro de um pavilhão e cujas equipas são compostas por cinco jogadores. O Voleibol contabilizou 15 notícias, o que é demonstrativo da época correspondente ao período analisado, uma vez que, as equipas nacionais encontravam-se a disputar competições europeias, como é exemplo a Taça Challenge. Não obstante, ainda que o Voleibol sobressaía em termos de números, a verdade é que o espaço concedido à modalidade é sempre o mais pequeno se comparado com os outros quatro desportos, cujas crónicas de jogo apresentam-se muito mais desenvolvidas. Esta opção é tomada tendo por base o pouco interesse suscitado pela modalidade, em virtude da própria competição onde não existe contato físico (Lopes, 2019).

Quanto aos Desportos Motorizados ocuparam 11,9% das modalidades noticiadas, por meio dos 18 destaques concedidos, enquanto o Ténis se ficou pelos 11. Em sentido inverso, durante o período analisado, o Judo dispôs de quatro notícias, o Padel e a Maratona de três, enquanto o Atletismo, os Trampolins, o Ciclismo e o Râguebi apenas de duas. Os restantes desportos referenciados apenas figuraram no diário portuense por uma vez.

O destaque dado às modalidades anteriormente referenciadas está intimamente relacionado com as competições decorrentes durante o mês de novembro. São elas: o Campeonato Nacional da I Divisão de Futsal, a Liga Portuguesa de Basquetebol, o Campeonato Nacional Andebol 1, o Campeonato Nacional de Voleibol, o Campeonato Português de Hóquei em Patins, a Copa Europeia de Basquetebol (FIBA), a Taça Challenge da EHF, o Europeu de Hóquei em Patins, a Taça EHF, o Campeonato Mundial de Fórmula 1 e o Campeonato do Mundo de Moto 2. Estas foram as competições anunciadas com maior regularidade, isto é, às quais o jornal concedeu particular atenção dado o maior acompanhamento verificado. Pontualmente, outras competições foram meritórias de destaque, seja pela notoriedade da mesma ou pela participação de portugueses na prova. Falo de: o ATP Masters, o Open da Suécia, a Taça Davis, a Taça dos Campeões, o Open da Áustria, o Torneio de Guayaquill, o Campeonato do Mundo de Padel, o Torneio Challenger, o África Open Yaoundé, o Grande Prémio de Tashkent, a Prova de Trampolim Sincronizado dos Mundiais, as Olimpíadas de Xadrez, Crosse de Palência, Crosse de Atapuerca, o Campeonato Mundial de Rali e o Campeonato de Portugal de Ralis. Por fim, seis provas decorreram em terreno luso- Meia Maratona de Évora, Maratona do Porto, Crosse de Barcelos, o Corta-Mato de Amora, a Prova da Nazaré e o Campeonato Absoluto de Ténis- tendo sido noticiadas devido ao critério da *proximidade*.

Portugal, por meio dos atletas ou das instituições portuguesas, esteve representado em 88% destas competições, exceção feita para o Campeonato Mundial de Fórmula 1, o Campeonato Mundial de Rali, a Taça Davis e o ATP Masters, o que explica, em boa parte, as referências feitas a estas modalidades desportivas extra futebol, pese embora o destaque se concentre sempre neste último.

6.4- A aplicação de critérios desiguais no mundo jornalístico desportivo

A discrepância entre o futebol e as modalidades perante a análise de conteúdos anterior tornou-se evidente. Nenhuma modalidade abriu a secção de Desporto ao longo dos 30 dias em análise. Tal oportunidade apenas foi concedida a matérias intrinsecamente relacionadas com o desporto rei, o que comprova a grandiosidade deste desporto, sem margem para concorrente direto.

Posto isto, os valores-notícia aplicados são distintos, estando dependentes da modalidade em causa. Enquanto umas gozam de critérios mais largos, outras limitam-se a ser noticiadas apenas quando algum feito é granjeado. Todos os jogos que envolveram um dos “três grandes”, quer em competições internas quer em competições internacionais, tiveram direito a antevisão da partida a constar no diário, sem exceção. Todos os treinadores das equipas pertencentes à I Liga Portuguesa fazem a antevisão ao encontro da jornada na véspera do mesmo. Ora, as declarações do respetivo treinador saem no jornal no dia de jogo e contêm as declarações mais importantes dos respetivos técnicos. O *JN* não foge à regra, de tal forma que no dia 25 novembro de 2019 figuraram 12 antevisões a propósito dos jogos disputados nesse fim-de-

semana a contar para a prova-rainha (Taça de Portugal), com as informações relativas a local e horário de jogo, bem como a lista de convocados divulgada pelo clube, além dos habituais comentários proferidos em conferência de imprensa. Ao todo, foram 52 as antevisões publicadas no diário portuense no mês de novembro. A contrastar com este cenário temos as antevisões feitas, regra geral ou por um atleta ou pelo técnico - exceccionalmente pelos dois - das modalidades rainhas de pavilhão ao órgão do clube tendo em conta o jogo seguinte, mas que ao longo dos 30 dias não figuraram nem por uma única vez nas páginas do diário. Perante este cenário, é notória a diferença que impera entre as modalidades e o futebol.

Ainda que, atendendo aos critérios de valor-notícia estudados por Nélson Traquina não seja possível integrar a *antevisão* em nenhum dos parâmetros, sendo por isso necessário acrescentá-lo devido às necessidades especiais desportivas, a verdade que é possível constatar é de que no futebol este critério impera, enquanto nas modalidades é completamente preterido. Da presença da antevisão, sem falta relativamente a qualquer partida futebolística de um dos “três grandes” essencialmente- ainda que o jornal tenda a fazê-lo ao fim-de-semana para todos os jogos relativos à jornada da Liga NOS-, para a inexistência de comentários ou referências às partidas de andebol, hóquei em patins, basquetebol, voleibol e futsal, as mais noticiadas no período analisado, é o quanto basta para explicitar a diferença na aplicação do tratamento entre um evento e outros.

Assim, as competições relativas às modalidades do primeiro escalão do campeonato nacional seguem as mesmas pisadas do desporto praticado na primeira liga de futebol, todavia as declarações proferidas por uns e por outros apresentam claramente um valor-noticia distinto para o *Jornal de Notícias*. Além do mais, as modalidades constituem-se como tendo valor informativo após a disputa de um jogo, não havendo espaço para o dia-a-dia noticioso, tal como acontece no desporto rei.

Assim como se sucede com a antevisão, a *crónica de jogo* não é um valor-noticia do ponto de vista dos autores estudados. No entanto, embora pudesse integrar as crónicas de jogo dentro do critério da *notoriedade*, por fazerem referência a competições com prestígio em Portugal, nomeadamente o campeonato nacional- a que goza de um maior número de crónicas- ou ainda, noutros casos, com o critério da *proximidade* aquando dizem respeito às equipas pertencentes à A.F. Porto, não faria jus à importância que a temática assume entre as páginas desportivas do órgão de comunicação. Seja um jogo de futebol, seja um jogo de hóquei o que no dia seguinte consta no jornal é a crónica desse jogo. Posto isto, e perante as 230 crónicas que constaram nas páginas da secção de Desporto no mês analisado, faz todo o sentido que a *crónica de jogo*, tal como a *antevisão*, integrem a lista dos valor-notícia teorizados.

Outro dado possível de constatação após a análise às 30 edições relaciona-se com a abertura da secção de Desporto. Esta esteve sempre relacionada com o desporto praticado dentro das quatro linhas do relvado de jogo, com maior incidência para F.C Porto, S.C. Portugal e S.L. Benfica, uma vez que juntos reúnem uma parcela de 24 aberturas em 30 edições analisadas.

Dos 30 dias sobram seis cuja figuração não pertence a nenhuma das instituições mencionadas anteriormente. Coube à Seleção Nacional o feito de figurar por três vezes na primeira página desportiva, dada a paragem do campeonato nacional para a participação dos atletas portugueses no torneio da Liga das Nações. A competição espoletou várias partidas futebolísticas meritórias de destaque. Ainda assim, e no decorrer desta paragem competitiva a nível de clubes, o que pode explicar esta opção, é de ressaltar a abertura da secção com duas notícias de teor violento. Primeiramente, a dar conta de um protesto de dezenas de pessoas frente à Assembleia da República contra as novas ideias do Governo relativamente aos novos trâmites aplicados aos elementos das claques. Segundamente, a agressão bárbara a um guarda-redes da A.F. Braga durante um jogo da distrital, que levou a que o jogo fosse interrompido antes do fim. Ambos os episódios, com incidência para o segundo devido à gravidade do caso, enquadram-se numa situação de *conflito*. A quebra com o normal faz despontar o grau de noticiabilidade, e ainda mais em episódios de violência física.

Posto isto, ao todo, foram nove os valor-notícia eleitos no período estudado.



Gráfico VIII- Valores-notícia eleitos no *Jornal de Notícias* durante o período analisado.

Entre as páginas dos jornais, de entre os valores-notícia teorizados por Nélson Traquina (2007), é possível, à primeira vista, distinguir dois: a *proximidade* e a *notoriedade*. São eles os grandes agentes da formação de notícias a vigorar diariamente nas páginas do centenário. Maioritariamente, quando uma notícia não prima pela *proximidade*, sobressai-se pela *notoriedade* do evento, quer seja pela competição em casa ou pelos atletas em prova, reconhecidos pelo percurso desportivo. Como podemos comprovar, a maioria das notícias nacionais sobre o desporto rei sem envolverem um dos “três grandes”, concentram-se nos

clubes mais próximos geograficamente, pelo facto do *JN* ser além de um jornal nacional, um jornal de grande implementação na zona do grande Porto, mas também no Minho. Perante este cenário, os eventos desportivos nortenhos levam a avante sobre os sulistas, fazendo imperar o critério da *proximidade*, quer a nível de notícias, quer a nível de pequenas referências, como é exemplo a secção das breves da Zona Mista onde é comum serem mencionadas equipas pertencentes à A.F. Porto (Associação de Futebol do Porto) e, em face disso, a informação reporta a campeonatos de escalões inferiores- Campeonato de Portugal e Distritais. Geralmente sobre mexidas nas equipas, por meio da troca ou despedimento do respetivo técnico. Prova disso, é que no período de 30 dias analisados, por 15 vezes a Zona Mista integrou uma breve da A.F. Porto.

No entanto, a *proximidade* não reporta apenas a acontecimentos próximos geograficamente, integrando ainda as equipas internacionais com jogadores portugueses ou clubes com técnicos nacionais, em virtude de chamarem uma maior atenção por parte do leitor, uma vez que, deste modo, a notícia torna-se mais familiar, e por essa razão, tem maior destaque do que as remanescentes. Das 55 notícias acerca de campeonatos internacionais, apenas por 18 vezes o valor-notícia da *proximidade* não esteve presente, sendo substituído pela *notoriedade* do clube de futebol ou do jogador mencionado. Dessas 18 vezes, seis chamadas pertencem à Taça dos Libertadores da América, um dos torneios mais prestigiados do mundo.

No respeitante às modalidades, as rainhas de pavilhão levam a avante por envolverem jogos coletivos. De acordo com Lopes (2019), Portugal tem fortes tradições, principalmente no futsal e no hóquei em patins, de modo que o interesse dos portugueses por estes desportos é maior, com os clubes portugueses a mostrarem cartas em competições internacionais por meio do sucesso alcançado através dos bons resultados atingidos. Gonçalves (2019), jornalista do *Jornal de Notícias*, acredita que além do hóquei em patins e do futsal, é necessário incluir nesse duo o andebol, em razão de um motivo que vai ao encontro do expresso por Lopes (2019): “São as modalidades que de momento atravessam o melhor momento em termos competitivos” (Gonçalves, 2019). Perante estas justificações é possível concluir que o prestígio da prova é um dado importante para a divulgação da mesma, principalmente se tratarem de competições internacionais, uma vez que elevam o nome do desporto português ao mais alto nível.

Ainda assim, mais uma vez, os clubes representados centram-se nas principais instituições clubísticas nacionais, sendo que, por esse motivo a *notoriedade* da competição prende-se justamente com a presença em prova de S.L. Benfica, F.C. Porto e S.C. Portugal. Em 55 notícias, excetuando uma sobre uma partida de hóquei em patins da seleção nacional, apenas três crónicas não envolveram um jogo dos “três grandes”. O feito aconteceu no futsal em dois encontros disputados pela formação do Fundão, frente ao Rio Ave e frente ao Viseu. E ainda, no voleibol com uma crónica do jogo a contar para a Taça Challenge do Madeira SAD. Perante os factos, podemos afirmar que as modalidades estão submetidas a critérios restritos, uma vez que durante o mês de novembro, revelaram uma dependência extrema de jogos disputados por um dos “três grandes” para serem notícia. Sendo que, no caso do basquetebol essa dependência

foi absoluta. Na opinião de Gonçalves (2019), isso sucede-se devido ao interesse dos leitores pelas notícias que envolvem os principais clubes, pelo facto da clubite em Portugal ser bastante valorizada.

Já para Lopes (2019), além da conceção residente no interesse dos adeptos por se tratarem das equipas que reúnem um número alargado de simpatizantes, a justificação para o editor de Desporto do *Jornal de Notícias* baseia-se ainda noutro fator: a aposta dos clubes portugueses em cada uma delas, possibilitando a disputa de provas internacionais (Lopes, 2019). Assim sendo, diante disso, a notoriedade da competição alia-se à notoriedade do clube, uma vez que o acesso está confinado apenas aos melhores, e, no presente caso, os melhores em cada uma das modalidades envolve precisamente instituições respeitantes aos “três grandes”.

Os critérios aplicados às competições futebolísticas internacionais assemelham-se aos aplicados às modalidades, exceção feita às de pavilhão, as de maior protagonismo durante o período analisado e, por esse motivo, com maior destaque editorial. Não obstante, as restantes destacam-se ou pela presença de atletas portugueses ou pela notoriedade da prova em questão. As conquistas por parte de atletas portugueses em modalidades extrafutebol adquirem valor informacional superior caso se trate de uma prova disputada em território internacional. Regra geral, quando um português compete além-fronteiras, é sempre destacado no jornal enquanto se mantiver em prova, com atualizações diárias. Ou seja, numa competição a eliminar, o jornal dá conta do percurso do atleta por meio da respetiva prestação através de uma pequena notícia- breve- caso prossiga em competição. A continuidade ou não de notícias sobre a competição, após a eliminação da presença lusa, está dependente da *notoriedade* da mesma, pois se tratar-se de uma prova pouco prestigiada, impera somente o valor-notícia da *proximidade*.

Os 12% sobranes, em resultado da taxa de 88% relativamente ao número de modalidades distinguidas sem envolvimento de atletas portugueses- Campeonato Mundial de Fórmula 1, o Campeonato Mundial de Rali, a Taça Davis e o ATP Masters- são a prova da aplicação do critério de *notoriedade*, uma vez que as competições afiguram-se como uma das mais emblemáticas no panorama internacional desportivo.

O *inesperado* como valor-notícia espoletou várias vezes pelas páginas do diário portuense, mais concretamente por 18 vezes. Sendo os acontecimentos destacados: Frederico Varandas despede José Peseiro; Jovem jogador de 14 anos faz história ao entrar e marcar; Dois guarda-redes goleadores na A.F. Porto; Atleta corre maratona aos 73 anos; Feito Nacional- Portugal é vice-campeão do mundo no concurso completo de trampolins; Presidente leonino proíbe a viagem das claques leoninas com a equipa; Juve Leo ausente do jogo em Alvalade; Vitor Pereira faz história na China ao sagrar-se campeão; Barcelos eliminado da Taça Europe por falta de treinador; Irmãos defrontam-se em campo; Susanna Dinnage é a primeira mulher empossada presidente da Premier League; Portuguesa conquista pela primeira vez título no World Padel Tour; Aparatoso acidente na Fórmula 3; Sport TV corta serviço à Nowo; Guarda-redes espancado

em campo; Jogador salva adversário em campo; Foi revelado um novo documento tendo em vista uma nova competição onde não constavam equipas portuguesas; Dois atletas com 37 e 41 anos continuam em atividade, jogando pelas equipas B e de Sub-23 do Rio Ave;

Situações de *conflito*, espoletadas em ambientes controversos por meio das agressões físicas foram matéria de notícia. Em evidência, as agressões por parte de adeptos benfiquistas a apoiantes holandeses que se deslocaram a Lisboa para assistir ao encontro do Ajax frente ao clube da Luz; a violência por meio do apedrejamento ao autocarro do Boca Juniors na Taça dos Libertadores, a agressão a árbitros nacionais, e ainda, troca de insultos entre atletas durante uma prova de Dardos.

O *escândalo* está associado à infração, neste caso em concreto, das normas reguladoras do mundo desportivo. Sempre que há um desvio da norma, o infrator comete um crime, de modo que fica exposto, pelo facto da prática cometida não ser aceite socialmente. Neste seguimento, foram nove os acontecimentos merecedores de destaque, enquadrando-se todos no parâmetro descrito. Começando pela notícia a dar conta de uma investigação ao PSG, seguindo-se de outra sobre as suspeitas de que Gianni Infantino, presidente da UEFA, terá ajudado o Manchester City e o PSG a contornarem o *fair-play* financeiro, à prisão preventiva de Bruno Carvalho, ex-líder leonino, passando pela investigação aos negócios de Jorge Mendes por alegadas fraudes, até aos casos de doping por parte de um atleta português no ciclismo ou de Sérgio Ramos, capitão da seleção espanhola, e não só. O *escândalo* prolongou-se à condenação de prisão a Bendtner, um antigo avançado do Arsenal e da Juventus, bem como à acusação de um ex-jogador inglês por assédio sexual e novamente à prisão de outro, desta vez por envolvimento na máfia.

O *dia noticioso* fez espoletar o aparecimento de 19 notícias em 30 dias analisados. Estas situações estão dependentes da falta de conteúdo noticioso, pelo que, abrem espaço para a divulgação de, por exemplo, reportagens como é exemplo a realizada, no dia 17 de novembro, a Luís Paiva que reúne um pequeno museu com mais de 300 camisolas dentro da garagem de casa.

A *morte* foi o valor-notícia com o menor número de presenças entre o conteúdo noticioso avaliado, representando-se unicamente por quatro vezes.

Discussão dos resultados e conclusão

A importância crescente do desporto no panorama nacional é um dado adquirido. Não há maior prova disso de que o protagonismo concedido pelo *Jornal de Notícias*, um jornal generalista de referência nacional, não se tratando, por isso, de um periódico especializado, tal como é “A Bola”, “O Jogo” ou o “Record”. A constante presença em capa, por vezes como a notícia de maior importância do dia noticioso em causa, dado o tamanho do título e da imagem, constituindo-se por isso manchete, bem como um maior número de páginas reservadas à secção de Desporto são o exemplo da prioridade que é este assunto em solo português para o órgão de comunicação em causa.

Como foi possível constatar, embora exista um amplo leque de modalidades, o foco está concentrado no futebol. É quem tem direito a um maior número de páginas, reunindo consequentemente o maior número de notícias desportivas. O fenómeno acontece, essencialmente, por se tratar de uma situação cultural: “Pode haver pessoas que gostem de praticar outros desportos, mas do ponto de vista do espetador o futebol é dominador em relação aos outros. Tem uma plateia maior e isso reflete-se nos jornais” (Gonçalves, 2019).

O fosso editorial desta modalidade para as demais, assume-se significativo. Consequentemente, a diferença de critérios aplicados entre o futebol e as modalidades extrafutebol intensifica-se, principalmente se nos focarmos na constante presença de notícias sobre o dia-a-dia dos clubes portugueses, a dar conta de informações tão rotineiras como os atletas integrados no treino *versus* os lesionados. Nas modalidades isso já não se sucede. Ao longo do período estudado, nem por uma única vez figurou de entre as páginas do jornal uma notícia sobre o estado clínico dos jogadores do plantel de andebol, hóquei em patins ou de uma outra modalidade. Não foi possível vislumbrar uma preocupação por parte do jornal nacional em fazer referência a outros desportos que não o futebol, a menos que haja algum evento relevante, principalmente uma competição.

Deste modo, a mesma informação está dependente da modalidade em causa para possuir ou não valor de notícia. Por exemplo, a antevisão não foi aplicada por uma única vez às modalidades extrafutebol, nem às coletivas, nem às individuais.

Sendo um jornal generalista, o espaço concedido ao Desporto é limitado. Num jornal especializado na capa só constam conteúdos desportivos, de maneira que abarca um maior número de temas. No *Jornal de Notícias*, além do Desporto, é imperativo figurarem assuntos enquadrados na secção da Sociedade, Política, entre outros. Tratando-se o futebol da modalidade que maior atenção desperta junto dos leitores, é difícil roubar-lhe o protagonismo. Ainda assim, embora a grande maioria de eventos relacionados com os demais desportos não possuam o mesmo valor-notícia caso o acontecimento seja sobre o desporto rei, a chamada à primeira página acontece quando se justifica (Gonçalves, 2019). Deste modo,

Gonçalves (2019) acredita que o jornal faz uma gestão justa no respeitante a essa temática. “Por exemplo, todos os campeões nacionais das modalidades foram assunto de primeira página, os títulos europeus do Sporting em Futsal e Hóquei foram assunto de primeira página. Recentemente, as medalhas de ouro do Fernando Pimenta na Taça do Mundo também”, defende.

No entanto, o destaque de primeira página concedido por uma única vez durante o período analisado respeitante a um conteúdo sobre o andebol, num dia em que o campeonato nacional se encontrava num interregno, leva a que questionemos se a reportagem seria assunto de primeira página caso houvesse notícias nesse dia acerca do mundo futebolístico. Perante a notória prioridade dada ao futebol em detrimento dos demais, leva-nos a parecer que seria relegada para o interior da secção Desporto, uma vez que o acontecimento em si, perante a existência de outros envoltos no domínio futebolístico no dia noticioso em questão, poderia possuir um valor-notícia menor, por não se tratar de uma conquista, o principal motivo de chamada de capa.

Numa situação de trabalho, ocorrida durante o tempo de estágio, pude presenciar um acontecimento curioso, tendo em conta o presente tema. Um evento sobre um desporto extra futebol estava destinado a figurar como uma notícia, com tamanho considerável, o que significa que ser-lhe-ia concedido protagonismo. No entanto, as notícias proliferam ao longo do dia, de maneira que, a mesma notícia que iria ter direito a destaque nas páginas do diário no dia seguinte, acabou por ser relegada para uma breve, beneficiando, assim, uma notícia que durante a tarde saiu associada ao mundo futebolístico. Perante isto, é possível determinar o quão grande é a fatia da agenda de Desporto reservada para assuntos do domínio do futebol, constantemente priorizados.

Ao todo foram 14 as competições nacionais mencionadas cujo teor competitivo centrava-se no desporto praticado dentro das quatro linhas do relvado de jogo. Perante este facto, podemos afirmar que uma só modalidade teve direito, no espaço de um mês, a destacar-se nas mais diversas categorias competitivas. Ora, este dado revela-se importante quando comparado com os relativos a outros desportos. A discrepância torna-se evidente se tivermos em atenção o facto de terem sido contabilizadas 11 competições envolvendo as modalidades rainhas de pavilhão, elas que são cinco, enquanto o futebol gozou de um número superior de provas sendo apenas um só desporto. A juntar a este dado, há ainda um outro. Dentro destas 14 competições, houve espaço para noticiar escalões inferiores do futebol. No que diz respeito às modalidades, apenas as competições principais, isto é, referente ao primeiro escalão da respetiva competição foram alvo de destaque. Deste modo, os conteúdos relativos a outros desportos retratavam essencialmente acontecimentos sobre os quais era possível aplicar o valor-notícia de *notoriedade*, principalmente no respeitante ao andebol, ao futsal, ao hóquei em patins, ao voleibol e ao basquetebol.

Reconhecidas como as modalidades de pavilhão, estas beneficiam de um fator importante: o tempo. O período temporal de competição destas é idêntico ao do desporto rei. Ao disputarem-se num intervalo de tempo alargado, já que duram cerca de 9 meses, estão sempre em atividade de maneira que aumentam a possibilidade de figurarem como notícia no jornal. É em virtude disso que para Gonçalves (2019), jornalista responsável maioritariamente por noticiar as modalidades do diário portuense, estes cinco desportos figuram de forma mais sistemática no *JN*. Esta constatação reforça a influência do calendário desportivo anual, devido às modalidades coletivas possuírem uma durabilidade maior em comparação com as provas das modalidades individuais.

A *notoriedade* do futebol abre-se a outros campeonatos e a outras equipas ditas “pequenas”, agigantando-se, assim, em termos editoriais, pelo facto de ser considerado o desporto rei, em virtude de tudo aquilo a que lhe está associado. O mesmo não se pode afirmar, quando o conteúdo incide nas modalidades rainhas de pavilhão. Nelas, a *notoriedade* revela-se essencialmente pela presença de um dos “três grandes” do desporto português em competição. Quando assim não é, emerge a *notoriedade* da prova em disputa, sobretudo no respeitante às modalidades individuais.

Títulos internacionais, títulos nacionais, disputas internacionais ou duelos em provas nacionais com prestígio ou realizadas no raio geográfico do *JN* revelam-se como motivos primordiais para catapultar um evento, sobretudo extra futebol, para as páginas do jornal nacional. Sem esquecer a presença de Futebol Clube do Porto, Sport Lisboa e Benfica ou Sporting Clube de Portugal, as instituições que fazem disparar o grau de valor-notícia, tornando assim a divulgação do evento por parte dos *media* obrigatória, dada a constante mediatização a que estão sujeitos em resultado do mediatismo envolto.

A contrastar com este cenário vivido pelos desportos fora das quatro linhas do relvado de jogo, o futebol goza de critérios mais vastos. A juntar à *antevisão*, temos a *morte* como valor-notícia sem envolvimento de outras práticas desportivas, além da praticada dentro das quatro linhas do relvado de jogo. Já o *escândalo*, assim como o *conflito* foram apenas motivo de notícia por uma única vez, contra as inúmeras delas relacionadas com a prática futebolística.

O número superior de destaques concedidos ao futebol está intimamente relacionado com os amplos critérios aplicados à modalidade. Ao longo desta análise, evidenciou-se, essencialmente, esse parâmetro. Nas modalidades sobressaiu-se, maioritariamente, a *notoriedade* e a *proximidade* como valor-notícia. E, pese embora esses critérios sejam igualmente um dos mais recorrentemente aplicados ao universo do futebol, presumindo-se aqui uma aparente igualdade, a verdade é que os demais valores-notícia existentes sobrepuseram-se vigorosamente a favor do desporto rei, tanto os teorizados por Traquina (2007), como ainda, os que foram acrescentados. A supremacia intrínseca aos assuntos relacionados com o futebol faz com que, apesar de serem noticiadas as informações mais relevantes sobre os outros desportos, estas não assumam igual protagonismo. Tanto no referente à quantidade, como

também à qualidade - componente relativa à dimensão espacial do conteúdo. A organização do espaço é um elemento fundamental no jornalismo, ao surgirem conteúdos com títulos pequenos, juntamente com um corpo de notícia igualmente reduzido, os olhos do leitor têm tendência a não focar por não chamar à atenção. Ora, excluindo as modalidades rainhas de pavilhão e os desportos motorizados, todas as outras que foram assunto de destaque surgiram precisamente dessa forma. Este facto é merecedor de realce, uma vez que o protagonismo concedido ao futebol não se assemelha.

No cômputo geral, todas as hipóteses formuladas previamente, antes da realização deste trabalho, demonstraram-se válidas. De facto, e começando pela primeira, o calendário desportivo anual revela uma importância basilar. Os desportos com um período temporal maior assumem, conseqüentemente, um destaque superior no órgão de comunicação estudado. O acompanhamento competitivo de uma determinada competição é operado de forma sistemática no caso do futebol, no caso das modalidades rainhas de pavilhão essencialmente aquando se disputam encontros, e nas modalidades individuais, provas. Neste contexto, principalmente os desportos extrafutebol encontram-se maioritariamente dependentes da realização de competições para que os respetivos acontecimentos possuam valor-notícia.

“O modelo de newsmaking seguido na redação envolve adaptações pontuais, decorrentes da especificidade da matéria”. Como a segunda hipótese delineada antecipou, a especificidade da matéria dita a hierarquização conferida à notícia, o que está intimamente relacionado com os critérios de noticiabilidade eleitos. Assim sendo, o modelo de produção noticiosa difere consoante a modalidade em causa, uma vez que o futebol demonstrou gozar de critérios mais largos.

A juntar ao fator do período temporal, a desigualdade de conteúdos prende-se também com a preferência desportiva da maioria dos leitores. Como afirmou Gonçalves (2019): “Em Portugal, a maioria das pessoas que gosta de Hóquei em Patins gosta de futebol. Mas a maioria das pessoas que gosta de futebol não gosta de Hóquei em Patins”. A declaração refere o hóquei, mas o próprio deixou claro de que poderia ser outra modalidade. Julgo que esta afirmação é esclarecedora quanto aos gostos desportivos dos portugueses, refletindo-se conseqüentemente no trabalho desenvolvido pelo órgão de comunicação estudado, uma vez que os editores se retraem na divulgação de determinado conteúdo por considerarem que não terá um valor-notícia elevado para a generalidade dos leitores. Um fator importante, na medida em que irá influenciar o número de vendas. A própria disposição das notícias é sintomático do interesse dos leitores, com os artigos sobre futebol a destacarem-se constantemente na capa, de forma a apelar à leitura, como a abrirem a secção de Desporto da respetiva edição, o que vai ao encontro da última hipótese formulada - a hierarquização das notícias tem em conta as preferências desportivas da maioria dos leitores - demonstrando-se, deste modo, também verificada.

Referências

- ABIAHY, A. (2000). *O jornalismo especializado na sociedade da informação*. Universidade Federal da Paraíba. BOCC. Recuperado a 10 de dezembro de 2018 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiah-ana-jornalismo-especializado.pdf>
- ALEXANDRINO, V. (2011). *A mulher no jornalismo esportivo: análise da participação feminina no telejornalismo brasileiro*. Recuperado a 06 de janeiro de 2019 em <http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000951.pdf>
- BARBEIRO, H. & RANGEL, P. (2006). *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto.
- BASTOS, H. (2000). *Do jornalismo online ao ciberjornalismo: Emergência de novas práticas nos media portugueses*. Revista de Comunicação e Linguagens. Lisboa: Edições Cosmo, pp. 100-120.
- BORELLI, V. (2002). *O esporte como uma construção específica no campo jornalístico*. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recuperado a 12 de janeiro de 2019 em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/ea984db34c55cfc94d2f75bb662887f6.pdf>
- BORBA, E. (2008). *Cibermarketing no futebol português: a comunicação interativa nos websites dos clubes que integram a Liga Portuguesa de Futebol Profissional*. Universidade Fernando Pessoa: Porto. Recuperado a 22 de abril de 2019 em <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1057/1/eduardo%20zilles%20borba.pdf>
- CANAVILHAS, J. (2004). *Os jornalistas portugueses e a Internet*. Comunicação apresentada no V Congresso Ibero-Americano de Jornalistas na Internet. Salvador da Bahia. Recuperado a 20 de fevereiro de 2019 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-portugueses-internet.pdf>
- CANAVILHAS, J. (2005). *Os jornalistas online em Portugal*. Universidade da Beira Interior. Recuperado a 18 de fevereiro de 2019 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-online.pdf>
- CANAVILHAS, J. (2006). *Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança*. Universidade da Beira Interior. Recuperado a 18 de fevereiro de 2019 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf>
- Código Deontológico do Jornalista (1993). Recuperado a 05 de janeiro de 2019 em http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/29-codigo-d.html
- CAGÉ, J. (2016). *Salvar os Media*. Temas e Debates. Lisboa: Círculo de Leitores.
- CORREIA, F. (1997). *Os Jornalistas e as Notícias*. Lisboa: Caminho.

- COSTA, F., CLEMENTE, A., CRUZ, A., GASSNER F. & LOURENÇO, R. (2010). *Utilização de métodos quantitativos em pesquisa científica*. XVII Congresso Brasileiro de Custos: Belo Horizonte. Recuperado a 08 de abril de 2019 em <http://repositorio.furg.br/handle/1/3700>
- DEFLEUR, M. & DENNIS, E. (2010). *Understanding Media in the Digital Age*. Allyn & Bacon.
- ERBOLATO, M. (1981). *Jornalismo Especializado*. São Paulo: Atlas.
- ERBOLATO, M. (2002). *Técnicas de Codificação em Jornalismo - redação captação e edição em jornal diário*. São Paulo: Ática.
- FERNANDES, B. (2011). *A Teoria Clássica do Gatekeeper e do Newsmaking na Rádio*. Relatório de Estágio para a obtenção do Grau de Mestre. Universidade da Beira Interior.
- FERNÁNDEZ DEL MORAL, J. & ESTEVE RAMÍREZ, F. (1996). *Fundamentos de la Información Periodística Especializada*. Madrid: Editorial Síntesis.
- GONÇALVES, A. (2002). *Uma Esfera cuja Circunferência está em Parte Nenhuma - Apontamentos Sobre a Popularidade do Futebol*. *Revista de Economia e Sociologia da Universidade de Évora*. Évora, pp. 116-127.
- GEERTZ, C. (1989). *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- JEANNENE, J. (2011). *Uma história da Comunicação Social*. Editora Terramar.
- LEÃO, I. & REI, J. (2000). *Dicionário de Ciências da Comunicação*. Porto: Porto Editora, pp. 139-140.
- LIPPMAN, W. (1997). *Public Opinion*. Nova Iorque: Free Press Paperbacks.
- LOPES, F. & PEREIRA, S. (2006). *A TV do futebol*. Porto: Campo das Letras. Recuperado a 22 de janeiro de 2019 em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/40483/1/FL_SP_2006_tv_futebol.pdf
- LOPES, P. (2010). *A crónica (nos jornais): O que foi? O que é?* Universidade Autónoma de Lisboa. BOCC. Recuperado a 02 de março de 2019 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-cronica-lopes.pdf>
- LIMA, H. (2017). *A evolução editorial do Jornal de Notícias e a inclusão de elementos de jornalismo popular*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Recuperado a 12 de fevereiro de 2019 em http://www.icnova.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/38/2019/03/ICNOVA_NoticiasPortugal_Jornal_Noticias.pdf
- MCQUAIL, D. & WINDAHL, S. (1993). *Communication Models for the study of Mass Communications*. Essex: Longman.

- MARTINS, H. (2008). *Imprensa Desportiva: Uma Análise Comparativa entre Portugal, Espanha e Itália*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação.
- MORAES, D. (1997). *Globalização, mídia e cultura contemporânea*. Campo Grande: Letra Livre.
- NERY, I. (2004). *Política & Jornais - Encontros Mediáticos*. Lisboa: Celta Editora.
- NEVES, J. & DOMINGOS, N. (2011). *Uma história do desporto em Portugal*. Matosinhos: Editora Quidnovi.
- PADILHA, S. (2009). *A Internet, o Jornalista e as Inquietações*. Universidade da Beira Interior. BOCC. Recuperado a 10 de dezembro de 2018 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-padilha-internet.pdf>
- PAVLIK, J. (2001). *Journalism and new media*. New York: Columbia University Press.
- PÊGO, L. (2015). *Os estudos de género e os media- uma análise à percepção das jornalistas sobre o jornalismo desportivo em Portugal*. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Jornalismo, Comunicação e Cultura. Instituto Politécnico de Portalegre.
- PEUCER, T. (2004). *Os relatos jornalísticos*. Estudos em Jornalismo e Media.
- PINHEIRO, F. (2010). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- QUINTERO, A. (1994). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta.
- RANDALL, D. (2000). *The universal journalist*. Londres: Pluto Press.
- RIBEIRO, E. (2008). *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*. Araxá/MG.
- SALGADO, R. (2015). *A Performance da Etnografia como Método da Antropologia*. CRIA- Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Portugal. Recuperado a 04 de abril de 2019 em <https://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/1640>
- SOBRAL, L. & MAGALHÃES, P. (1999). *Introdução ao Jornalismo Desportivo*. Lisboa: Cenjor.
- SODRÉ, N. (1999). *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad.
- SHOEMAKER, P. & REESE, S. (1996). *Mediating the Message. Theories of Influences on Mass Media Content*. Recuperado a 08 de janeiro de 2019 em <https://chinhnghia.com/mediating-the-message.pdf>
- SOUSA, F. (1988). *Jornal de Notícias. A memória de um século (1888-1988)*. Porto.
- SOUSA, M. (1997). *História do Futebol. Origens. Nomes. Números e Factos*. Editora SporPress.

SOUSA, J. P. (1999). *As notícias e os seus efeitos*. Universidade Fernando Pessoa. Recuperado a 04 de janeiro de 2019 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>

SOUSA, J. P. (2006). *Técnicas Jornalísticas nos Meios Electrónicos: Princípios de radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo on-line*. Edições Universidade Fernando Pessoa.

SOUSA, J. P. (2008). *Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de abril de 1974*. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo. Recuperado a 13 de dezembro de 2019 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-do-jornalismo-1974.pdf>

TRAQUINA, N. (2005). *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Editora Insular.

TRAQUINA, N. (2007). *Jornalismo*. Lisboa: Quimera.

TAVARES, F. (2009). *O jornalismo especializado e a especialização periodística*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Brasil. Recuperado a 05 de dezembro de 2018 em <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>

TENGARRINHA, J. (1989). *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

WOLF, M. (1987). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.

Anexos 1

REPORTAGEM

Na vanguarda do património desportivo

Em jeito de celebração do quinto aniversário, o Museu F. C. Porto recebeu uma conferência onde se debateu o lugar do Desporto na História

Márcia Soares
desporto@jn.pt

INICIATIVA O Museu do F. C. Porto foi, durante o dia de ontem, anfitrião da conferência internacional “Sports Heritage Collection”, que reuniu no Auditório Fernando Sardoeira Pinto oradores e especialistas internacionais de várias instituições museológicas, académicas e desportivas. No ano em que o clube celebra os 125 anos e o museu o 5.º aniversário, Jorge Maurício, diretor de programação e produção do Museu F. C. Porto, distinguiu este tipo de iniciativa por ser “inedita no país”, afirmando que o objetivo do evento “é valorizar especificamente o património desportivo”, o que foi conseguido através da análise e da discussão de temáticas ligadas à História.

Para tal, estiveram presentes representantes dos museus nacionais de futebol da Alemanha e de Inglaterra, do Barcelona e do Liverpool, entre outros. Stephen Done, do Liverpool, confessou, durante a sua apresentação, estar impressionado com a grandiosidade do local onde se reúne a história portista, quer em coleção quer em dimensão. O representante reconheceu mesmo que regressa a Inglaterra com



Conferência contou com a presença de representantes de vários clubes europeus

uma missão bem definida: “Depois de visitar este museu, temos muito trabalho a fazer no nosso”, disse, adiantando que esse será um dos próximos passos do clube inglês, de modo a tornar o espaço um sítio de visita obrigatória na cidade de Liverpool.

A conferência foi ainda palco para a apresentação do projeto do Qatar Olympic & Sports Museum que será inaugurado em 2019, abrangendo a história e as coleções dos clubes locais. ●

INGLATERRA

Klopp é a pessoa mais adorável da Terra mas ainda não merece uma estátua

Houve tempo para tudo, até para questionarem Stephen Done, representante do Liverpool FC Museu, sobre se Jurgen Klopp, treinador dos reds, iria ter uma estátua em sua homenagem no museu do clube. Done respondeu que o treinador não ganhou nada que justifique tal honra, mas que ia adorar se isso acontecesse, ainda que o futebol seja muito imprevisível. Em jeito de brincadeira, o responsável afirmou que se fosse pela personalidade do técnico, a estátua era mais do que merecida, afirmando que Klopp “é a pessoa mais charmosa e adorável à face da Terra”. M.S.

Anexo 1: Reportagem sobre a conferência internacional “Sports Heritage Collection”.

José Peseiro assume favoritismo e obrigação de vencer o Boavista

Treinador leonino garante equipa focada para superar instabilidade e regressar às vitórias, salientando a obrigatoriedade de não vacilar na luta pelo título. Bas Dost aponta ao regresso



José Peseiro mostrou-se confiante na abordagem ao jogo desta noite

Norberto Vasconcelos Sousa
desporto@jn.pt

SPORTING A derrota com o Arsenal voltou a colocar a equipa leonina sob elevada pressão, obrigando-a a vencer o Boavista, esta noite, para (também) retificar o desaire em Portimão e manter-se firme na perseguição ao primeiro lugar. José Peseiro assume o favoritismo e avisa que é obrigatório somar os três pontos diante dos axadrezados.

"Temos qualidade para vencer o Boavista, mas temos de o demonstrar em campo. Estamos focados, sabendo o que temos de cumprir nas tarefas individuais e coletivas. Vencer é

uma obrigatoriedade e uma responsabilidade. Somos favoritos, sem dúvida nenhuma", sublinhou José Peseiro, na antevisão ao jogo desta noite, salientando a importância de regressar às vitórias. "Queremos manter-nos na luta pelo título e, por isso, temos de vencer amanhã [hoje]", justificou o técnico leonino.

Na análise ao adversário, José Peseiro realçou os "processos simples" da formação axadrezada, salientando que se trata de uma equipa "com tempo de organização e trabalho", em alusão a ter no comando o mesmo treinador da época passada. "É uma equipa com qualidade. Não começaram as coisas

ECOS DE ALVALADE

Reforços a caminho
Frederico Varandas garantiu, em entrevista ao "Expresso", já ter efetuado contratações. "Já contratámos para a época 2019. Só dispensei jogadores ou treinadores quando tenho uma solução melhor em carteira", disse.

Douglas crítico
"Esforcei-me e fiz de tudo... Mas não demorou muito tempo para o Sporting não ser leal comigo e não cumprir o projeto acordado", criticou o brasileiro Douglas, que saiu dos leões em rota de colisão com os dirigentes.

Liga 1 8.ª jornada
Estádio José Alvalade, em Lisboa
20h30

Sporting
Treinador José Peseiro

Boavista
Treinador Jorge Simão

Opções: Viviano, Salin, Maximiano, Marcelo, Mashaev, Vitor, Bruno César Mendes, Yérry, Carlos Mankema, Castelhano, Jovane e Bas Dost. Indisponíveis: Rátovski, Sturaro e Nhapinha (lesionados).

Lista de convocados não foi divulgada

Opções: Bracali, Assis, Edu, Raphael Silva, Sparagna, Robson, Idris, Tahar, Nunes, Samu, Rafael, Gilson Costa, Matheus, Indio, André Claro, Felcane, Ronald Santarém e Ibra Konneh. Indisponíveis: Kuzuhira (lesionado).

Lista de convocados não foi divulgada

Motivação em alta para voltar a sorrir

Ivo Vieira promete equipa a procura do controlo do jog

MORENO ENDE MAN mar pontos para confiança para os mares" e pensa mais do que a pi e o objetivo de l treinador dos c sidera a equipa adversário "d mostra-se conf gresso aos triur "Será um jog brios, mas tem nossa casa um: Estamos conce fazer um bori que passa por três pontos", d ra, salientand timos tem "bc lança, um b mático lxxxb que dão muit de" ao jogo. No Maritir Joel é a prin avançado ca problemas Madeira, ap seleção, e e teontem. U fez com qu não o integ cados. • xx

BOAVISTA "A questão estratégica é muito importante"

Jorge Simão, treinador do Boavista, desvalorizou o mau momento que o Sporting atravessa, considerando que seria "um erro gravíssimo" pensar que existe "igualdade de forças", admitindo, ainda, que a abordagem da equipa axadrezada "está dependente da força com o que o Sporting vai entrar em campo". O técnico não esclareceu se pode contar com os quatro jogadores em dúvida, assumindo que "a questão estratégica é muito importante na preparação dos jogos" e explicando que, por vezes, compara o futebol a um "jogo de xadrez", para não expor o plano ao adversário.

MÁRCIA SOARES

Anexo 2: Antevisão do técnico Jorge Simão

“Defesa do Feirense valoriza ainda mais a nossa vitória”

SÉRGIO CONCEIÇÃO Entre lesões e castigos, o Feirense apresentou-se no Estádio do Dragão com sete baixas, mas mesmo assim, e apesar da derrota, continua com a defesa menos batida do campeonato. O treinador portista aproveitou esse dado do adversário para injetar uma boa dose de confiança nos azuis e brancos.

“Jogámos perante um adversário que se organiza muito bem defensivamente, toda a gente trabalha muito e bem, o que vem dar ainda mais valor à nossa vitória”, realçou Sérgio Conceição, prosseguindo, depois, com um reparo à arbitragem. “Acho que é melhor deixar andar e depois assinalar a infração, caso ela exista”.

O primeiro golo acabou por sair de um lance vistoso de laboratório, que mereceu uma análise técnica. “Estas



Sérgio Conceição reforçou a competência da equipa

situações são trabalhadas de forma a que, em jogos difíceis, possamos tirar vantagem”, esclareceu o treinador do F. C. Porto, admitindo, depois, que, nesse lance, “é possível” que Felipe “esteja fora de jogo”.

O tento da tranquilidade surgiu já nos últimos dez minutos da segunda parte, por Marega. O maliano saiu

logo depois e foi abraçado por Sérgio Conceição. O regresso à liderança estava consumado. “As equipas estão todas juntas, há muito campeonato pela frente. Estamos na corrida. Somos uma equipa competente, com balneário fantástico”, rematou já de olhos postos no Varzim, para a Taça da Liga. ● MÁRCIA SOARES

“Não saio satisfeito... não levámos pontos”



NUNO MANTA SANTOS Para o técnico do Feirense sair sem pontos do Dragão foi o lado negativo do jogo.

“Não saio satisfeito, porque não levámos pontos. Em termos de personalidade que queria que a equipa apresentasse, estivemos à imagem dos outros jogos. Mostrámos cultura Feiren-

se, que assenta nos princípios defensivos. Sofremos, não era o que pretendíamos”, frisou Manta Santos.

“A equipa fez um jogo bom, falhou aqui e ali na organização defensiva, mas jogámos contra um adversário que é forte no processo ofensivo e que coloca muitos homens em zonas de finalização. Fizemos um jogo positivo, embora não tenhamos garantido nenhum ponto”, acrescentou.

O Feirense já vai em quase 500 minutos sem marcar um golo, mas Nuno Manta Santos disse não estar preocupado: “Preocupava-me se não criássemos situações de finalização, hoje [ontem] criámos, mas não conseguimos marcar. O golo vai aparecer”, concluiu. ● M.S.

JOGADORES



Óliver Torres
Médio do F.C. Porto

“A equipa entrou bem e correu como queríamos. Tenho jogado e tento fazer o melhor. Estou feliz”



Edinho
Avançado do Feirense

“Não colocámos o autocarro e entrámos bem. Travámos o F. C. Porto até ao golo, que suscita dúvidas”

LIGA



RESULTADOS

Nacional	0 - 1	Portimonense
V. Guimarães	1 - 1	Braga
Aves	1 - 2	Santa Clara
Rio Ave	1 - 0	Chaves
Belenenses	2 - 0	Benfica
Moreirense	1 - 0	Marítimo
Tondela	1 - 2	V. Setúbal
F. C. Porto	2 - 0	Feirense
Sporting	3 - 0	Boavista

CLASSIFICAÇÃO

	P	J	V	E	D	P.C.
1 F. C. Porto	18	8	6	0	2	18-6
2 Braga	18	8	5	3	0	17-8
3 Benfica	17	8	5	2	1	15-7
4 Rio Ave	17	8	5	2	1	13-8
5 Sporting	16	8	5	1	2	14-8
6 Santa Clara	14	8	4	2	2	16-12
7 V. Setúbal	11	8	3	2	3	10-8
8 V. Guimarães	11	8	3	2	3	13-12
9 Belenenses	10	8	2	4	2	6-7
10 Portimonense	10	8	3	1	4	11-15
11 Marítimo	10	8	3	1	4	6-10
12 Moreirense	10	8	3	1	4	6-13
13 Feirense	9	8	2	3	3	4-5
14 Boavista	7	8	2	1	5	8-14
15 Chaves	7	8	2	1	5	7-13
16 Tondela	6	8	1	3	4	7-9
17 Nacional	5	8	1	2	5	6-16
18 Aves	4	8	1	1	6	7-13

* Liga das Campeões
*1 Pré-eliminatória L.E. *2 Pré-eliminatória L.E.
* Decisão de divão

GOLEADORES

Nani	Sporting	5
Dyego Sousa	Braga	5
Aboubakar	F. C. Porto	4
Pizzi	Benfica	4
Wilson Eduardo	Braga	4
Ricardo Horta	Braga	4
Nakajima	Portimonense	4
Vinícius	Rio Ave	3
Rochaz	Nacional	3
Rafa	Benfica	3

FORA DE JOGO

JOGADORES EXCLUÍDOS DA PRÓXIMA JORNADA

Derley Aves
Fernando Santa Clara
David Simão Boavista



PRÓXIMA JORNADA

Benfica	-	Moreirense
02/11 - 20.30 HORAS - BTV		
Portimonense	-	Belenenses
03/11 - 15.30 HORAS - SPORTTV		
Marítimo	-	F. C. Porto
03/11 - 18.00 HORAS - SPORTTV		
Boavista	-	V. Guimarães
03/11 - 20.30 HORAS - SPORTTV		
Feirense	-	Tondela
04/11 - 15.00 HORAS - SPORTTV		
Santa Clara	-	Sporting
04/11 - 17.30 HORAS - SPORTTV		
Braga	-	V. Setúbal
04/11 - 20.00 HORAS - SPORTTV		
Rio Ave	-	Nacional
05/11 - 19.00 HORAS - SPORTTV		
Chaves	-	Aves
05/11 - 21.15 HORAS - SPORTTV		

Determinação azul e branca abate russos

F. C. Porto vence no Olival Lokomotiv de Moscovo (2-1) e divide a liderança do Grupo D

F. C. Porto	2
Lokomotiv	1

LIGA JOVEM DA UEFA O F. C. Porto impôs-se, em casa, ao Lokomotiv de Moscovo, por 2-1, na quarta jornada do Grupo D da Liga Jovem da UEFA, e passou a repartir o comando com os russos e com os turcos do Galatasaray, que venceram, fora, o Schalke (2-1).

No Olival, não estavam cumpridos 10 minutos quando o árbitro assinalou uma mão de Angel Yesid na grande área, após um livre. O guarda-redes Francisco Meixedo não tremeu e parou o penalti de Petrov, dando alento à equipa para se desinibir e arriscar mais. Só faltou afinar a pontaria.

Na segunda parte, com a entrada de Vítor Ferreira, o futebol portista ganhou maior definição. Aos 49 minutos, Levi Faustino, de cabeça, desviou para a baliza um livre da direita de Paulo Estrela. Pouco depois, Vítor desmarcou Fábio Silva, este correu para a área e serviu João Mário para o 2-0, vantagem que os azuis e branco já justificavam. Em cima dos 90, Lapshov aproveitou um deslize da defesa local e reduziu. ● SUSANA SILVA



Levi festeja o primeiro

F. C. PORTO Francisco Meixedo; Tiago Matos, Pedro Justiniano, Levi Faustino e Diogo Bessa; Angel Yesid (Gonçalo Borges, 76), Paulo Estrela, Boris Enow e João Mário (Rodrigo Valente, 68); Fábio Silva (Juan Perea, 85) e Romário Baró (Vítor Ferreira, 46)
Treinador Mário Silva

LOKOMOTIV Vitali Botnar; Artur Cherny, Artem Giurdzhan (Nikita Sharkov, 58), Ivan Lapshov e Nikolai Poyarkov; Nikolai Tirkov (Ruslan Kul, 80), Stanislav Magkeev e Maksim Petrov; Vladislav Karapuzov; Timur Suleimanov e Dzambolat Tsaligov (Nikita Iosifov, 56)
Treinador Aleksandr Katasonov

LOCAL Centro de treinos do Olival, em Gaia.
ÁRBITRO Robert Hennessy (Irlanda).

AO INTERVALO 0-0 **GOLOS** Levi Faustino (49), João Mário (61) e Ivan Lapshov (90)
AMARELOS Angel Yesid (9), Levi Faustino (19), Ivan Lapshov (26), Paulo Estrela (35), Nikolai Poyarkov (86), Tiago Matos (88), Timur Sumeilianov (90+1) e Boris Enow (90+1)

GRUPO D

RESULTADOS

F. C. Porto	2 - 1	Lok. Moscovo
Schalke 04	1 - 2	Galatasaray

CLASSIFICAÇÃO

	P	J	V	E	D	F-C
1 Lok. Moscovo	7	4	2	1	1	4-3
2 F. C. Porto	7	4	2	1	1	8-5
3 Galatasaray	7	4	2	1	1	7-4
4 Schalke 04	1	4	0	1	3	1-8

PRÓXIMA JORNADA 28-11-2018

F. C. Porto	-	Schalke 04
Lokomotiv Mosc.	-	Galatasaray

Dragões deitam tudo a perder no quarto período

Portugueses permitem reviravolta húngara

Alba Fehervar	72
F. C. Porto	70

BASQUETEBOL O F. C. Porto perdeu por dois pontos (72-70) no reduto dos húngaros do Alba Fehervar, em jogo da quarta jornada do Grupo F da Taça da Europa de basquetebol. Os dragões entraram bem no encontro e chegaram ao intervalo a vencer por uma diferença de 12 pontos (36-48).

Porém, os anfitriões reagiram na segunda metade do jogo e a equipa portista cedeu no último período, marcando apenas 12 pontos contra os 19 dos húngaros, permitindo a reviravolta.

Apesar da boa exibição do norte-americano Will Sheehy, autor de 16 pontos, seis ressaltos e três assistências, a equipa de Moncho López somou mesmo a terceira derrota na prova e segue no terceiro posto com cinco pontos. ● MÁRCIA SOARES

ALBA FEHÉRVAR Jacobi Boykins (5), Kyron Cartwright (3), Rodney Bullock (2), Péter Tóth, Iván Keller (7), Márkó Filipovity (12), Jordan Heath (15), Péter Lóránt (12), Allenik Freeman (16)

Treinador Branislav Džunić

F. C. PORTO Vladislav Voytso, Pedro Pinto (13), António Monteiro (2), Miguel Queiroz (2), Toni Prostran (8), Ferran Ventura, William Sheehy (16), João Soares (11), Diogo Araújo, Boris Barac (10), Sasa Borovnjak (8)

Treinador Moncho López
LOCAL Alba Regia Sportcsarnok, na Hungria
POR PERÍODOS: 18-21, 18-27, 17-10 e 19-1



Simulacros obrigatórios de dois em dois anos

- Carlos Carvalho
- Cargo: Diretor de Segurança

1 A EFICÁCIA conjunta dos meios técnicos com os meios humanos é a prioridade do diretor de segurança do Dragão. "Temos vigilantes em permanência e a sala GTE (gestão técnica do edifício) é a única que funciona 24 horas por dia no estádio. Ai, são monitorizados também o Dragão Caixa e o Museu, embora com planos individuais de segurança", afirma Carlos Carvalho, sublinhando o facto de o sistema de videovigilância CCTV estar preparado para "lidar com qualquer ocorrência" que possa surgir. "Até agora, não tivemos situações reais de verdadeiro risco, mas de dois em dois anos é obrigatório fazer simulacros que nos preparam para tudo".



Referência no uso de energia e de sustentabilidade

- Teresa Santos
- Cargo: Responsável pela Gestão Ambiental

2 CONSIDERADO pela UEFA como um estádio de nível "cinco estrelas" logo na inauguração, o Dragão tornou-se uma referência de sustentabilidade, distinguido em 2003 pela Comissão Europeia (prémio Greenlight), em 2010 pela Associação Europeia de Clubes (ECA), no âmbito das boas práticas ambientais, e em 2017 pela EDP, graças à eficiência energética das instalações. "Temos pontos estratégicos para recolha, separação e tratamento de resíduos", diz Teresa Santos, responsável pela Gestão Ambiental, salientando as "boas práticas" no consumo de água e luz. A campanha de recolha de pilhas usadas é uma das iniciativas de sucesso do último ano.

Monitorização dos equipamentos em sala "big brother"

- Marco Paiva
- Cargo: Responsável pela Manutenção

3 O ESTÁDIO do Dragão é dominado à distância na sala GTE, onde todos os equipamentos são monitorizados, os sistemas de climatização são programados, os acessos aos elevadores são controlados e a iluminação é gerida (à exceção da zona do relvado). É o coração do sistema CCTV, alimentado por 200 câmaras. "Em dia de jogo, a monitorização também é feita aqui, mas, noutra local, há uma réplica desta sala em que conseguimos visualizar o relvado completo e toda a

Luz artificial para manter qualidade do relvado

- José Afonso Pereira
- Cargo: Responsável da RED pelo relvado

4 TODOS os dias, uma equipa de 12 pessoas faz o tratamento da relva do Dragão, que se torna mais intensivo nos dias que antecedem jogos como os da semana passada, com chuva abundante no Porto. Nos últimos três anos, o trabalho é complementado com máquinas de luz artificial, que tentam imitar a luz solar, obrigando a planta a continuar a fazer a fotossíntese durante a noite. "O objetivo é manter a densidade da relva, sobretudo nos meses de dezembro e janeiro. An-



Os momentos mais marcantes

- 16 novembro de 2003 Inauguração do Dragão, que substituiu o mítico Estádio das Antas.
- 07 fevereiro de 2004 Primeiro jogo oficial, no qual o F. C. Porto vence a União de Leiria (2-1).
- 25 fevereiro de 2004 Primeiro encontro da Champions, com vitória portista sobre o gigante Manchester United (2-1).
- 21 abril de 2004 50 818 adeptos assistem à meia-final da Champions, frente ao Corunha (0-0), a maior enchente registrada no recinto.
- 12 junho de 2004 Jogo inaugural do Euro 2004, no qual Portugal perde com a Grécia (1-2).
- 10 maio de 2009 F. C. Porto sagra-se tetracampeão nacional, ao vencer o Nacional (1-0).
- 07 novembro de 2010 Para a história ficam os 5-0 do F. C. Porto ao Benfica, maior goleada de sempre em jogos do campeonato com as águias.
- 28 abril de 2011 Vitória dos dragões sobre o Villarreal (5-1) que quase carimbou a presença na final da Liga Europa.
- 11 maio de 2013 O famoso minuto 90+2 de Kelvin e o golo que bateu Benfica, embalando os portistas para a conquista do título.
- 06 maio de 2018 Após quatro épocas de jejum, o F. C. Porto celebra a conquista do 28.º título nacional, com vitória sobre o Feirense (2-1).

Anexo 5: Os dez momentos mais marcantes desde a inauguração do Estádio do Dragão.



SEMÁFORO

por *Álvaro Gonçalves*



Marcel Keizer

É certo que o adversário não era temível, mas o Sporting cumpriu com sucesso a missão de vencer o Qarabag, no Azerbaijão, e assegurar o acesso aos 16 avos de final da Liga Europa. Uma goleada e bom futebol. Promete.



Luís Filipe Vieira

O presidente do Benfica admitiu que Rui Vitória esteve para ser despedido, mas, após um "feeling", chamou a si a responsabilidade de manter o treinador contra a vontade de muitos benfiquistas. Uma aposta arriscada.



Pedro Martins

O Olympiacos está em apuros na Liga Europa. A equipa grega foi derrotada pelo Bétis e para seguir em frente terá de vencer em casa, na última jornada, o Milan com um resultado que cubra a derrota da primeira volta, por 3-1.

Jardel tira o chapéu a Moussa Marega

Antigo avançado regressou ao clube que representou durante quatro épocas, mas desta vez como adepto



Jardel e o filho com a camisola de Telles, em frente a uma primeira página especial

Márcia Soares e Nuno Barbosa
desporto@jn.pt

EMPRESÁRIO

Goleador quer "apresentar um novo Jardel"

Depois de 168 golos de dragão ao peito, "Super-Mário" está agora concentrado noutras aventuras, que o trouxeram a Portugal. Depois de uma passagem pela política, Jardel está de regresso ao futebol, iniciando a carreira de agente de jogadores. "Estou à procura de jogadores para clubes e espero que um dia vocês possam saber que aquele jogador foi o Jardel que indicou". O brasileiro deseja, ainda, que o futebol português lhe possa dar a oportunidade de um dia "apresentar um novo Jardel". Se o conseguir, certamente que será bem-vindo. Por agora, o ex-avançado vai continuar por cá, e depois de amanhã marcará presença no Bessa para assistir ao dérbi da Invicta entre o Boavista e o F. C. Porto.

REENCONTRO Durante duas épocas Sérgio Conceição e Mário Jardel partilharam o terreno de jogo, com o atual treinador portista a cruzar para Jardel cabecear. Vinte anos depois, a história mudou, e o artilheiro elogia o antigo companheiro. "O Sérgio preparou-se e entrou na equipa no momento certo. Está a fazer um excelente trabalho", enalteceu o brasileiro, que viu o jogo de anteontem com o Schalke, no Dragão, e acredita que o F. C. Porto pode, este ano, "entrar mais uma vez para a história do futebol português e mundial".

Ao lado de outros históricos do clube como Vítor Baía, João Pinto e o bibota Fernando Gomes, o ex-avançado assistiu a mais uma grande noite europeia, tendo a oportunidade de ver Moussa Marega aproximar-se de um recorde que lhe pertence. O maliano marcou pelo quarto jogo consecutivo na Liga dos Cam-

peões e está agora a um golo de igualar o feito do brasileiro, alcançado na época de 1999/2000. Ora, perante isto, "Super-Mário" desfez-se em elogios ao avançado portista: "Tenho de tirar o chapéu ao Marega. Espero sinceramente que ele continue assim até ser o artilheiro da Champions, como eu fui com 10 golos".

Depois de tantas épocas ao mais alto nível –pendurou as botas em 2011 –, Jardel, agora com 45 anos, admite que ainda sente vontade de entrar em campo, mas "o metabolismo mudou". Dar trabalho às defesas adversárias está agora entregue a outros protagonistas que, na sua opinião, estão a dar bem conta do recado. "O Marega e o Tiquinho estão a fazer a diferença, mas todo o conjunto é muito bom", explicou Jardel que no Estádio do Dragão viu "uma equipa muito sólida com um bom treinador e com jogadores obedientes".

A antiga máquina goleadora espera ver os oitavos de final, para transmitir "energia" à equipa. "Sou pé quente", lembrou. ●

Anexo 6: Notícia com base na entrevista realizada a Jardel.

A tradição ainda é o que era em Paranhos

Atletismo Mais um ano, mais uma edição da prova organizada pelo Sport Comércio Salgueiros, que celebrou, ontem, o 107.º aniversário

Márcia Soares
desporto@jn.pt

PORTO Dez da manhã e a rua habitualmente percorrida por universitários é invadida por mais de três mil atletas, preparados para correr a mais antiga prova da Região Norte. Como já é habitual, a Volta a Paranhos, que ontem cumpriu a 61.ª edição, incluiu também uma caminhada de quatro quilómetros para pais e filhos.

Uns apenas pelo convívio, outros pela competição, os corredores percorreram 10 km até verem a meta, sempre com os familiares por perto a aplaudir e incentivar. “Força!”, “Vamos!”, ouvia-se sem parar.

Fábio Oliveira participou pela primeira vez e não podia ter melhor estreia, já que venceu a corrida! “Adorava voltar cá para o ano e tentar ganhar outra vez”, confessou, de medalha ao peito, o atleta do ACD Vilar de Andorinho.

A Volta a Paranhos é, também, uma volta de causas, como, por exemplo, o grupo liderado por Anselmo Silva, que viu neste evento uma oportunidade de sensibilização. “Sob o lema ‘Atenção ao peão’ queremos sensibilizar os corredores que também são condutores para os cuidados que têm de ter na estrada, onde de três em três



A lendária Aurora Cunha entre os mais de três mil atletas que correram na Invicta

dias morre uma pessoa atropelada”, explicou o atleta, exibindo a camisola da iniciativa. Já Álvaro Silva, de 71 anos, decidiu correr vestido de Pai Natal. Participante há 32 anos, o septuagenário deu o exemplo aos mais novos: “Temos de incentivar as crianças para estas iniciativas, porque o desporto é fundamental para a saúde”.

No final, a máxima de que os últimos são os primeiros ficou patente na chegada de Pedro Lima, invisual, que cruzou a meta e prometeu voltar no próximo ano. ●

FUTURO

Presidente do Salgueiros confirma novo estádio em dia de aniversário

Os 107 anos do Sport Comércio e Salgueiros tiveram direito a um presente claramente à altura do momento. A Câmara Municipal do Porto presenteou o histórico clube com a cedência do Complexo Desportivo de Campanhã e as perspectivas de futuro são de renovação. “Será uma cedência por 20 anos. É um passo importante para nós, que nos permite sonhar com novos objetivos”, disse, ao JN, o presidente do Salgueiros, Silvestre Pereira. Para comemorar a data, mais de 300 adeptos e simpatizantes marcaram presença na gala, realizada, ontem, na Quinta do Vieira, em Paranhos. R.R.C.

D+

SEMAFORO

por **Alvaro Gonçalves**

Amador conquista S. Silvestre do Porto

António Pedro Rocha bate, ao sprint, o superfavorito Rui Pedro Silva. Cerca de 10 mil atletas a correr na Invicta



Sérgio Conceição

A vitória sobre o Beirenenses permite ao F. C. Porto manter-se em todas as provas e também estabelecer um novo recorde de vitórias consecutivas no clube (16). Sérgio Conceição fecha com chave de ouro um ano muito positivo para os dragões.



Ângelo Neto

O médio cumpre a terceira temporada no Moreirense e esta época foi utilizado em 15 jogos, tendo sido titular em dez. Apesar de ser uma peça importante, está em final de contrato e a partir de amanhã pode negociar com quem quiser.



Facundo Ferreyra

Fim à vista para o avançado no Benfica. O argentino chegou à Luz como goleador de créditos firmados, mas vai sair sem deixar saudades nos adeptos... e em jogadores como Pizzi e Jonas, com quem travou um autêntico duelo de egos.



A alegria de António Pedro Rocha, ao cortar a meta à frente de Rui Pedro Silva



Dez mil correram 10 km; cinco mil na caminhada



Sara Moreira vitoriosa

Márcia Soares
desporto@jn.pt

S. SILVESTRE Sob as luzes natalícias, no coração da Invicta, dez mil correram apoiados por milhares de pessoas, que se deslocaram até à Avenida dos Aliados, num frio final de tarde, para assistir à mítica corrida de fim de ano. E que corrida!

Contra todas as expectativas, António Pedro Rocha, da equipa S. Salvador do Campo, destronou o grande favorito, Rui Pedro Silva, batendo o oito vezes vencedor da prova num sprint em cima da meta. O atleta ama-

dor que "sonhava desde sempre com este dia", após ter desistido em 2017, definiu a vitória como "o ponto mais alto" da ainda curta carreira ao mais alto nível.

No setor feminino, Sara Moreira, do Sporting, superou-se às restantes atletas, alcançando a quarta vitória na prova portuguesa, igualando o recorde de Fernanda Ribeiro.

Enquanto uns lutavam pelas medalhas, outros corriam os 10 quilómetros por diversão. É o caso de "Fredo", o pinheirinho luminoso de Natal, que se tentou intrometer na frente da par-

tida, mas sem sucesso, já que a preparação deste participante foi bastante especial. "Treinei muito para estar aqui, só que o meu treino foi diferente. Foi ali a beber cervejas", brincou.

Do outro lado da Avenida, cinco mil pessoas, vestidas a rigor, participaram na caminhada de cinco quilómetros, para entrarem em 2019 numa boa forma física. Completados os 25 anos, Jorge Teixeira, diretor do Runporto, deixou uma promessa: "A partir de hoje, iniciaremos um novo ciclo rumo aos 50 anos de S. Silvestre do Porto".

ZONA MISTA

Empate entre Jesus e Pedro Emanuel

ARÁBIA SAUDITA O Al Taawon, de Pedro Emanuel, derrotou ao Al Hilal no campeonato, 90 minutos das compensações. Botta fez o 2º ponto à equipa de Jorge Jesus, que conquistou dois treinadores portugueses acabaram por...



Mudanças à vista para o F. C. Porto

AVES Com o trinco El Adoua ainda ausente, por estar a negociar a mudança para o futebol árabe, José Mota poderá ter que voltar a usar o brasileiro Falcão (na foto) na posição mais recuada do meio campo na recepção ao F. C. Porto, quinta-feira. Entretanto, o plantel regressa hoje ao trabalho. 12x2.



Marado apoio

RACISMO do Nair apoia o alvo de por parte Inter, bem, guel e tar cânt de: cre

Portugal perde frente a Espanha

VOLEIBOL Portugal perdeu com a Espanha, por 3-0, num jogo de preparação para a qualificação para o Europeu. A turma espanhola dominou o duelo ibérico, disputado em Madrid, tendo ganho pelos parciais de 30-28, 25-17 e 25-20. A Seleção Nacional volta a jogar a 6 de janeiro frente à Croácia. 1x1.

MARCADORES

FUTEBOL - A. F. Aveiro - 2ª Divisão (Jornada 13) - Zona Norte - Lara-Ferreira 1-1; Romariz-Ferrelense, 2-1; S. Roque-Sampão, 2-1; Lobão-Rio: Nogueiras (05/03); Santos-Neg. Regourela, 2-2; Caldas S. Jorge-Vila Verde (05/03); Macieira-Cambrás-Rio: Viegas, 3-2; Esc. Rui Dória-Milheiroense (05/03); Real Nogueirense-Martinho, 4-2; Zana Sal - Vaguetense-L.A. (05/03); Luso-Aguas Santas, 4-1; Penafiel-Beira-Mar (05/03); Aguiar-Mamarrós (05/03); Cabalo-Sousense, 1-0; Santo André-Paranhos Bairro (05/03); B. Valonguense (05/03); Ponte Vaguetense 5-4; Suresense, 0-4; Montemor-Carvalho, 3-0.

A. F. Braga - Divisão Pré-Nacional (Jornada 17) - Pevadim-S. Paulo, 5-0; -Porto G. Ave. 0-1; Amaro-João, 1-1; -Santa Estrela, 2-3; Cabreiros-Expone 2-1; Arelis-Berço, 1-0; Ribeiro-Brito

Divisão De Honra (Jornada 9) - S. S. Sacadão-Amigos Unidos, 2-2.

1.ª Divisão (Jornada 2) - Série D - Mosteiro, 2-0; Gandarela-Região A. F. Coimbra - 1.ª Divisão (Jornada 2) - Os Águia-Ribeiroense, 2-0.

A. F. Leiria - 1.ª Divisão - Jornada 8 - Marinhense B-Valeiros, 3-1 (19 m. interrompido aos 50 m. por...

Anexo 8: Reportagem S. Silvestre no Porto.



Anexo 9: Capa do *Jornal de Notícias* com várias notícias desportivas na ordem do dia.



Anexo 10: Capa do *Jornal de Notícias* no único dia em que não figurou um destaque sobre futebol, destacando-se uma reportagem no domínio do andebol.

771 | Sábado, 27 de Maio de 2017 | 1.ª Edição | Preço: €1,20 | Jornal de Notícias | 17 de Maio de 2017

JN

Jornal de Notícias

DRAGÃO DE OURO

Vitória do F.C. Porto na Tuzquis (8-2) iguala recorde de pontos na Liga dos Campeões



Hospitais voltam a recusar operação a Rodrigo

Médico de elite recusa-se a operar o menino de 10 anos



Berlín. Jogo com AEK vale pelos três milhões

Marcelo, Costa e Rio criticam governo dos carmelinos

Atoriza medidas para desarmar grupos armados

Grupo de cabeleireira suspeito de desviar milhões para offshore

Salões de Inês Pareira alvo de buscas da Autoridade Tributária e da PSP por alegado esquema de contabilidade paralela

Terá recorrido a testas de ferro para retirar dinheiro do país e fugir ao pagamento de impostos durante cinco anos

Formação da GNR nas mãos de "jovens imaturos"

Avaliação da formação dos novos agentes

Corrupção e tempestas na Inspeção de Finanças

Críticas ao trabalho da entidade reguladora

Bispo de Viseu nega paróquia ao seu antecessor

Reclamação de um sacerdote

Franga viola regras para evitar "colétes amarelos"

Críticas ao comportamento do ministro

Parabéns, senhor presidente

Diplomata de 70 anos de carreira, António Costa assume o cargo de primeiro-ministro



Deputados portugueses fechados em Estrebunburgo após ataque terrorista

Quatro detidos em conexão com o atentado



Anexo 11: A vitória do F.C. Porto é a notícia de destaque do dia noticioso.

Anexos 2

Entrevista a Norberto Lopes (Jornalista Jornal de Notícias)

Há quantos anos é editor no Jornal de Notícias?

Editor principal desde maio do ano passado. Foi editor adjunto entre abril de 2017 até maio de 2018.

Como seleciona o espaço que cada desporto vai ocupar?

Privilegiamos sempre as modalidades coletivas e as modalidades de pavilhão, ou seja, as modalidades a que damos um espaço mais nobre é sempre, o Futsal, o Hóquei em Patins, o Andebol, o Basquetebol e, depois o Andebol. Em relação às modalidades individuais, a periodicidade destas é diferente, porque enquanto nas modalidades de pavilhão há praticamente todos os fins-de-semana provas, nas modalidades individuais a periodicidade de competição é menor. Portanto, significa que o espaço que damos não é tão grande do que em relação às modalidades de pavilhão. Por outro lado, damos espaço à Fórmula 1 e ao Moto GP por causa do Miguel Oliveira, que este ano subiu de escalão em termos competitivos. Assim, o espaço é fundamentalmente em função destas modalidades, sobretudo ao fim-de-semana, ao sábado e domingo, que é quando há competição.

Quando o espaço é ainda mais reduzido como é feita a seleção?

Procuramos dar sempre espaço a estas que referi, mas não havendo espaço para todas privilegiamos outras. Quando um dos “três grandes” compete nestas modalidades, procuramos dar mais espaço a elas porque envolve clubes que têm mais adeptos, o que tem como consequência um maior interesse competitivo. A seleção é muito por aí, mas de uma forma geral, as edições de domingo e segunda-feira contemplam sempre estas modalidades, caso haja competição delas. Sai sempre qualquer coisa sobre elas, por pouco que possa ser.

Quais os critérios adotados nessa seleção?

Essencialmente, a presença em prova de um dos “três grandes”, devido ao número de apoiantes que reúnem.

A hegemonia do futebol é evidente nesta secção. Porque é que é a modalidade mais propícia a ser notícia?

O Futebol porque é a modalidade que tem mais adeptos e que gera mais curiosidade entre as pessoas, mais interesse, e onde se calhar o acesso à informação é mais fácil do ponto de vista noticioso. Aliás se analisarmos o que é o futebol, um estádio tem em média dez, quinze mil pessoas, e esta média em modalidades é impossível num pavilhão. O futebol é um desporto que

por si só suscita mais curiosidade e mais interesse. Digamos que isto é um pouco o senso comum e o que é o interesse das pessoas e dos leitores.

E dentro do futebol, entre os clubes, como explica o destaque editorial de uns sobre outros?

Em relação ao *Jornal de Notícias* nós procuramos dar mais ou menos o mesmo espaço aos “três grandes”- Porto, Benfica e Sporting- e depois há dois clubes que aparecem logo na segunda linha, o Braga e o Vitória de Guimarães porque são dois clubes que se enquadram dentro de uma área geográfica que é o nosso target em termos de venda de jornal. Portanto, o *JN* é um jornal nacional, mas é um jornal de grande expansão no norte, no grande Porto mas também no Minho, onde se encontram estes dois clubes. São dois clubes também que têm também bastantes adeptos, logo a seguir aos “três grandes”. Depois diariamente nós também publicamos notícias de outros clubes, embora em formato reduzido que é aquilo a que chamamos as breves, praticamente de todos os clubes da liga, com exceção do Vitória de Setúbal, do Portimonense, do Belenenses e dos três clubes das ilhas- Nacional, Marítimo, Santa Clara- porque são clubes que fogem àquilo que é a nossa área geográfica em termos de implantação do jornal. No entanto, quando estes clubes jogam ao fim-de-semana nós procuramos dar o mesmo espaço em relação aos outros, em termos de crónicas de jogo. Basicamente o que conta é o fator da *proximidade* em relação aos clubes e àquilo que é o nosso target do jornal e em termos das nossas vendas.

A seguir ao futebol, quais as duas principais modalidades que se destacam?

O Hóquei em Patins porque é uma modalidade em que Portugal tem fortes tradições, por ser uma modalidade que suscita muita curiosidade por parte dos adeptos e é uma modalidade em que as equipas portuguesas em provas internacionais normalmente conseguem bons resultados. E a prova disso é que a Liga Europeia este ano tem várias equipas portuguesas em prova e o campeão europeu até pode ser ganho por uma equipa portuguesa. A segunda modalidade será mesmo o Futsal porque em termos de distribuição de importância aparece logo a seguir ao Hóquei em patins, porque é uma modalidade que tem cada vez mais interesse do ponto de vista dos adeptos e é uma modalidade que em Portugal tem tido sucesso. A prova disso é que ganhamos recentemente uma prova internacional em futsal, temos o melhor jogador do mundo e é uma modalidade em que o Benfica e o Sporting apostam forte, havendo uma grande rivalidade entre eles, o que faz com que apimente mais o interesse pela modalidade. O Hóquei e o Futsal são as modalidades com maior interesse para nós. Depois, em termos de distribuição de espaço é difícil encontrar uma segunda linha, para as restantes. Entre o Basquetebol e o Andebol, é um bocado ela por ela. O Voleibol aparecerá em último porque é uma modalidade que não suscita tanto interesse em si, pela própria competição em si onde não há muito contacto.

Que critérios de noticiabilidade adota, normalmente, para explicar o destaque das duas modalidades em detrimento das outras?

Essencialmente o interesse dos adeptos e a aposta por parte dos clubes portugueses em cada uma delas, possibilitando a disputa de provas internacionais.

No Ataque há uma necessidade em abordar temas extra futebol? Como é que divide essa secção?

O Ataque é um produto em que o critério da *proximidade* está muito enraizado, porque nós fazemos coisas que mais nenhum jornal nacional faz. A prova é que temos o desporto juvenil, em que 95% das vezes é dedicado às modalidades. Neste momento só fizemos um clube de futebol, o Leixões. Tudo o resto está dedicado às modalidades e modalidades cujos praticantes são jovens e crianças. Temos uma página fixa em relação às modalidades, distribuída pelas modalidades de pavilhão e pelo desporto motorizado. No desporto motorizado procuramos dar enfoque à Fórmula 1, ao Motociclismo e agora à Fórmula E porque temos um português a competir que é o Félix da Costa. O Ataque quanto às modalidades resume-se a isto: Desporto Juvenil e uma página distribuída pelas modalidades e pelo desporto motorizado.

Álvaro Gonçalves (Jornalista Jornal de Notícias)

Há quanto tempo trabalha no Jornal de Notícias?

Estou no Jornal de Notícias há um ano, desde junho de 2018.

Desde que chegou ficou logo encarregue de tratar, maioritariamente, das modalidades?

Sim. Desde o primeiro dia que escrevo sobre modalidades, sejam elas coletivas ou individuais. Podemos dizer que foi um pelouro que me entregaram e que estava estabelecido aquando da minha contratação. Mas, claro, escrevo também sobre futebol.

Prefere acompanhar as modalidades ou o futebol?

É impossível dizer que há uma preferência. Isto porque o universo do futebol é por norma mais fechado. Há menos contacto com os protagonistas, nomeadamente jogadores e treinadores, e nas modalidades ditas amadoras isso não acontece. Há uma proximidade maior entre jornalistas e atletas nas modalidades, o que é ótimo. No entanto, o futebol tem outra visibilidade que as modalidades não têm. Pessoalmente, não tenho preferência porque desde o início da carreira que fiz as duas coisas. Já estive numa final europeia em futebol e foi fantástico, assim como já estive numa final europeia em modalidades e o sentimento foi exatamente o mesmo. A sensação

de escrever sobre um momento que sabemos que é histórico é única, seja no futebol ou nas modalidades.

Quais as duas modalidades que se destacam no jornal?

No caso específico do Jornal de Notícias, o hóquei em patins e o andebol são as modalidades que mais se evidenciam. Não é uma escolha editorial, mas sim uma questão do bom momento que as duas modalidades atravessam atualmente.

Que razões encontra para explicar a hegemonia das modalidades rainhas de pavilhão em detrimento das modalidades individuais?

Não concordo que haja uma hegemonia das modalidades de pavilhão sobre as modalidades individuais. Depende do prisma por que analisarmos. Se for pelo espaço temporal, concordo que as modalidades de pavilhão têm mais visibilidade. Mas isso acontece porque as épocas são mais longas, ou seja, têm uma duração maior. Por exemplo, uma temporada no andebol, basquetebol, hóquei em patins, futsal ou voleibol duram cerca de nove meses. Praticamente o mesmo tempo do futebol e isso faz com que apareçam mais vezes no jornal. No caso das modalidades individuais isso não acontece. A maioria das competições realiza-se no verão e nessa altura têm espaço mediático. Acontece na canoagem, que tem várias etapas da Taça do Mundo a decorrer na Primavera/Verão e que são noticiadas, o ciclismo, que tem várias voltas clássicas, como o Giro, o Tour ou a Volta a Portugal, o atletismo, que tem os Mundiais ou os Europeus normalmente no verão. Mas há outros exemplos. Agora, se formos a analisar pelo prisma dos leitores, é verdade que há mais interesse nas modalidades de pavilhão. Acredito que sim porque há clubes envolvidos e a clubite em Portugal é bastante valorizada. Admito que as pessoas sigam mais os campeonatos das modalidades, mas essas mesmas pessoas sabem também que o Fernando Pimenta, por exemplo, é um craque e que coleciona medalhas na canoagem mundial e é um desporto individual. Em suma, penso que as modalidades coletivas e individuais têm o seu espaço no jornal e nenhuma se sobrepõe à outra porque têm o seu pico em momentos diferentes no ano.

Raramente as modalidades têm chamada na primeira página. Como vê isso?

Penso que as modalidades têm chamadas à primeira página quando se justifica. Podem não ser manchete, o que é difícil num jornal generalista como é o Jornal de Notícias, mas têm chamada à primeira página. Admito que quem seja do meio das modalidades entenda que devia ser assunto de primeira página mais vezes, mas isso é o que acham sempre os agentes das respetivas áreas. No caso do Jornal de Notícias, acho que faz uma gestão equilibrada. Por exemplo, todos os campeões nacionais das modalidades foram assunto de primeira página, os títulos europeus do Sporting em Futsal e Hóquei foram assunto de primeira página. Recentemente, as medalhas de ouro do Fernando Pimenta na Taça do Mundo também.

O número de páginas dedicadas ao futebol é claramente superior às que tratam das modalidades. Como explica essa situação?

É uma situação cultural. Pode haver pessoas que gostem de praticar outros desportos, mas do ponto de vista do espectador o futebol é dominador em relação aos outros. Tem uma plateia maior e isso reflete-se nos jornais. Tenho a ideia de que em Portugal a maioria das pessoas que gosta de Hóquei em Patins gosta de futebol. Mas a maioria das pessoas que gosta de futebol não gosta de Hóquei em Patins. E neste caso no lugar do hóquei em patins pode estar outra modalidade amadora qualquer.

